



A influência da problemática da complexidade na observação e interpretação do jogo de futebol

Abel Alfredo Sousa Pimenta

Orientador: Professor Doutor José Guilherme Oliveira

Relatório Final do Estágio Profissionalizante apresentado à
Faculdade de Desporto da Universidade do Porto com vista à obtenção do 2º
Ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Treino Desportivo
(Decreto-lei nº 74/2006, de 24 de Março).

Porto, abril de 2019

Ficha de Catalogação

Mestrado:

Pimenta, A. (2019). **A influência da problemática da complexidade na observação e interpretação do jogo de futebol.**

Relatório de Estágio Profissionalizante realizado no Clube Desportivo das Aves

Palavras chave: FUTEBOL, ANÁLISE DE JOGO, TREINO, ESTÁGIO



Agradecimentos

A elaboração deste trabalho teve o contributo essencial de um conjunto variado de pessoas, com as quais tive o privilégio de aprender e partilhar momentos únicos, que indubitavelmente me ajudaram a ser melhor em diversas dimensões. Assim sendo, agradeço:

Ao Professor Doutor José Guilherme, a pessoa mais importante do meu percurso académico e profissional, pelo modo como me ensinou, aconselhou e orientou desde o primeiro dia em que o procurei na Faculdade, até aos dias de hoje, onde continua a ser uma das minhas maiores referências;

Aos restantes professores do departamento de futebol, em particular àqueles que me acompanharam mais de perto no meu trajeto, Professor Doutor Daniel Barreira, Professor Doutor Filipe Casanova e Professor Doutor Júlio Garganta;

Aos entrevistados Daniel Sousa, Miguel Moita e Tiago Leal pela disponibilidade e espírito de partilha. São profissionais de excelência e os seus contributos foram determinantes para a elaboração deste trabalho. Muito obrigado;

Aos professores Vítor Frade e André Seabra pelos ensinamentos, apoio e pelo modo como sempre me transmitem a sua paixão pelo jogo de futebol;

Aos treinadores com os quais trabalhei, Eduardo Berizzo, Joaquin Caparrós, Fernando Valente, José Guilherme, Vincenzo Montella, António Ribeiro e Yoshitaka Yasuda;

Aos meus colegas e amigos das equipas técnicas/clubes nos quais trabalhei, Carlos Kizluk, Ernesto Marcucci, Enzo Maresca, Giacomo Venturi, Jesus Olivera, Jorge Saez, Luis Silva, Márcio Rocha, Mariano Uglessich, Simone Montanaro, Pablo Fernandez, Ramon Vazquez, Roberto Bonano, Roberto Nanni. Obrigado por tudo o que me ensinaram nos desafios e experiências que vivemos juntos;



Aos meus amigos André Pinto, Carlos Peito, Fábio Ferreira, Gabriel Silva, Jorge Maciel, Jorge Oliveira, Henrique Carvalho, Hugo Pereira, Miguel Medrano e Tiago Viana;

Ao Sr. Marinho, por ser um exemplo e pela sua preciosa ajuda em diferentes momentos e situações do meu caminho na Faculdade;

Aos meus sobrinhos e afilhados Luís, Pedro e Rafaela;

Por último, aos meus pais Alfredo e Isabel, ao meu irmão Armando e à minha namorada Bruna, que são os meus pilares e as pessoas mais importantes que tenho. Todas as palavras são poucas para descrever o que representam e a relevância que têm para mim. Cada um, à sua maneira, mas todos de uma forma complementar, transmitiram-me valores que considero fundamentais e que espero preservar ao longo da minha vida. Sem eles, seguramente que este trajeto e este trabalho não teriam sido possíveis.



Índice Geral

Agradecimentos	III
Índice Geral	V
Índice de Figuras	IX
Índice de Anexos	XI
RESUMO	XIII
ABSTRACT	XV
1. INTRODUÇÃO	3
1.1. Âmbito do relatório	3
1.2. Razões e expectativas para o estágio	3
1.3. Objetivos	4
1.4. Estrutura	4
2. CONTEXTUALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	9
2.1. Macro contexto	9
2.2. “Macro jogo” na 2ª Liga	11
2.2.1. Organização defensiva	11
2.2.2. Transição defesa-ataque	12
2.2.3. Organização ofensiva	12
2.2.4. Transição ataque-defesa	13
2.2.5. Bolas Paradas	14
2.3. Contextualização institucional	15
2.4. Contexto funcional	17
2.4.1. Caracterização da equipa técnica	17
2.4.2. Treinador adjunto-analista	17
2.4.3. Caracterização do plantel	19
3. MACRO CONTEXTO DE NATUREZA METODOLÓGICA E CONCETUAL	23
4. PROBLEMATIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA	29
4.1. O jogo da complexidade	29
4.2. Princípio Sistémico – A imprescindibilidade de pensar e atuar “Glocal”	31



4.3. Princípio Hologramático – O fractal como “ponto de partida e chegada” ...	38
4.4. Princípio da Autonomia/dependência (auto-organização) - As equipas de futebol enquanto sistemas autónomos – O jogo posicional das equipas de elite	41
4.4.1. A importância dos indicadores Específicos na organização defensiva das equipas de elite	48
4.5. Princípio dialógico - Ordem e Desordem – Inimigos ou aliados?	51
4.5.1. Criar “desordem” no futebol atual	55
4.6. Sensibilidade às condições iniciais	58
4.7. A perceção da complexidade e a complexidade da perceção - Será que vemos o jogo tal como ele o é?	62
4.7.1. O mundo e o jogo vistos por uma “peneira”	64
4.7.2. Educar a nossa atenção - Futebol como um jogo de espaços.....	67
4.7.3. A importância dos espaços na interação entre os jogadores nos diferentes momentos do jogo – “Espaços referência” e os “momentos de aceleração” em organização ofensiva	69
4.7.4. O processo defensivo das equipas de top – Um desafio perceptivo ..	76
5. REALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	85
5.1. Dimensão tática – O “ponto de mutação”	85
5.2. Observação da própria equipa	87
5.2.1. Analisando princípios	88
5.2.3. Observação da própria equipa no processo de treino	92
5.3. A dimensão estratégica e a sua relação com a análise dos adversários ..	101
5.3.1. Preparação da análise das equipas adversárias – Importância dos contextos	106
5.3.2. Observação das equipas adversárias	109
5.3.3. Influência no processo de treino/jogo da análise do adversário.....	113
5.3.4. Interpretação e representação do jogo dos adversários.....	122
5.4. Dificuldades sentidas e estratégias de intervenção.....	131
5.5. Sistema de controlo do trabalho desenvolvido	133
6. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL.....	137



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
7.1. Perspetivas para o futuro.....	145
8. Referências Bibliográficas	149
Anexos.....	i



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



Índice de Figuras

Figura 1 – Má ocupação de espaços interiores	36
Figura 2 - Gráfico de redes onde fica evidente a pouca interação entre os médios-centro e os avançados	37
Figura 3 - Pivô adversário com bola controlada nas costas dos nossos avançados	60
Figura 4 - Médio interior adversário a receber entrelinhas e a ligar com o extremo	61
Figura 5 - 1º Exercício - 10 + Apoio (Gr) x 10 + Apoio (Gr).....	94
Figura 6 - 2º exercício - 1º fase 4 x 4 => 2º fase 5 x 4 + GR.....	95
Figura 7 - 3º exercício - Jogos dos “espaços” – 3 espaços com situações de 4 (+1) x 4.....	97
Figura 8 - 4º exercício – Meíinho de 3 equipas de 7 jogadores.....	98
Figura 9 - 5º exercício - Situação de 2x1 com dois apoios	100
Figura 10 - Posicionamento(s)/Dinâmica(s) objetivadas para explorar espaço entre central-lateral.	112
Figura 11 - Exercício 10 + GR x 10 + GR	115
Figura 12 - Exercício 5 x 3 + GR	116
Figura 13 - Lateral passa ao avançado que surge no espaço alvo. Médio-ala ataca o espaço.	119
Figura 14 - Médio-ala ataca o espaço nas costas do lateral (por dentro) e recebe passe do avançado.	119
Figura 15 - Médio-ala após receber o passe do avançado dentro da área, passa ao outro avançado.....	119
Figura 16 - Avançado recebe e remata. Remate intercetado.	120
Figura 17 - Avançado ataca o espaço alvo nas costas do lateral. Médio-ala passa-lhe a bola.	120
Figura 18 – Após o passe para o avançado, o médio-ala desloca-se para espaços interiores.	120
Figura 19 - Avançado passa a bola novamente ao médio-ala.....	121



Figura 20 - Médio-ala recebe a bola dentro da grande área do adversário. Dribla e efetua um remate.	121
Figura 21 - Médio-ala passa ao médio-centro (situado no espaço-alvo). Lateral ataca a profundidade.	121
Figura 22 - Lateral ataca o espaço nas costas do lateral adversário e recebe passe do médio-centro.....	122
Figura 23 - Lateral recebe a bola e cruza, originando uma possível situação de finalização.....	122



Índice de Anexos

Anexo 1 - Entrevista Tiago Leal – Treinador adjunto/analista FK Shakhtar Donetsk.....	iii
Anexo 2 - Entrevista a Miguel Moita - Treinador adjunto/analista A.S. Mónaco.....	xviii
Anexo 3 – Entrevista a Daniel Sousa (treinador adjunto na equipa técnica do treinador André Villas-Boas).....	xliv



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



RESUMO

A incorporação de um elemento nas equipas técnicas de futebol, com responsabilidades direcionadas para a observação e interpretação do jogo, é cada vez mais frequente. Os treinadores, assim como os agentes desportivos pertencentes aos clubes, têm-se apercebido gradualmente das vantagens e possibilidades que uma figura com estas valências poderá proporcionar.

Neste sentido, o presente relatório tem como propósito fundamental, refletir sobre as funções do analista numa equipa técnica de futebol, partindo de constrangimentos e problemas que despontaram na prática. Assim sendo, pretendemos compreender de que modo tarefas como a avaliação do treino, a análise da própria equipa e dos adversários, poderão influenciar positivamente o desenvolvimento dos processos de treino e de jogo.

Este objetivo, foi consumado através de um estágio profissionalizante realizado no Clube Desportivo das Aves, mais concretamente, desempenhando funções de treinador-adjunto/analista. Desta forma, foi possível obter uma noção detalhada sobre a preparação de uma equipa profissional de futebol, nas suas diferentes vertentes.

Para nos auxiliar nesta reflexão acerca das vivências que emergiram durante o estágio, efetuámos entrevistas com analistas de elite, tendo também recorrido aos contributos de diversas áreas do conhecimento, com a problemática da complexidade como pano de fundo.

Como considerações finais, pretendemos sintetizar algumas ideias. Face a todas as experiências, reflexões e entrevistas realizadas, podemos concluir que a presença de um analista numa equipa técnica de futebol é essencial. A sua utilidade alcança vários âmbitos, visto que as informações recolhidas por este elemento, no domínio da análise de jogo, revelam-se fundamentais na implementação e desenvolvimento do modelo de jogo, no controlo e ajustamento do processo de treino, assim como no manuseamento da dimensão estratégica.

Palavras chave: FUTEBOL, ANÁLISE DE JOGO, TREINO, ESTÁGIO



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



ABSTRACT

The incorporation of an element in the technical teams of soccer, with responsibilities directed to the observation and interpretation of the game, is more and more frequent. The coaches, as well as the sports agents belonging to the clubs, have gradually become aware of the advantages and possibilities that a figure with these skills can provide.

In this sense, the main purpose of this report is to reflect on the functions of the analyst in a football team, starting from the constraints and problems that have emerged in practice. Therefore, we intend to understand how tasks such as the evaluation of the training, the analysis of the team and the opponents, can positively influence the development of the training and game processes.

This objective was consummated through a professional internship held at the Clube Desportivo das Aves, more specifically, having the role of assistant coach / analyst. In this way, it was possible to obtain a detailed notion on the preparation of a professional football team, in its different aspects.

In order to assist us in this reflection about the experiences that emerged during the internship, we conducted interviews with elite analysts and also turned to the contributions of several areas of knowledge, with the problematic of complexity as a background.

As final considerations, we intend to synthesize some ideas. Attending to all the experiences, reflections and interviews carried out, we can conclude that the presence of an analyst in a football team is essential. Its usefulness reaches several scopes, since the information gathered by this element, in the field of game analysis, are fundamental in the implementation and development of the game model, in the control and adjustment of the training process, as well as in the handling strategic dimension.

KEYWORDS: FOOTBALL, GAME ANALISYS, TRAINING, INTERNSHIP



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**

Lista de Abreviaturas

Fadeup – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

GR – Guarda-Redes

vs – contra



Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta



1.Introdução



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



1. INTRODUÇÃO

1.1. Âmbito do relatório

O presente relatório de formação em exercício, surge como parte integrante da realização do estágio profissionalizante do 2º ciclo em Treino Desportivo da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Desde modo, procedemos à elaboração de um documento que pretende refletir sobre as vivências na época 2014/2015 no Clube Desportivo das Aves, enquanto treinador adjunto com responsabilidades direcionadas para a observação, análise e interpretação do jogo de futebol.

1.2. Razões e expectativas para o estágio

A possibilidade de efetuar o estágio na equipa sénior do Clube Desportivo das Aves como treinador-adjunto da equipa técnica, revelou-se uma excelente oportunidade. Constituindo-se como um passo importante na minha formação enquanto treinador, uma vez que, pela primeira vez, integraria um plantel profissional de futebol.

A exigência intrínseca a um contexto deste género, foi aliciante e ao mesmo tempo um grande desafio para mim. Pude trabalhar com um treinador e uma equipa técnica de excelência, com os quais aprendi imenso.

Creio que terá sido, muito provavelmente, uma das experiências mais enriquecedoras na minha carreira. Antes de iniciar esta aventura, pela confrontação com uma realidade nova e complexa para mim, sentia que seria muito marcante. E de facto, não só correspondeu às minhas expectativas, como as superou. Diariamente fui exposto a problemas, de várias ordens, que me obrigaram a uma procura permanente por novas soluções.

Os constrangimentos com os quais lidei, permitiram desenvolver-me a vários níveis, não unicamente no plano profissional, mas também no pessoal.



1.3. Objetivos

Para a elaboração do presente trabalho delineámos dois grandes objetivos, fortemente correlacionados. O primeiro objetivo deste relatório foi refletir sobre as funções do treinador-adjunto/analista, à luz da prática no contexto do clube. Ou seja, meditar sobre as suas tarefas e a forma como estas podem adequar e transformar positivamente o processo de preparação de uma equipa. Recorrendo paralelamente a ideias e reflexões extraídas das nossas entrevistas com analistas de elite, assim como a contributos da literatura desta temática.

O nosso segundo objetivo, foi tentar retratar o modo como a problemática da complexidade, tem vindo a influenciar a maneira como o jogo de futebol é estudado e representado. Para isso, utilizando novamente vivências da prática, recorreremos a contributos e conceitos deste paradigma, para melhor compreender os problemas que emergem a quem observa e interpreta o jogo de futebol.

Neste sentido, mais do que abordar e tratar a complexidade de uma forma descontextualizada, pretendemos encontrar os pontos de relação entre esta problemática e a análise do jogo de futebol, para um maior entendimento do mesmo.

1.4. Estrutura

O capítulo 1 constitui-se como a “Introdução”, na qual enquadrámos o presente trabalho, a sua pertinência e finalidade. São delineados os objetivos e por último, explicitamos a estrutura deste relatório.

O capítulo 2, no qual realizamos a “Contextualização e enquadramento da prática profissional”, discorreremos sobre vários temas. Inicialmente, surge a caracterização do contexto competitivo no qual está inserido o estágio, desde



várias perspetivas. Em seguida, elaborámos a contextualização institucional e por último, finalizámos com a contextualização funcional.

No capítulo 3, englobámos o “Macro contexto de natureza metodológica e concetual”, no qual tratámos de refletir sobre ideias chave, relativamente à evolução da análise e interpretação do jogo de futebol.

Durante o capítulo 4, albergámos a “Problematização e desenvolvimento da prática”. Nele, iniciamos a nossa reflexão no território da complexidade, em comunhão com os constrangimentos que emergiram durante o período de estágio.

O capítulo 5 é composto pela “Realização e desenvolvimento da prática profissional”, direccionado para a caracterização das tarefas efetuadas no contexto do clube.

No capítulo 6 refletimos acerca do “Desenvolvimento Profissional”.

O capítulo 7 é destinado às considerações finais, no qual efetuámos uma reflexão síntese, acerca das experiências vivenciadas.

Por último, o capítulo 8, que se destina às referências bibliográficas.



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



2.Contextualização e enquadramento da prática profissional



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



2. CONTEXTUALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

2.1. Macro contexto

“A compreensão profunda do contexto em que o treinador se insere permite-lhe antecipar cenários e prever situações. Em todo o momento, devo pensar: se tal situação acontecer, tal pessoa irá reagir de tal forma. Se fizer essa reflexão antecipadamente, estarei melhor preparado para adotar a posição certa.” (Vitória, 2014, p. 111).

O estágio foi realizado na equipa sénior do Clube Desportivo das Aves, desempenhando a função de treinador adjunto, com responsabilidades direcionadas para a análise de jogo.

O Clube Desportivo das Aves militava na 2ª Liga de futebol, portanto um contexto de futebol profissional, apresentando assim algumas especificidades que deverão ser tidas em consideração:

- Os resultados desportivos obtidos nas competições onde os clubes estão envolvidos, são a principal forma de avaliação do desempenho dos seus treinadores. De tal modo, que no final da primeira volta da época em questão, existiram 12 alterações de treinadores em 24 clubes. Ou seja, metade dos clubes mudaram de treinador principal na primeira fase do campeonato;
- A exposição mediática é maior nestes contextos, tornando a influência da comunicação social e dos associados dos clubes fatores importantes. Rui Vitória (2014) alerta-nos precisamente para este facto referindo que, fora do terreno de jogo, existem elementos que exercem influência sobre a partida, e que o treinador tem um papel importante na gestão destas interações;



“Antes de sair por aquela porta e enfrentar o mundo, treinei-me, preparei-me mentalmente. A experiência ajudou. Nas minhas sextas-feiras de conferências de imprensa cheguei a um ponto em que já vislumbrava a linha que determinado jornalista ia seguir.” (Ferguson, 2014, p. 266).

- Atendendo que, do ponto de vista financeiro, movimentam valores consideráveis, torna-se cada vez mais um contexto aliciante para alguns intervenientes. Por exemplo, os agentes desportivos e os “investidores” que, paulatinamente, têm conquistado poder de influência no seio dos clubes;

“A história tem início quando Tévez estava no West Ham e David Gill recebeu uma chamada do seu empresário, dizendo que o rapaz adoraria jogar pelo Manchester United. David já tinha escutado estes apelos muitas vezes, era quase uma rotina os empresários entrarem em contacto connosco...” (Ferguson, 2014, p. 221).

- A relação do treinador com os responsáveis do clube é muito importante. Trata-se de uma relação que exige ao treinador uma grande capacidade de integração e adaptação positiva (Ancelotti & Ciashini, 2013);

“Preciso de saber, relativamente aos dirigentes, que tipo de pessoas são, como devemos tratá-los ou como comunicar com eles.” (Vitória, 2014, p. 110).

Em suma, com os aspetos supracitados nos pontos anteriores, o nosso objetivo foi alertar para a complexidade presente nestes contextos. Sendo que esta complexidade acrescida, em muito se deve à interação de outras variáveis que não propriamente àquelas que ao jogo ou treino dizem respeito. Deste modo, e embora neste trabalho o nosso objeto de estudo seja outro, consideramos fundamental que o treinador consiga gerir positivamente todas estas variáveis. Na medida em que estas poderão hipotecar ou catalisar o rendimento de uma equipa de futebol.



2.2. “Macro jogo” na 2ª Liga

Após cerca de uma centena de jogos observados (de forma direta e/ou indireta) tornou-se possível, ainda que de uma forma subjetiva, sintetizar alguns padrões de jogo relativos às equipas da 2ª Liga. Neste sentido, nos pontos seguintes tentaremos descrever algumas dessas regularidades evidenciadas.

2.2.1. Organização defensiva

“... as equipas têm evoluído muito do ponto de vista defensivo, porque em função da quantidade de estudos, de análises, do conhecimento que tem sido gerado nos últimos anos em futebol, as equipas tendem a ser mais organizadas sobretudo do ponto de vista defensivo, porque é mais fácil. É mais fácil trabalhar o jogo sem bola do que o jogo com bola.” Tiago Leal (anexo 1)

Este é o momento do jogo no qual as equipas revelam maior competência na 2ª Liga. As equipas privilegiam a defesa zonal sendo que, de um modo geral, revelam bastante organização no modo como coletivamente condicionam e reduzem espaços aos adversários.

Entre vários aspetos positivos, podemos destacar a forma compacta como defendem, horizontalmente e verticalmente, deixando poucos espaços entre setores e tentando condicionar o jogo do adversário para os corredores laterais. Podemos evidenciar também a sintonia com que reconhecem alguns indicadores de pressão, assim como a eficácia no controlo da profundidade, mais particularmente a gestão do espaço nas costas da linha defensiva.

Referir ainda que, neste momento de jogo, as equipas a jogar fora de casa usualmente apresentam-se num bloco intermédio/baixo, com um comportamento mais passivo defensivamente, em espera. Por outro lado, a jogar em casa, manifestam maior agressividade, procurando em zonas mais altas condicionar a construção de jogo do adversário.



2.2.2. Transição defesa-ataque

De um modo comum, as equipas apresentam uma boa articulação entre os momentos de organização defensiva e transição defesa-ataque. A maior parte tem uma forte mudança de atitude nestes momentos, manifestando grande agressividade e tentando explorar os espaços deixados pelos adversários. No entanto, denota-se uma preferência pelo risco, em detrimento da segurança, nos instantes seguintes à recuperação da posse de bola. Assim sendo, evidencia-se uma forte verticalização do jogo, pela busca da profundidade. Concretizando-se muitas vezes pelo retirar da bola da zona de pressão, ligando rapidamente nos jogadores da frente. Ora no(s) ponta de lança(s) mais em apoio frontal, ora nos extremos, sobretudo o do lado contrário, para explorar a profundidade.

Desse modo, devido à vertigem com que a maior parte das equipas aborda os momentos de transição defesa-ataque, possivelmente como consequência da menor capacidade em sustentarem o seu jogo em organização ofensiva, torna-se frequente criar-se um “jogo de transições”. Isto, por sua vez conduz a que as equipas gradualmente vão ficando desorganizadas e alongadas no terreno de jogo. Pelo que é relativamente normal que estas sofram golos num contra-ataque do adversário após um contra-ataque da própria equipa, em “contra transição”.

2.2.3. Organização ofensiva

Na nossa perspetiva, este é o momento de jogo no qual as equipas revelam menor competência e versatilidade. Uma parte significativa destas, não consegue ter a circulação em posse como um meio para, consistentemente, alcançar situações de finalização. Elegendo predominantemente um estilo de jogo direto, sobretudo para alcançarem o último terço.

Algumas das regularidades evidenciadas, neste momento de jogo, pelas equipas são as seguintes: início de jogo através dos centrais, que abrem



permitindo a projeção dos laterais e a aproximação de um ou dois médios. Nestes casos, nota-se uma alternância entre jogo curto e longo, sendo que o jogo curto envolve de forma mais evidente a participação dos médios ou dos extremos em zonas interiores. Por seu turno, no jogo longo, verifica-se uma predominância na exploração do extremo ou do lateral do lado contrário através de passes longos em diagonal. Em função da eficácia deste comportamento, poderá haver a tentativa de criar situações nos corredores laterais de 1x1 ou 2x1 com a incorporação do lateral. Estas traduzem-se habitualmente em cruzamentos com a devida ocupação das zonas de finalização. Ainda no jogo longo, salientar também a utilização do(s) ponta(s) de lança, normalmente para segurar e/ou devolver nos médios que se aproximam, ou para “pentear” e explorar os espaços nas costas da linha defensiva através de diagonais dos extremos.

Em suma, os desequilíbrios criados pelas equipas fundamentam-se, sobretudo, em situações de jogo exterior ou jogo direto, denotando-se pouca capacidade de jogo interior.

2.2.4. Transição ataque-defesa

A generalidade das equipas revela uma forte reação à perda da posse de bola, tentando condicionar de forma imediata o portador e as possíveis ligações. Nestes instantes, algumas nuances poderão ser identificadas. Determinadas equipas referenciam-se mais pelo “homem” no modo como pressionam e fazem as vigilâncias, enquanto que outras parecem preferir adotar comportamentos mais zonais. Caso não consigam reconquistar a bola nos momentos seguintes à perda, as equipas normalmente na sua reorganização defensiva optam por baixarem no terreno, para se reorganizarem e retirarem espaços na profundidade.

Face ao exposto, estamos perante um contexto de equipas bem organizadas defensivamente, com blocos baixos, densos e pressionantes. Como



mencionámos anteriormente, os comportamentos manifestados no momento de transição defesa-ataque, são a principal forma de criação de desequilíbrios nos adversários. Na sua maioria, as equipas não revelam muita capacidade para, em organização ofensiva, utilizarem a circulação da bola como meio para desorganizarem os seus opositores e criarem situações de finalização.

No entanto, importa ainda salientar que as bolas paradas, à semelhança do que acontece na 1ª Liga portuguesa e noutras ligas internacionais, têm conquistado cada vez maior relevância (Bessa, 2009).

2.2.5. Bolas Paradas

As bolas paradas são momentos chave, assumindo uma importância singular no desfecho dos jogos (Bessa, 2009). Na 2ª Liga, de acordo com Macedo (2014), assim como na 1ª Liga conforme Fonseca (2012), as bolas paradas e as ações que lhes sucedem são instantes propícios à ocorrência de golo. Portanto, em algumas divisões e competições, estas são mesmo as situações de jogo que mais golos originam (Bessa, 2009).

Existem alguns aspetos que poderão estar a contribuir para este acréscimo de importância das bolas paradas. Os treinadores, gradualmente, têm dedicado cada vez mais tempo ao treino destas situações, reconhecendo a importância da organização nestes momentos. Além disso, tentam inovar e surpreender o adversário nestas circunstâncias, reconhecendo o contributo que poderão ter no resultado do jogo (Bessa, 2009). Na 2ª liga, o estilo de jogo mais direto e a menor dimensão dos campos, acabam por gerar maior contacto e propiciar eventualmente que mais faltas sejam assinaladas.



2.3. Contextualização institucional

2.3.1. Caracterização do Clube

O Clube Desportivo das Aves está sediado no concelho de Santo Tirso, mais propriamente na Vila das Aves. Trata-se de um clube fundado no dia 12 de Novembro de 1930, pertence à Associação de Futebol do Porto, sendo um dos símbolos da sua região, devido à visibilidade alcançada nos campeonatos profissionais de futebol. Destaca-se, no seu palmarés, as quatro subidas ao escalão máximo do futebol português alcançadas em 1985, 2000, 2005 e 2017, assim como a conquista da Taça de Portugal em 2018.

No que diz respeito ao seu património material, conta com um estádio com capacidade para cerca de 8 mil lugares, no são realizados os treinos e os seus jogos em casa. Este dispõe de três balneários (encontrando-se o balneário da equipa da casa equipado com banheira de hidromassagem e banho turco), posto médico, gabinete para a equipa técnica, sala de controlo *Antidoping*, secretaria, sala da direção e sala de conferência de imprensa, também utilizada na visualização de vídeos.

2.3.2. Competições

Ao longo do período de estágio, o clube esteve presente em três competições, nomeadamente o campeonato da 2ª Liga, a Taça de Portugal e a Taça da Liga.

2ª Liga

Na época 2014/2015, a disputa desta competição foi alargada para 24 equipas. Neste sentido, estivemos perante uma competição com cerca de 10



meses, que se iniciou no dia 9 de Agosto de 2014 e terminou no dia 25 de Maio de 2015. O clube alcançou o 4º Lugar na temporada anterior, o que criou fortes expectativas para a época 2014/2015 nesta prova.

Taça de Portugal

A Taça de Portugal é uma prova de grande importância no panorama futebolístico nacional. Esta competição, atualmente é disputada através de um sistema de eliminatórias a uma mão, exceto nas meias-finais realizada a duas mãos. Nela competem clubes da 1ª Liga, 2ª Liga, Campeonato de Portugal e alguns da divisão de Elite Pro-Nacional (vencedores das Taças Distritais).¹

O Clube Desportivo das Aves venceu esta prova na temporada 2017/18 pela primeira vez na sua história.

Taça da Liga

A Taça da Liga² é uma competição disputada por clubes da 1ª e 2ª Liga (exceto equipas B) e foi criada na época 2007/2008. Operacionaliza-se através de um sistema misto, constituído por duas fases de grupos intercaladas com uma eliminatória, seguidas de meias-finais e final.

O Clube Desportivo das Aves tem um percurso modesto nesta competição, sendo que a melhor prestação que obteve foi na época 2010/2011, alcançando a 2ª fase de grupos da competição.

Elevada Densidade de Jogos

Tal como referido anteriormente, na época em questão, a implementação do novo formato competitivo para a 2ª Liga, ampliou a disputa do campeonato

¹ Consultado a 21/02/2015 em https://pt.wikipedia.org/wiki/Taça_de_Portugal

² Consultado a 25/02/2015 em https://pt.wikipedia.org/wiki/Taça_da_Liga



para 24 clubes em 46 jornadas. Isto, implicou um aumento da densidade de jogos para as equipas, tendo sido muito frequente existirem 2 ou 3 jogos por semana.

2.4. Contexto funcional

2.4.1. Caracterização da equipa técnica

A equipa técnica era composta por 5 elementos, designadamente, um treinador principal, três treinadores adjuntos e um treinador de guarda-redes. Cada um dos adjuntos estava mais centrado em determinadas áreas, ainda que interagíssemos e partilhássemos funções permanentemente. Um deles estava mais incumbido de gerir questões relacionadas com a performance física da equipa e com a prevenção de lesões. Outro estava responsável pelas bolas paradas, tendo ainda um importante papel na gestão de aspetos relacionados com o grupo, com os estágios e as viagens. Por fim, eu era o treinador adjunto cuja responsabilidade se centrava na análise do jogo da própria equipa, dos adversários e do processo de treino.

2.4.2. Treinador adjunto-analista

A incorporação de um elemento nas equipas técnicas de futebol com responsabilidades direcionadas para a observação, análise e interpretação do jogo é cada vez mais frequente. Os treinadores, assim como os diversos agentes envolvidos no futebol, progressivamente têm-se apercebido das vantagens que a presença de uma figura com estas valências poderá proporcionar.

“Sem dúvida, este novo perfil no âmbito do futebol, igualmente ao que sucedeu com outros, irá integrando-se paulatinamente nas equipas técnicas das diferentes equipas aportando uma nova visão que complementar­á o trabalho do treinador” Vicente del Bosque (citado por Pedreño, 2014, p. 14)



“O treinador adjunto esquerdo – a sua função principal é a análise, tanto da nossa equipa como das equipas adversárias. É um colaborador em quem deposito toda a minha confiança, que está perfeitamente identificado com o meu jogar... tem um papel decisivo nestas matérias, é uma peça fundamental no corpo técnico.” (Vitória, 2014, p. 38)

De uma forma geral, este elemento será o principal responsável pelo estudo da própria equipa, dos adversários e do processo de treino. Numa fase posterior deste documento, abordaremos com maior detalhe cada uma destas áreas e tarefas. No entanto, paralelamente, ao longo do trabalho refletiremos também sobre alguns pontos diretamente relacionados com este tema, tendo a problemática da complexidade como “pano de fundo”. Relacionando-a estritamente com os problemas que emergem na interpretação do jogo de futebol, de modo a podermos alcançar uma compreensão mais ajustada do mesmo.

Como mencionado anteriormente, desempenhei na equipa técnica do Clube Desportivo das Aves o papel de treinador adjunto-analista. A minha principal área de intervenção traduzia-se na realização de relatórios em vídeo relativos ao desempenho da equipa, dos jogadores e dos adversários. Porém, tendo também responsabilidades secundárias nas tarefas de planificação e operacionalização do processo de treino.

Normalmente, o ciclo de tarefas iniciava-se com a criação, para posterior apresentação, de um relatório em vídeo sobre o nosso jogo anterior. Neste, eram compilados todos os lances que considerávamos importantes mostrar à equipa. Parte deles de forma a reforçar comportamentos positivos identificados na equipa e nos jogadores e, por outro lado, alguns lances que fossem representativos de aspetos a melhorar.

Estes vídeos eram apresentados numa sala própria para o efeito, pelo treinador principal, e enviados para toda a equipa. Eram também elaborados e apresentados vídeos individuais para alguns jogadores, caso assim fosse



pertinente. Para além destas tarefas, tinha também como responsabilidade a criação de exercícios, que eventualmente pudessem dar resposta no processo de treino a alguns dos problemas identificados na equipa e/ou nos jogadores.

Normalmente, dois dias antes do jogo era mostrado o vídeo do adversário. Nesta apresentação, à semelhança do que aconteceu durante a semana de treinos, procurávamos elucidar os jogadores relativamente ao modo de jogar do adversário. Mas, mais importante, ao longo desse processo pretendíamos que percebessem como através da nossa forma de jogar, poderíamos contornar os problemas que eventualmente nos seriam impostos e como nós poderíamos criar desequilíbrios no adversário. O objetivo era impor a nossa ideia de jogo. Caso fosse necessário, eram compilados vídeos de alguns jogadores chave da equipa adversária. Estes, conforme as circunstâncias, seriam posteriormente apresentados a alguns jogadores individualmente (por exemplo algumas ações padrão do extremo esquerdo da equipa adversária, para mostrar ao nosso lateral direito).

Sob minha responsabilidade estava também a gravação de alguns treinos, quando tal era considerado relevante pela equipa técnica. Este procedimento, tinha como propósito fazer a gravação para posterior avaliação de alguns exercícios. Ou seja, verificar se os objetivos táticos pré-determinados para os mesmos eram cumpridos. No entanto, pretendíamos também com este procedimento analisar o compromisso no treino de alguns jogadores. Após alguma reflexão, considero que o estudo do processo de treino é um aspeto que poderia ter sido mais aprofundado e realizado de um modo sistemático.

2.4.3. Caracterização do plantel

O nosso plantel era constituído por vinte e seis jogadores, dos quais três eram oriundos do futebol de formação do clube. Este grupo, continha algumas singularidades. Por exemplo, era um plantel com vários jogadores veteranos,



com muita experiência nas ligas profissionais. Porém, tínhamos também muitos jogadores jovens, ainda a despontar no futebol profissional.

Outra particularidade deste grupo, tinha que ver com as diferentes origens dos seus jogadores, ainda que esta característica seja cada vez mais transversal nas equipas profissionais. No total, tínhamos cinco nacionalidades distintas, com a portuguesa incluída.



3. Macro contexto de natureza metodológica e concetual



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



3. MACRO CONTEXTO DE NATUREZA METODOLÓGICA E CONCRETUAL

Gradualmente os treinadores têm-se apercebido das suas limitações quando observam um jogo de futebol. Algumas destas, elencadas por Carling e colaboradores (2005) e Garganta (2008) são, por exemplo, o campo visual diminuído (que normalmente se mantém focado em seguir o centro de jogo), o que, por sua vez, não lhes permite terem uma noção geral do comportamento da equipa. O posicionamento do banco de suplentes também não é favorável, impedindo em alguns casos, que consigam ver a totalidade do campo e todos os jogadores. Outras limitações a apontar são a natural limitação da memória humana, o efeito das emoções e a parcialidade ou efeito Halo³.

Alguns estudos realizados comprovaram esta tese, sendo que Garganta (2001) destaca os realizados por Frank & Miller em 1986. Estes autores demonstraram que os treinadores, quando questionados acerca dos eventos do jogo, revelam taxas de acerto muito baixas, inferiores a 45%. Tal expressa uma perceção desajustada do jogo, possivelmente devido a alguns dos fatores supra mencionados.

A constatação e consciencialização de algumas destas limitações foi despertando nos treinadores uma necessidade. Pretendiam conseguir ter uma maior capacidade de avaliação do rendimento da sua equipa e dos adversários, de forma a estarem mais preparados para lidar com os momentos de competição. Para que esta carência fosse colmatada, a figura do analista começou a ganhar alguma preponderância.

Por esta altura, sob influência de um paradigma cartesiano, o foco das observações realizadas era sobretudo determinado em aspetos quantitativos da dimensão física ou técnica do jogo (Garganta, 2001). Este, era predominantemente visto de uma forma redutora e pouco interativa. As recolhas de dados baseavam-se na quantificação das distâncias percorridas. Assim como

³ Trata-se de uma “distorção” cognitiva que acontece quando as pessoas emitem juízos sobre uma pessoa influenciados por uma impressão, seja ela positiva ou negativa. Thorndike (citado por Pedreño, 2014, p. 21)



na identificação de um modo analítico, do número, tipo e frequência das ações realizadas pelos jogadores, através da denominada análise tempo-movimento (Garganta, 1997). Ou seja, os pilares conceituais e metodológicos da investigação e da aplicação, fundavam-se em paradigmas que preconizavam o fracionamento do jogo em partes (Garganta, 2013). Existindo uma excessiva fragmentação e, conseqüentemente, deturpação da essência do mesmo.

Tendo isto em conta, os investigadores e os analistas foram percebendo que centrarem as suas análises em dados quantitativos pouco ecológicos, era insuficiente para retirarem conclusões válidas acerca dos seus objetos de estudo (Garganta, 1997). Isto, por sua vez levou-os a questionar os métodos até então utilizados e a procurar novas respostas para os seus problemas.

Por esta altura, a emergência da problemática da complexidade despertou algum interesse na sociedade em geral. As Ciências do Desporto, começaram também a ser contagiadas por estas ideias.

Investigadores e autores como Deleplace (1979), Frade (1985) ou Gréhaigne (1989) tiveram uma forte influência na orientação desta temática para novos caminhos (Garganta, 1997). Na medida em que estes autores consideraram o jogo de futebol enquanto um fenómeno eminentemente complexo. Centrando parte das suas preocupações nas relações de cooperação-oposição entre duas equipas, enquanto sistemas dinâmicos em confronto (Garganta, 1997).

Neste sentido, consideramos que estas pequenas mudanças produzidas tiveram grandes implicações na forma como se passou a interpretar o jogo de futebol. Houve um reconhecimento da complexidade das relações que o constituem e desse modo da importância da existência de princípios de ação que possam modelar e coordenar essas interações (Gréhaigne & Godbout, 1995). Pelo que se impõe que o jogo seja percebido e concebido a partir da especificidade dessa complexidade (Garganta, 1997). Assim sendo, passou-se a estudar todas as dimensões do jogo de um modo mais dinâmico e interativo. Reconhecendo-se o jogo do ponto de vista sistémico e a importância das suas interações, subvalorizadas até então.



Estas transformações, progressivamente, mudaram o foco de investigadores, treinadores e observadores, que começaram a salientar a importância da “tática”, que figurava num papel secundário até esse momento.

Numa fase posterior deste trabalho, abordaremos com maior detalhe, as mutações que o conceito de tática foi também sofrendo ao longo deste processo. O seu entendimento, no seguimento da lógica que temos vindo a evidenciar, também se complexificou. Deixou de ser uma dimensão independente e separada das demais. Adquirindo um papel fundamental no processo de construção de uma forma de jogar, devido à capacidade que possui para modelar as interações do “sistema”, da equipa de futebol.

Deste modo, corroboramos a ideia mencionada por Garganta (2001), autor que salienta a importância da consciencialização da influência da tática nos jogos desportivos. A qual despontou uma nova tendência de investigação, pois a tática tornou-se na “porta principal” de acesso à compreensão do futebol, enquanto objeto de estudo (Garganta, 1997).

Para terminar este roteiro, referenciar que o desenvolvimento tecnológico, apesar de não ser o cerne deste trabalho, teve também um papel muito útil na valorização das tarefas do analista.

Inicialmente, as ferramentas de registo eram sobretudo o lápis e o papel. Mais tarde, em comunhão com o progresso tecnológico foram surgindo outros elementos como os dictafones e os computadores, que facilitaram o processo de recolha e processamento de dados (Garganta, 2001).

Atualmente, existem também programas especialmente desenhados para a análise de jogo. Uns direcionados para a digitalização, outros para o tratamento estatístico e ainda aqueles que permitem, de forma mais eficiente, a categorização das ações do jogo como o *Sportscore* (Pedreño, 2014).

Em suma, estes recursos tecnológicos permitiram melhorar a qualidade das análises, tanto as de cariz quantitativo como qualitativo, ajudando a reforçar as funções do analista.



Portanto, resumidamente, poderemos evidenciar dentro da evolução da função do analista, três aspetos importantes e que tiveram uma grande influência no desenvolvimento da mesma:

- O desenvolvimento instrumental e tecnológico;
- O reconhecimento das equipas de futebol enquanto sistemas complexos;
- O reconhecimento da importância da tática no jogo de futebol.

Ao longo deste relatório, trataremos de abordar, com maior profundidade, os dois últimos pontos. Consideramos que a compreensão ajustada dos conceitos e pressupostos que lhes atendem é muito importante para enquadrar corretamente alguns dos problemas que emergem na interpretação do jogo de futebol.

Neste sentido, tendo sempre presente a problemática da complexidade, recorreremos também aos contributos prestados por algumas áreas ou teorias não diretamente relacionadas com as Ciências do Desporto. Na nossa perspetiva, poderão ser relevantes para tratarmos, de forma mais ajustada, o tema em questão. Entre os quais poderemos, desde já, denotar a Teoria Fractal de Benoit Mandelbrot, a Teoria do Caos e os respetivos contributos de Edward Lorenz e James Gleick, as ideias de Fritjof Capra para os “sistemas vivos”, as “*affordances*” de James Gibson e as “imagens mentais” do neurocientista António Damásio.



4. Problematização e desenvolvimento da prática



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



4. PROBLEMATIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA

4.1. O jogo da complexidade

“Para perceber o jogo, para entender o que se está a passar tem de se compreender o filme todo, não só quando o protagonista entrou no quarto e fez qualquer coisa, porque entrou lá? para quê? se vai sair depois, o que vai fazer, isto é o mais importante, o enredo, procurar o enredo...”

Garganta (Pedreño, 2014, p. 116)

Embora muitos dos hábitos e conceções de um paradigma mais reducionista continuem vigentes em alguns aspetos, consideramos que progressivamente tem existido uma maior preocupação em entender o jogo na sua globalidade, respeitando e atendendo à sua complexidade.

Contudo, tal entendimento nem sempre se verificou. Durante muito tempo, como forma de interpretação da generalidade dos fenómenos, sendo que o futebol não foi exceção, foram utilizadas abordagens profundamente influenciadas pelo pensamento científico de René Descartes (Morin, 1995, 2005).

Um dos exemplos mais representativos das limitações apontadas ao pensamento cartesiano, é o projeto para a descodificação do genoma humano, vulgarmente conhecido como o “segredo da vida” (Maciel, 2008). O objetivo seria conseguir decifrar o Homem através das partes, dos genes, o que até então se revelou ineficaz. Mas, se dois animais de uma mesma espécie são geneticamente muito semelhantes, o que fará com que cada um de nós seja único?

Essa diversidade, eventualmente terá por base a forma como os genes se relacionam e manifestam, ou seja, o segredo estará nas interações. Por isso, a importância das interações é algo que estará transversalmente evidenciado ao longo do nosso trabalho, porque são elas, porventura, a chave para o devido entendimento da complexidade.



No entanto, durante muito tempo, vivemos sob a influência de princípios e conceitos que preconizavam a “separação” e a “redução”, como meios para a compreensão do mundo onde vivemos (Morin, 2005).

“A causa profunda do erro não está no erro de facto (falsa percepção) ou no erro lógico (incoerência), mas no modo de organização do nosso saber em sistema de ideias” (Morin, 1995, p. 14)

Este sistema de organização de ideias incorporado pela sociedade, que inclusive, nos trouxe benefícios em alguns ramos científicos, tem vindo a ser confrontado com a problemática da complexidade, em virtude das reconhecidas limitações que lhe são apontadas.

O novo paradigma, proposto por Morin (1995), sugere-nos um modo diferente de perceber o mundo, no qual os fenómenos possam ser entendidos e tratados sem que nunca se perca o sentido do todo.

Contudo, tal não implica que estes sejam apenas analisados de um modo geral ou genérico. Pelo contrário, significa que perante a intenção de reduzir a complexidade de um determinado fenómeno ou objeto, algo por vezes necessário para uma melhor compreensão do mesmo, jamais poderemos provocar o seu deterioramento (Reis, 2018). O que, na nossa perspetiva, importa também transportar para a forma como contemplamos e interpretamos o jogo.

Conforme mencionam Garganta & Silva (2000), um dos problemas fundamentais do jogo de futebol reside na sua complexidade, que faz com que a análise de um nível do sistema implique ter em consideração as articulações e interações que ligam os seus diferentes níveis.

Pelo que, a compreensão do jogo de futebol, requer cada vez mais ideias e conceitos inclusivos, que respeitem precisamente a sua complexidade e que permitam perceber o modo como as equipas e os jogadores se relacionam, face aos diferentes cenários que o jogo promove (Garganta, 2005).



Neste sentido, ao invés de unicamente decompor e separar, o analista deverá ser alguém que consiga estabelecer nexos, compreender os elos de ligação e pontos de relação no jogo.

Como refere Capra (1996, p. 76): *“embora seja verdade que todos os organismos vivos sejam, em última análise, feitos de átomos e de moléculas... Existe alguma coisa mais na vida, alguma coisa não-material e irreduzível - um padrão de organização.”*

Realizando uma analogia, também o jogo observado desde um plano mais superficial, seja apenas uma mera soma de passes, remates ou dribles. Contudo, ele é de facto algo mais.

Nesta lógica, nos pontos seguintes trataremos de abordar princípios ou conceitos que emanam da problemática da complexidade, parte deles suportados em problemas originados no âmbito do clube, que nos ajudem a melhor interpretar o jogo.

4.2. Princípio Sistémico – A imprescindibilidade de pensar e atuar “Glocal”⁴

“Considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer, particularmente, as partes.”

Blaise Pascal (citado por Morin, 2003, p. 94)

O princípio sistémico poderá ser considerado quase como um “supra princípio” no paradigma da complexidade. Ele relaciona-se profundamente com vários outros princípios que serão abordados neste trabalho e permite-nos também tecer algumas ideias, que se deverão ter em atenção, quando se interpreta o jogo de futebol. Em comunhão com um outro princípio destacado por Morin (1995), o da “recursividade organizacional”, o princípio sistémico alerta-nos para os efeitos recíprocos que os elementos dos sistemas exercem uns

⁴ (Garganta, 2014)



sobre os outros. Para o modo como são ao mesmo tempo influenciadores e influenciados, através de uma lógica interativa e de causalidade não linear (Morin, 2005). Assim como, da imprescindibilidade de para se conhecer o sistema na sua totalidade, ser necessário conhecer-se todos os seus subelementos (Morin, 1995).

Neste sentido, e no âmbito do futebol, se evidentemente nos deveremos preocupar com o comportamento da equipa do ponto de vista coletivo, não menos importante é perceber as interações setoriais, intersetoriais ou grupais que servirão de suporte ao plano macro da equipa. Ou seja, em alguns momentos, eventualmente, será uma adequada intervenção num aspeto micro ou meso que permitirá que a equipa, na sua globalidade, possa melhorar o seu desempenho.

Contudo, mais uma vez, lógicas aparentemente simples revestem-se de “camuflagens” de complexidade. Na medida em que nem sempre os problemas que nós delimitamos se circunscrevem àquilo que julgamos.

Tudo se relaciona com tudo, nesse sentido é fundamental entender que quando se analisa “algo” no jogo de futebol, esse “algo” emerge de um conjunto de circunstâncias e envolve consigo um agregado de relações. Não poderá ser colocado “*in vitro*” e analisado de modo independente do contexto que representa. Ao invés disso, deverá ser percecionado e interpretado de acordo com essa complexidade. Não se deve desprezar as interações.

Poderá parecer um tema fora do contexto, mas os transplantes são um exemplo daquilo que tentamos evidenciar. Por vezes, um indivíduo que sofre de disfunções hepáticas é sujeito a um transplante de fígado na perspetiva de vir a melhorar a sua saúde. Ou seja, ele muda uma parte “má” do seu corpo para uma considerada melhor. Contudo, por vezes, surge um fenómeno vulgarmente designado de “rejeição”. Isto acontece porque o órgão novo (a parte) não consegue interagir corretamente com o organismo e os seus elementos. Ocorre quando o “*sistema imunológico do recetor, responsável por combater as*



ameaças externas, não reconhece o novo tecido e passa a produzir anticorpos contra ele".⁵

Portanto, o que parece linear, na maior parte das vezes não o é. Seria de supor que um órgão novo trouxesse apenas consequências positivas para quem o recebe. Contudo, ele vai ser incorporado num determinado organismo, com uma história e configuração próprias, tendo que se relacionar com outros componentes.

Neste sentido, é cada vez mais imprescindível lidar com sistemas complexos como as equipas de futebol, pensando globalmente e atuando localmente (Garganta, 2014).

“Para pensar localizadamente, é preciso pensar globalmente, como para pensar globalmente é preciso pensar localizadamente” (Morin, 2003, p. 25)

Caso isto não aconteça, e as interações também não sejam devidamente valorizadas, poderemos hipotecar tudo o resto. Tal como na Medicina, é necessário avaliar as “compatibilidades”.

Assim sendo, para melhor entender o comportamento coletivo é necessário perceber “como” e “com quem” se estabelecem as relações e dinâmicas nas diferentes escalas da equipa. Uma simples alteração de um elemento basta para que surjam novas nuances na forma como esta concretiza os seus princípios.

Nesta lógica, o treinador Rui Vitória quando questionado, num programa desportivo,⁶ acerca do menor desempenho da sua equipa (na altura Vitória S.C.) numa determinada altura do campeonato, diz o seguinte:

“A saída do Hernâni para o F.C. Porto em Janeiro trouxe-nos alguns problemas. A equipa ressentiu-se. Ele era um jogador muito importante na nossa

⁵ <http://saude.ig.com.br/transplantes/> consultado a 20/05/15

⁶ <http://www.rtp.pt/play/p1733/e196382/grande-area> - Minuto 53



equipa. Não tínhamos ninguém com as mesmas características dele, permitia-nos facilmente ganhar muita profundidade, com e sem bola. Permitia-nos passar com facilidade de um momento de organização defensiva para uma situação (ofensiva) de perigo na baliza do adversário, devido à sua velocidade. O que obrigava as equipas contrárias a defender a 10/15 metros atrás, num bloco mais baixo, sob pena de a qualquer momento poderem ser surpreendidas com uma bola nas costas. No entanto, com a sua saída, isto alterou-se. As equipas subiam mais no terreno e os nossos médios tinham mais dificuldades a construir o jogo, o que nos causou dificuldades. Há peças que são um bocado mais importantes que outras...”

Ainda neste âmbito, consideramos também relevante trazer um problema colocado, a determinada altura, pelo treinador principal do Clube Desportivo das Aves:

“Abel, os nossos médios-centros não estão a conseguir jogar para a frente, preciso que cortes alguns momentos que sejam representativos disso mesmo.”

Nesta citação temos, na nossa opinião, uma situação que é exemplificadora de um problema que tem implicações coletivas, ou seja, no todo. No entanto, temos eventualmente de o perspetivar numa escala menor para o conseguir entender e tratar da melhor forma. Contemplando as partes e as relações que elas estabelecem entre si. Ou seja, diminuir a “gradação da lupa”, mas manter as “lentes da complexidade”.

Neste caso, estávamos perante uma situação na qual os nossos médios-centro apresentavam dificuldades para conseguir identificar e explorar os espaços na profundidade (por exemplo, entre a linha média e defensiva adversária). Num primeiro olhar percebemos que esses jogadores não conseguiam fazer passes verticais com a densidade e qualidade desejadas. Não conseguiam jogar para a frente com regularidade.



Assim, fomos investigar o problema e, de facto, encontrámos alguns aspetos (além de outros de natureza técnica) que estavam, eventualmente, a potenciá-lo. Por exemplo, o jogo posicional dos médios-centro não estava a ser o mais adequado. Esse e outros aspetos, estavam a impedir que estes jogadores orientassem o jogo para a frente e tornassem a nossa circulação mais vertical, tornando-a excessivamente horizontal e inconsequente (sendo que, numa fase posterior do trabalho, retomaremos este assunto com maior detalhe).

No entanto, ao longo da nossa investigação neste problema, fomos apercebendo que este, também estava a ser agravado pelo modo como os nossos avançados estavam a interagir. Ou seja, algo que não dizia propriamente respeito aos médios-centro, estava a influenciar o modo como estes atuavam. O problema não estava exclusivamente no nosso setor intermédio, mas também na forma como os avançados se relacionavam com ele. Neste caso, os nossos avançados estavam com dificuldades a interpretar o jogo de acordo com os nossos princípios. Eventualmente, estavam a realizar ações que estavam muito relacionadas com hábitos que traziam de contextos anteriores.

Um dos aspetos pretendidos para os avançados, era que mantivessem um jogo posicional, no qual estivessem alternadamente disponíveis para jogar em apoio e em profundidade, entre outras razões, para criarem incerteza no adversário. De forma a cumprir este princípio, desejávamos que, em alguns momentos, um deles baixasse ligeiramente e procurasse espaços entrelinhas, por exemplo. Ambicionávamos que pudesse servir como apoio frontal para a progressão vertical da bola. Para depois, nessas circunstâncias, realizarmos situações de “3º homem”, através da aproximação do médio-ala ou do médio-centro. A nossa intenção seria colocar, à posteriori, esses jogadores com bola controlada, enquadrados para a linha defensiva do adversário. Por outro lado, nos movimentos de ataque à profundidade, por exemplo, pretendíamos que o outro avançado explorasse os espaços nas costas da linha defensiva, assim como que arrastasse os centrais, para criar mais espaço entrelinhas que pudesse ser explorado pelo outro avançado.



Contudo, como as vivências que eles tinham de contextos anteriores eram diferentes ainda manifestavam, em vários momentos, comportamentos como consequência dessas rotinas. Procurando, permanentemente, espaços na profundidade e ao mesmo tempo, o que não nos permitia progredir eficientemente, pela incorreta ocupação dos espaços entrelinhas. Consequentemente, faltavam linhas de passe viáveis para os nossos médios-centro, sobretudo em zonas interiores e criando um fosso enorme entre os jogadores (conforme demonstra a Figura 1).



Figura 1 – Má ocupação de espaços interiores

Este jogo posicional, impedia-nos de progredir verticalmente de um modo eficaz, de explorar devidamente esses espaços e assim inibindo a equipa de interagir e desenvolver o jogo pelo corredor central do modo pretendido (conforme demonstra a Figura 2).

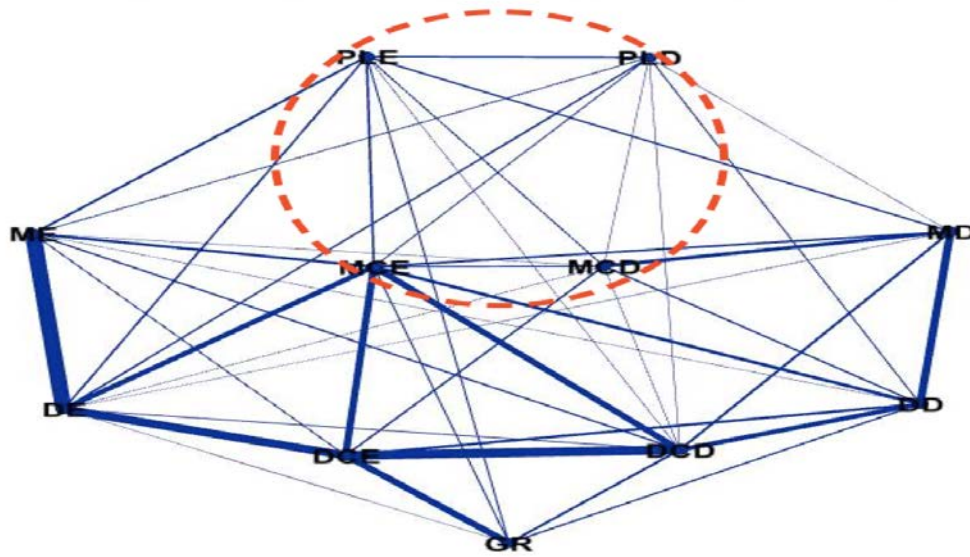


Figura 2 - Gráfico de redes onde fica evidente a pouca interação entre os médios-centro e os avançados

Este problema era apenas minimizado nos momentos em que, um dos nossos médios-ala, com mais capacidade para jogar por dentro surgia nesses espaços interiores, criando uma possibilidade de progressão.

Em suma, com esta lógica pretendemos evidenciar uma vez mais o modo como tudo se relaciona com tudo no jogo de futebol. Pelo que, na maior parte das vezes os problemas que identificamos são mais complexos que aquilo que esperaríamos. Tudo funciona em interação e em rede.



4.3. Princípio Hologramático – O fractal como “ponto de partida e chegada”

“O princípio Hologramático põe em evidência este aparente paradoxo das organizações complexas, em que não apenas a parte está no todo, como o todo está inscrito na parte. Assim, cada célula é uma parte de um todo – o organismo global – mas também o todo está na parte: a totalidade do património genético está presente em cada célula individual.”

(Morin, 2003, p. 94)

“Um fractal é uma parte invariante ou regular de um sistema caótico que pela sua estrutura e funcionalidade consegue representar o todo, independentemente da escala onde possa ser encontrado.”

(Guilherme, 2004, p. 128) adaptado de (Mandelbrot, 1998)

Quando consideramos uma equipa de futebol enquanto uma organização complexa, torna-se evidente a necessidade de partes e todo coemergirem⁷ e de se especificarem mutuamente (Thompson, 2013). Ou seja, o todo deve estar implicado na parte, assim como a parte deve estar implicada no todo (Morin, 1995). Devem partilhar propriedades comuns ao longo dos diferentes níveis de organização. Deste modo, essa mesma organização deverá manifestar a denominada auto-semelhança/invariância⁸ de escala (Stacey, 1995). Uma característica fundamental das estruturas que evidenciam organização fractal (Gleick, 2005).

Neste sentido, o fractal é o elemento concetual que liga o todo com a parte e vice-versa. Atentemos nas palavras de Cunha e Silva (1995, p. 90):

⁷ “Coemergência dinâmica significa que parte e todo coemergem e se especificam mutuamente” (Thompson, 2013, p. 494)

⁸ (Stacey, 1995) refere-se a este conceito como um fenómeno de “scaling” porque, quando examinamos o modelo em escalas cada vez mais reduzidas, ele vai-se repetindo. Ou seja, fratura-se em cópias aproximadas da totalidade da sequência de comportamentos, são modelos dentro dos modelos, mas que nunca são exatamente iguais, mas sempre semelhantes.



“A fractalidade... reivindica o local-global, o micromacro, (um global feito da emergência das localidades e um local feito da evidência da globalidade. A fractalidade intui que o micro não se opõe ao macro, ela sabe que o macro contém o micro, mas é o micro quem identifica, quem atribui identidade ao macro.”

Tendo isto em consideração, na nossa perspetiva, poderemos então relacionar o princípio Hologramático de Morin (1995) e o conceito de Fractal introduzido por Mandelbrot (1983). Consideramos que têm propósitos semelhantes, na medida em que ambos salientam as interações existentes ao longo dos diferentes níveis organizacionais que constituem os sistemas complexos. Do todo para a partícula e da partícula para o todo. Nesta lógica, parecem-nos conceitos importantes a ter em consideração na interpretação do jogo futebol e nos problemas que desse processo surgem ao treinador.

Portanto, para que um jogador esteja em sintonia e consiga relacionar-se com os restantes elementos apropriadamente, precisa de compreender e incorporar os princípios de jogo. Ele tem de ser um fractal do modelo de jogo da equipa. Caso isso não aconteça, certamente revelará problemas nas interações com os seus colegas, como se comunicasse com um idioma diferente.

No contexto do clube, surgiu um problema que consideramos adequado lançar para o tema em questão. Um dos jogadores da equipa, que atuava como médio-ala, revelou ao longo do ano dificuldades na sua interação com os outros jogadores. Sobretudo com aqueles que jogavam espacialmente próximos e que, por inerência, tendiam a interagir mais frequentemente com ele.

Apesar de individualmente ser um jogador de qualidade, não conseguia agir adequadamente em função dos cenários que encontrava. Algumas vezes, devido às suas habilidades (sobretudo muito forte no 1x1 ofensivo) conseguia resolver alguns dos problemas que o jogo lhe colocava. Contudo, quando as equipas adversárias colocavam constrangimentos mais complexos, que exigiam dinâmicas que implicavam interação com os colegas, este não respondia de modo apropriado.



Designadamente, não potenciava adequadamente as incorporações do lateral do seu lado; não explorava espaços interiores, ficando “desligado” do jogo em diversos momentos e jogando na mesma linha que o lateral; conduzia excessivamente e sem um sentido, perdendo os *timings* para passar a bola e assim retirando fluidez à circulação em posse da equipa. Entre outras situações que foram revelando sintomas de falta de identificação com as ideias de jogo, com o idioma da equipa.

Ou seja, este jogador não conseguiu incorporar o modelo de jogo que a equipa estava a desenvolver. Jogava quase exclusivamente em função da sua ideia e dos seus constrangimentos. Era uma parte que não se relacionava corretamente com o todo. Por isso, neste caso, a concretização do micro conflituava com o macro. Logicamente, tal situação começou a ser identificada pela equipa técnica. Como tínhamos muitos jogos, e os treinos que fazíamos eram predominantemente de recuperação, uma das estratégias utilizadas foi mostrar-lhe algumas imagens, para que este se fosse apercebendo daquilo que pretendíamos. Deste modo, procurámos expor situações agindo de forma ajustada e reforçando positivamente essas ações.

Portanto, estivemos perante uma conjuntura com alguma complexidade e que exigiu reflexão. Tratava-se de um jogador a quem era reconhecido potencial, mas que, por força destes condicionalismos, foi criando atritos no jogo, que o impediam de atingir outros patamares de rendimento.

Todavia, importa também salientar que, em casos como estes, a equipa deve ter a capacidade de se adaptar a um novo elemento, que na concretização dos seus princípios lhe trará nuances diferentes. Por vezes, isto não sucede. O jogador, por diferentes razões, não se consegue adaptar à equipa e/ou vice-versa, ou seja, a parte não é reconhecida enquanto tal pelo todo, podendo dizer-se que é uma “parte/corpo” estranha.

Porém, quando um jogador está identificado com as ideias de jogo da equipa, e tem os seus princípios incorporados, a probabilidade de que este interaja, de uma forma positiva, com os seus companheiros é aumentada. Isto sucede não apenas no que diz respeito à quantidade de interações, mas também



à sua qualidade, e nos benefícios que estas provocam à equipa. O mesmo acontece em outros âmbitos, quando partilhamos objetivos em comum com os demais, a nossa tendência para interagir é incrementada.

No futebol, esta dinamização que se estabelece com os demais jogadores da equipa perante circunstâncias como estas, é considerada uma das propriedades mais importantes dos sistemas complexos, atribuindo-se à mesma o nome de auto-organização. Este conceito foi introduzido para salientar a capacidade que este tipo de sistemas manifestam, para desenvolverem competências que lhes permitem regularem-se e interagirem autonomamente (Capra, 1996).

4.4. Princípio da Autonomia/dependência (auto-organização)⁹ - As equipas de futebol enquanto sistemas autónomos – O jogo posicional das equipas de elite

“O grande treinador é aquele que se vai tornando “desnecessário”, porque vai passando a autonomia para quem joga.”

Garganta (Pedreño, 2014, p. 305)

Cada vez mais, as equipas de futebol devem ser entendidas e geridas de modo a se tornarem entidades autónomas. Capazes de coordenarem as suas interações perante determinados constrangimentos, sem necessitarem de um “comando central” que determine essas relações (Passos et al., 2013).

Portanto, de acordo com Varela (citado por Thompson, 2013) um sistema autónomo é definido pela sua dinâmica endógena. Os seus processos constituintes, dependem recursivamente uns dos outros para a sua geração e realização enquanto rede. Constituindo o sistema enquanto unidade e determinando um domínio de interações possíveis com o meio (Capra, 1996).

⁹ (Morin, 2003, p. 95)



Este tipo de sistemas, têm subjacentes dois conceitos muito importantes, para os entendermos adequadamente, designadamente, auto-organização e autonomia (Morin, 2003).

Segundo Thompson (2013, p. 69) “os organismos exibem padrões de comportamento que requerem que nós os vejamos como autónomos”. Capra (2005) corrobora, dizendo que um organismo vivo é um sistema auto-organizador, organizando-se de acordo com princípios internos (nas equipas de futebol, por exemplo, as ideias de jogo).

Todavia, o facto de se organizarem em função desses princípios, não significa que estejam isolados do seu meio ambiente, pelo contrário, adaptam-se continuamente a ele. De acordo com Morin (1995), embora o sistema autónomo se destaque do meio onde está envolvido pela sua autonomia, ele liga-se tanto mais a ele pelo crescimento da sua “abertura” e pelas trocas de informação. Ele é auto-eco-organizado (Morin, 2005) por isso, de maneira alguma, o sistema está desligado do seu meio envolvente. Daí, na nossa opinião, a pertinência do prefixo “eco”, sobretudo no contexto de um jogo desportivo coletivo, como é o caso do futebol.

Tendo estas ideias em consideração, Capra (2005) acentua a preocupação de que a auto-organização deve ser vista como a essência dos organismos vivos. Assim, de acordo com Capra (1996) nos sistemas auto-organizadores é possível identificar três características, nomeadamente:

- Interação não-linear dos componentes do sistema;
- Sistemas afastados do equilíbrio, nos quais é necessário um fluxo constante de energia e material. Só assim é possível que ocorra auto-organização, pois o facto de operarem longe do equilíbrio é que o que lhes permite serem “estáveis”, na medida que este é o “estado da vida” e que “um organismo em equilíbrio é um organismo morto” (Capra, 1996, p. 149);
- Emergência espontânea de novas estruturas e de novas formas de comportamento.



“Como se longe do equilíbrio, em “meios excitáveis”, se desenvolvesse uma espécie de solidariedade essencial, uma inteligência associativa, que levasse as partículas (os elementos) do sistema a cooperar, com o objetivo de criarem uma estrutura mais complexa.” (Cunha e Silva, 1995, p. 165).

Portanto, a emergência de novas estruturas e formas de comportamento nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, é uma das mais representativas evidências de auto-organização. Contudo, são necessárias condições que a fomentem.

Como mencionam Huneman & Bouchard (2013), apenas através da definição de pequenas regras de organização no sistema, se criam condições que favorecem o aparecimento de comportamentos coordenados através de auto-organização.

No caso do futebol, essas normas são as ideias de jogo da equipa, são estas que devem direcionar a auto-organização. Por isso, é fundamental que os jogadores o compreendam, para que possam auto-organizar-se em função de algo.

“...o jogo posicional é uma propriedade emergente da Especificidade dinâmica de qualquer equipa que pretenda ser de Top.” (Sousa, 2009, p. 93)

Na nossa opinião, julgamos que a criação e dinamização de um jogo posicional, fundamenta-se em conceitos que revelam uma forte afinidade com estas ideias. Neste sentido, o jogo posicional em organização ofensiva das equipas de elite poderá, eventualmente, ser um ponto de partida, para refletir sobre esta temática.

Consideramos que as características do jogo posicional dessas equipas, podem ser interpretadas desde diferentes escalas de perceção. Neste caso, centrar-nos-emos nas situações vinculadas com o centro do jogo, assim como em outras particularidades mais relacionadas com um plano coletivo/macro. No



entanto, convém referir que, independentemente da escala com que as abordemos, são características totalmente relacionadas que, em comunhão, sustentam e dão vida ao jogo posicional dessas equipas.

Assim sendo, uma dessas características que reconhecemos, é a permanente geração de linhas de passe em diagonal ao portador da bola, em apoio e profundidade. As linhas de passe em diagonal são um aspeto muito importante, que está relacionado com a criação de condições que possibilitem e favoreçam a circulação da bola nos diferentes sentidos, mediante triângulos posicionais. Concretiza-se, mais particularmente, através do aumento do número de soluções que se oferece ao portador da bola e com a criação de melhores ângulos para quem a recebe (Sousa, 2009).

As distâncias de relação entre os diferentes jogadores é um aspeto determinante, e que tem uma ligação muito forte com o ponto anterior. Tratam-se de equipas que não dividem os seus elementos de forma equidistante sobre o terreno de jogo, mas sim, assimetricamente.

Tal acontece por diversas razões, mas, sobretudo, precisamente pela necessidade de manter o portador da bola sempre com soluções. Face ao exposto, estas equipas tendem a aproximar jogadores sobre o centro do jogo. Contudo, o facto de acumularem jogadores na zona da bola, não implica que percam amplitude ou profundidade, pois têm mecanismos para preencher diferentes espaços, como em seguida mencionaremos. Ao invés, por vezes, essa aglomeração de jogadores permite atrair o adversário, o que proporciona que outros espaços se libertem.

“...aqueles espaços que nós preenchemos com determinado número de jogadores num determinado momento, nós sabemos que o preenchimento daquele espaço será muito importante para abrir um outro determinado espaço.”

Tiago Leal (anexo 1)



Esta configuração posicional, viabiliza também evitar passes de maior distância, e dada a proximidade entre os jogadores, perante uma perda da bola, o jogo posicional da equipa permite rapidamente pressionar o adversário.

A complementaridade de movimentos apoio/profundidade é também um ponto relevante nestas equipas, na elaboração do seu jogo de ataque, pela variabilidade e incerteza que provocam na organização defensiva das equipas adversárias. Quando existe um jogo posicional, no qual se consegue evidenciar estas dinâmicas, isso significará que numa mesma jogada, provavelmente poderemos progredir por diferentes espaços, gerando maior imprevisibilidade a quem defende.

Estes conceitos, apesar de aparentemente simples no plano teórico, podem revelar-se muito complexos na sua concretização. Aliás, a sua materialização, e tendo em consideração as possibilidades que cada estrutura oferece, por si só, pode provocar uma grande variedade de interações.

Uma outra característica do jogo posicional destas equipas é o respeito pela ocupação de determinados espaços referência, sobretudo situados no corredor central.

“O jogo interior está muito relacionado com as dinâmicas de corredores e com as dinâmicas de posições intermédias de extremos e avançados. É cada vez mais uma situação que cria bastantes indefinições na estrutura defensiva dos adversários. Tenho para mim que é também uma característica de uma equipa de top...” Miguel Moita (anexo 2)

O preenchimento desses espaços, revela-se vital nessas equipas, ao longo dos diferentes momentos de jogo. Quer para evitar desequilíbrios, quer para os criar (Sousa, 2009). Os espaços entrelinhas (que mais adiante voltaremos a abordar), consideramos que são um desses espaços referência.

A título exemplificativo, vamos imaginar que um treinador define, como regra, que pretende sempre dois jogadores a ocupar esse espaço numa estrutura de 1x4x4x2 clássico. Deste modo, tendo em consideração esta regra,



várias situações podem gerar-se, inclusive, relacionando-as com a característica mencionada anteriormente (apoio/profundidade). Por exemplo, uma das alternativas, entre muitas outras, pode concretizar-se através da incorporação em espaços interiores dos dois extremos com movimentos de apoio, que por sua vez são compensados com o ataque à profundidade dos dois avançados. No entanto, não pensemos que o facto de colocarmos jogadores nesses espaços, seja o suficiente para explicar ou reproduzir um jogo interior de qualidade. Tal como nos indica o nosso entrevistado Daniel Sousa (anexo 3), *“o controlo do meio-campo não tem a ver com o posicionares muitos jogadores lá dentro, tem a ver com a forma como tu geres esse espaço. Como é que tu pões lá os jogadores, em que momentos e depois o que fazes quando a bola lá chega”*.

Outra característica essencial destas equipas, muito correlacionada com a anterior, tem a ver com a amplitude no seu jogo em ataque posicional. São equipas que conseguem ter sempre largura, contudo, sem que tal signifique perder o preenchimento dos tais espaços referência por dentro.

Essa amplitude é um aspeto determinante para que, na circulação em posse, possam ter uma variação constante dos espaços que invadem e dessa forma desorganizarem o adversário. Por exemplo, numa estrutura de 1x4x2x3x1, uma das regras que permitiria o que referimos, seria que a amplitude fosse dada permanentemente por dois jogadores, um em cada corredor lateral. Nesta estrutura em concreto, por exemplo, a largura poderia ser gerada por jogadores de duas posições. O lateral, com o extremo em espaços interiores ou o extremo, com o lateral em espaços interiores.

O fundamental é ter sempre dois jogadores abertos e em função disso, a equipa deve ser capaz de auto-organizar-se. Uma vez que, por exemplo, nas situações onde estaria o lateral aberto e profundo a dar amplitude, a equipa deveria reajustar-se de forma diferente, caso fosse o extremo a dar essa amplitude. O facto de ser o lateral a estar amplo e profundo, porventura, condicionaria o pivô desse lado a estar um pouco mais baixo e por fora, a equilibrar a profundidade do lateral (sempre dependendo das ideias do treinador).



Nesta perspetiva, nas grandes equipas do ponto de vista ofensivo, o respeito pelo jogo posicional é algo que se sente de uma forma muito clara. Muitas vezes, mais importante que os nomes ou posições dos jogadores, o que importa é que determinados espaços/zonas estejam ocupados, independentemente de quem seja. No entanto, desengane-se quem pensar que a operacionalização destas ideias seja fácil. Os processos onde se fundamentam os comportamentos auto-organizados são muito mais complexos do que aparentam ser. Estas pequenas normas em interação, geram bastante complexidade.

Reforçando a influência do contexto, Morin (2005, p. 317) destaca que *“toda a teoria do autos (organização) deve também necessariamente comportar a ideia de organização comunicante/informacional”*. Ou seja, *“o meio desempenha um papel coorganizador”* (Morin, 1995, p. 49).

Tendo isto em consideração, atualmente compreende-se que as informações fornecidas pelo envolvimento e assimiladas pelo sistema, desempenham um papel fulcral na forma como os organismos se estruturam e comunicam. O que nos permite estabelecer um paralelismo com as ideias da teoria Ecológica de Gibson (citado por Araújo et al., 2013), relativamente à importância das *affordances* e ao papel indispensável que lhes tem sido atribuído na coordenação das equipas.



4.4.1. A importância dos indicadores Específicos na organização defensiva das equipas de elite

“As equipas de referência têm geralmente, muita capacidade para não dar espaços entrelinhas, são equipas que têm uma grande capacidade de encurtar e controlar profundidade em função de referenciais de bola, de posicionamento dos adversários...as equipas comportam-se e ajustam-se em função de referenciais que indicam qual o comportamento a ter do ponto de vista coletivo”.
Tiago Leal (anexo 1)

De uma forma geral, poderemos referir que um dos objetivos do treino (coadjuvado pela observação de jogo) é criar “*affordances* partilhadas” (Silva et al., 2013). E, assim, possibilitar que os indicadores relevantes de uma determinada ideia de jogo, se tornem perceptíveis aos seus jogadores, de forma a que se verifique um comportamento organizado perante os problemas e recursos que o jogo vai colocar.

Contudo, compreender o jogo da própria equipa e do adversário, sentir os seus constrangimentos e comportar-se adequadamente perante estes, traduz-se numa tarefa altamente dinâmica. E precisamente por isso, também bastante exigente, sobretudo pelas contínuas mudanças de contexto, as quais requerem elevada coordenação da equipa para lidar eficientemente com essas alterações permanentes.

Na nossa opinião, para que uma defesa zona se operacionalize com maior qualidade, é importante que esta seja pressionante. Condicionando o adversário no tempo e no espaço, e potenciando também o momento de transição ofensiva (Amieiro, 2004). Todavia, existem contextos e zonas no terreno onde é mais favorável fazê-lo.

Nas melhores equipas deste ponto de vista, consideramos que um dos aspetos chave dessas organizações, reside numa dupla capacidade. Em primeiro lugar, a de criarem e propiciarem o aparecimento de cenários mais



vantajosos para pressionar. Em segundo, a apetência que têm para reconhecê-los e reagir coletivamente perante estes.

O Liverpool de Jurgen Klopp, poderá ser um exemplo destas ideias que evidenciamos. Quando analisada com detalhe a forma de pressionar desta equipa, percebemos que os seus extremos, várias vezes com movimentos de fora para dentro, bloqueiam as linhas de passe entre central e lateral. O que lhes permite criar uma emboscada, convidando o rival a jogar por dentro, ao mesmo tempo que os médios já estão preparados para saltar sobre os médios adversários (que nem sempre estão bem posicionados e/ou perfilados). Esta situação leva a que, não raras vezes, consigam roubar bolas neste tipo de cenários e gerar contra-ataques ou ataques rápidos.

“...eu não tenho dúvidas que a pressão que uma equipa faz, a forma intencional como pressiona e temos o exemplo do Liverpool, que tem uma forma inteligente de usar a pressão. A forma como tu consegues pressionar a bola, condicionando o espaço para o adversário jogar para mim é determinante.”
Daniel Sousa (anexo 3)

Outro aspeto chave na organização defensiva destas equipas, tem a ver com a grande capacidade que têm para estarem compactas, horizontalmente e verticalmente. Ou seja, são equipas que têm muita qualidade na redução dos espaços entre setores.

O facto de defenderem curtas, aliado à intenção de normalmente se tratarem de equipas que pretendem defender longe da sua própria baliza, faz com que seja muito relevante um correto controlo da profundidade.

“Saber que aquele espaço é deixado livre, mas saber o que fazer se a bola entrar no corredor contrário, ou se num determinado momento ela for jogada para trás, o que temos de fazer para ajustar a equipa e para nos mantermos equilibrados.” Miguel Moita (anexo 2)



Particularmente a gestão dos espaços que tendem a deixar nas costas da linha defensiva. Na medida em que são equipas que gostam de defender em bloco intermédio/alto, assumindo “riscos” no adiantamento da mesma.

Nesta lógica, o indicador de bola coberta ou descoberta é um mecanismo, que nós reconhecemos como indispensável na proteção desse espaço. Em comunhão com outros aspetos igualmente relevantes, como por exemplo, a orientação dos apoios em diagonal, que permite rapidamente retirar espaços, caso haja uma ameaça iminente de ataque à profundidade da equipa adversária.

Estes, entre muitos outros, são alguns dos aspetos que, nas melhores equipas, se revelam importantes na coordenação do bloco defensivo. Mencionamos a palavra bloco, já que esta se relaciona intimamente com o coletivo. Pois em parte das equipas, com menor qualidade do ponto de vista defensivo, o problema reside no facto destes sinais não serem percecionados por todos, causando descoordenação. Basta que se verifique uma falta de sincronia a este nível em que, por exemplo a linha média “salte” a pressionar, mas a linha defensiva não acompanhe, para que possam surgir espaços.

Daí advém a necessidade destes sinais serem realmente partilhados por todos. Afigura-se determinante que todos os jogadores saibam identificar as circunstâncias a que corresponde uma e outra situação, por forma a ficarem todos sintonizados.

Nesta lógica, para que tal se realize com eficácia, o processo de treino é fulcral. Será este que permitirá afinar esta capacidade percetiva coletiva que se ambiciona, suportada nos princípios de jogo e indicadores específicos que o treinador definir.



4.5. Princípio dialógico - Ordem e Desordem – Inimigos ou aliados?

“Ordem e desordem: uma suprime a outra, mas ao mesmo tempo, em certos casos, colaboram e produzem organização e complexidade. O princípio dialógico permite-nos manter a dualidade no seio da unidade. Associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagónicos”

(Morin, 1995, p. 107)

Na nossa perspetiva, este princípio leva-nos de encontro a um dos maiores desafios do observador quando desempenha as suas tarefas. Ser capaz de, dentro da “desordem aparente” que é identificadora do jogo de futebol, conseguir decifrar as regularidades que são próprias do modelo de jogo de cada equipa.

Contudo, antes de aprofundar esta reflexão, importa esclarecer os conceitos de ordem e de desordem à luz da complexidade. Outrora vistos de um modo estrito, mas hoje enquadrados de uma forma relacionada, como se um necessitasse do outro para subsistir.

“À primeira vista, o céu estrelado impressiona pela sua desordem: um amontoado de estrelas, dispersas ao acaso. Mas, ao olhar mais atento, aparece a ordem... aparentemente desde sempre e para sempre, cada estrela no seu lugar, cada planeta realizando o seu ciclo impecável. Mas vem um terceiro olhar: pela injeção de nova e formidável desordem nessa ordem; vemos um universo em expansão, as estrelas nascem, explodem, morrem. Esse terceiro olhar exige que concebamos conjuntamente a ordem e a desordem... uma vez que vemos um universo que se organiza desintegrando-se.” (Morin, 2005, p. 195).

Nesta lógica, tal como menciona Morin (2005), estamos cada vez mais confrontados com a necessidade de um terceiro olhar. Isto é, de pensar associadamente ordem e desordem, de forma a conceber a organização e a evolução. Portanto, não deverá existir uma abordagem dicotómica destes



conceitos, pois estes cooperam para organizar o universo e os seus fenómenos (Morin, 1995)

No entanto, durante muito tempo o conceito de ordem esteve condicionado por concepções deterministas. Ordem significava praticamente o mesmo de lei. Era uma noção que não se compadecia com subjetividades, à qual foram sendo apontadas limitações, pela pouca coerência que revelava em relação à verdadeira natureza dos fenómenos (Morin, 2005).

A ordem complexificou-se, manifestando-se de diferentes modos. É plural. Não é anónima ou geral, encontrando-se ligada a singularidades (Morin, 2005). Embora se associe naturalmente a ideias de estabilidade, constância, repetição e estrutura, é necessária uma compreensão mais aprofundada acerca dos alicerces onde se fundamenta. Por isso, o entendimento de ordem, exige cada vez mais um diálogo com a ideia de desordem.

O conceito contemporâneo de desordem, envolvido pelo paradigma da complexidade, reveste-se também de um entendimento bastante diferente relativamente ao pensamento convencional (Morin, 2005).

Durante muito tempo, este foi um conceito a erradicar da ciência e do entendimento da generalidade dos fenómenos. Era considerado “poluente”, conflituava com a racionalidade dos processos e seus modos de compreensão. Era sinónimo de acaso, aleatoriedade, caos ou confusão (Morin, 2003).

Contudo, com os contributos da complexidade, áreas como a física e a química começaram a estudar e compreender que afinal a desordem está na essência de tudo o que faz parte do universo. Esta está em toda a parte, cooperando com a ordem para criar organização.

“...não só se opõe à ordem, mas, estranhamente, também com ela coopera para criar organização; na verdade, os encontros aleatórios, que supõem agitação e, portanto, desordem, foram geradores das organizações físicas (núcleos, átomos, astros) e dos primeiros seres vivos.”

(Morin, 2005, p. 200).



Neste ponto de vista, afigura-se cada vez mais premente contemplar ordem e desordem não como conceitos fechados e independentes, mas antes como elementos pertencentes a uma mesma face da moeda. Um só existe na presença do outro, implicam-se e sustentam-se mutuamente.

“Um universo estritamente determinista, que fosse apenas ordem, seria um universo sem inovação; um universo que fosse apenas desordem, entretanto, não conseguiria constituir organização, sendo, portanto, incapaz de conservar a novidade e, por conseguinte, a evolução e o desenvolvimento. Um mundo absolutamente determinado, tanto quanto um completamente aleatório, é pobre e mutilado; o primeiro, incapaz de evoluir, e o segundo, de nascer.”
(Morin, 2005, p. 202).

Atendendo ao supra mencionado, para estabelecer um diálogo entre ordem e desordem, segundo Morin (2005) necessitamos de mais duas noções. Pelo que, associadas estabelecerão um tetragrama de quatro elementos, são eles ordem, desordem, interação e organização.

“Ordem e a desordem são, efetivamente, palavras-malas que contêm muitos compartimentos; além disso, não são malas comuns; são do tipo que contrabandistas e traficantes gostam de usar, malas que têm fundo duplo ou triplo.” (Morin, 2005, p. 207).

Este autor, considera que tais conceitos são chave para o entendimento da origem e desenvolvimento dos fenómenos. Cada um precisa dos demais, são inseparáveis, complementares. Por outras palavras, podemos dizer que a ordem se funda na desordem, através de interações que fazem emergir determinadas propriedades que provocam organização. Isto é, o segredo parece residir no modo como os organismos longe do equilíbrio, manipulam e se alimentam da desordem para se ordenarem (Gréhaigne et al., 2011). Aqueles que o



conseguem fazer, sustentam-se em processos de eco-auto-organização, utilizando o “turbilhão” para gerar organização.

Tendo estas ideias em atenção, atualmente fará mais sentido considerar ordem e desordem não como inimigos, mas sim como aliados. Tal como foi evidenciado anteriormente, não se tratam de ideias passíveis de disjunção, elas vivem em comunhão. No entanto, apesar desta convivência permanente, apresentam atributos próprios e formas de interação específicas. Queremos com isto dizer que a configuração como ordem e desordem colaboram e se evidenciam não é sempre a mesma. Esta relação é sempre singular, em função das particularidades de cada fenómeno, contexto.

Nas equipas de futebol ocorre o mesmo. O modo como a ideia de jogo é operacionalizada, reflete também uma relação única e permanente entre momentos estáveis, de regularidade, com outros momentos em que a “desordem” é dominante. Situações provocadas pela própria equipa e pelos jogadores, noutros momentos provocadas pelos adversários, mas também como consequência das próprias características da modalidade.

Caberá a quem interpreta o jogo, a habilidade de filtrar o que é consequência das ideias de jogo, do que é efeito da natureza mais aleatória da modalidade, pois cada equipa certamente terá um modo próprio de causar problemas e de se tentar manter ordenada face às instabilidades. Atenção, não queremos com isto dizer que se pretende separar a ordem da desordem. Mas sim distinguir dentro da desordem, o acaso.

Uma das preocupações que tem despontado no âmbito da análise de jogo, e que nos parece ir precisamente de encontro a esta lógica, é o estudo dos “momentos críticos” (Ventura, 2013).

Considerando-se um jogo de futebol enquanto um confronto de “sistemas”, na essência o objetivo é identificar situações que sejam representativas do modo como são induzidos desequilíbrios na organização dos opositores. Quais as sequências de acontecimentos que levam a que exista um desordenamento do mesmo. Deseja-se então, identificar em que circunstâncias no jogo se quebra a relação de harmonia entre ordem/desordem e de que forma



estas se traduzem como determinantes para o resultado (Ventura, 2013). Ou seja, trata-se de reconhecer as ações e interações que são “críticas”, com a finalidade de perceber os fatores que conduzem à perturbação posicional dos opositores (Garganta, 2008).

4.5.1. Criar “desordem” no futebol atual

“...há realmente necessidade de novas soluções, de maior variabilidade, de maior know-how, de maior criatividade do ponto de vista ofensivo, para conseguir quebrar essas barreiras defensivas que estão a ser geradas, pela maioria das equipas, que hoje defendem bem.” Tiago Leal (anexo 1)

Na nossa opinião, de uma forma geral, tem existido uma evolução no modo como as equipas de futebol estão organizadas do ponto de vista defensivo. Esta tem implicado que cada vez seja mais difícil criar desorganização nos adversários, que permita a criação de espaços e de consequentes desequilíbrios (Sousa, 2009). Tem-se revelado cada vez mais difícil quebrar a tal relação de ordem-desordem, mencionada no ponto anterior deste trabalho.

Por sua vez, tal significa que as equipas necessitam encontrar novas soluções no processo ofensivo, com vista à resolução dos problemas que se vão colocando do ponto de vista defensivo.

Consideramos que o futebol é um jogo de espaços (um assunto que aprofundaremos mais adiante) pelo que estes problemas se devem, sobretudo, à capacidade que a generalidade das equipas evidencia, na sua organização defensiva, para reduzir e fechar espaços com qualidade. Ou seja, afigura-se mais difícil encontrar espaços. E se por um lado são necessárias ideias para criá-los, por outro são necessários mecanismos que nos permitam jogar em espaços cada vez mais reduzidos.



O último mundial de 2018 espelha algumas destas ideias. Neste torneio, cerca de 42%¹⁰ dos 169 golos marcados concretizaram-se em situações de bola parada, a percentagem mais alta de sempre em competições deste género. Esta informação, na nossa opinião, permite-nos tecer algumas reflexões.

As bolas paradas, eventualmente em função da falta de argumentos nos processos ofensivos, assumem cada vez mais uma importância vital no desfecho dos resultados, sendo a principal ferramenta para criar situações de perigo de muitas equipas.

Ainda que não tenhamos dados objetivos, consideramos também que, na ausência de capacidade das equipas para criar desequilíbrios em organização ofensiva, o momento de transição ofensiva tem adquirido maior importância (tal como foi evidenciado pela vencedora do torneio em questão, a seleção francesa). Na medida que são instantes, nos quais existem mais espaços, porventura maior desorganização nos adversários e desse modo maior facilidade em criar desequilíbrios.

Esses espaços, surgem como consequência dos posicionamentos e comportamentos que as equipas manifestam quando têm a posse de bola e nos momentos subsequentes à sua perda, sendo maiores ou menores devido a variados fatores. Entre os quais, a forma de jogar da equipa e do adversário, mas também em função de circunstâncias que advêm da própria natureza do jogo de futebol, tal como, o surgimento de um resultado adverso.

Quando a equipa perde a posse de bola, se esses espaços não forem devidamente controlados e se necessário diminuídos, ficará exposta a uma eventual transição ofensiva do adversário.

Atendendo ao equilíbrio existente entre as equipas nos momentos de organização defensiva e ofensiva, o aproveitamento desses espaços assume grande importância, em virtude de consubstanciarem uma oportunidade para gerar desequilíbrios.

¹⁰ <https://es.fifa.com/worldcup/news/eine-wm-der-standards-die-suche-nach-den-grunden-2985300>



Entre outras situações, esses desequilíbrios, podem dever-se ao aparecimento de espaços nas costas dos laterais adversários ou nas costas da linha defensiva. Na nossa opinião, um erro que poderá também contribuir para tais desequilíbrios, relaciona-se com a falta de vigilância aos jogadores adversários, que poderão em caso de uma perda, assumir um papel decisivo na transição ofensiva do adversário, e nos desequilíbrios que poderão criar nesses momentos.

Contudo, é lógico que a criação de desequilíbrios por parte das equipas não se deverá cingir unicamente às situações de contra-ataque ou ataque rápido. Ainda que estas possam, e devam ser exploradas, as melhores equipas são aquelas que também em organização ofensiva, revelam capacidade para criar desequilíbrios, mesmo que do outro lado esteja um adversário organizado defensivamente o que, tal como mencionado, cada vez se evidencia de forma mais frequente (Sousa, 2009).

De facto, deveremos refletir sobre o que nos diz o mítico ex-jogador holandês Van Basten: *“...os 10 jogadores rivais jogam juntos, vão de um lado ao outro e assim é difícil encontrar espaços. As equipas que atacam devem repensar que táticas a escolher. Estão a reduzir-se muito os espaços.”*¹¹

Em suma, pensamos que é necessária uma maior preocupação de todos nós treinadores, no sentido de evoluir as nossas competências para trabalhar o jogo no seu processo ofensivo, ainda que seja o mais complexo de ser treinado, como assinala Miguel Moita (anexo 2).

Reconhecemos que os jogadores têm uma grande importância, pois são os protagonistas do jogo e, muitas vezes, são estes a solucionar muitos dos problemas colocados, de uma forma mais individualizada. Neste sentido, consideramos que a potenciação das qualidades individuais dos nossos jogadores, é um fator que não deverá ser descurado. Pelo contrário, o desenvolvimento das suas habilidades técnicas e criatividade, certamente aportará novas soluções ao desenvolvimento do processo ofensivo.

¹¹ https://elpais.com/deportes/2018/07/15/mundial_futbol/1531649049_545565.html



“...face a estas equipas com maior organização defensiva, as equipas têm de ter maior variabilidade, têm que ser mais imprevisíveis e têm cada vez mais de aproveitar as poucas falhas que possam existir em determinados jogos.”
Miguel Moita (anexo 2)

“A imprevisibilidade do presente surge, portanto, da variabilidade de futuros possíveis, da variabilidade de soluções que determinada equipa apresenta para resolver determinado problema.” (Sousa, 2009, p. 13)

Contudo, dada a qualidade da organização defensiva das equipas na atualidade, cada vez mais, são necessárias “soluções ofensivas” mais complexas. Mecanismos que envolvam mais jogadores e que gerem maior imprevisibilidade/variabilidade. Que propiciem o aparecimento de espaços, mas que também nos permitam progredir e criar desequilíbrios quando estes não surgem.

4.6. Sensibilidade às condições iniciais

“Uma pequena alteração na pressão atmosférica numa parte do globo poderá ter uma escalada enorme no sistema meteorológico e provocar uma tempestade a milhares de quilómetros de distância.”
(Stacey, 1995, p. 481)

Uma das características dos sistemas complexos é a extrema sensibilidade que estes manifestam perante pequenas perturbações (Cunha e Silva, 1995). São sistemas que operam em estados longe do equilíbrio (Gréhaigne et al., 2011), qualquer instabilidade que possa surgir, tem repercussões consideráveis no comportamento do mesmo. Neste sentido, esta dependência das condições iniciais, significa que as alterações por mais



pequenas que sejam, por vezes são extremamente importantes e não poderão ser negligenciadas como simples “ruídos”. Uma modificação ou um “erro” considerado desprezável poderá, passado algum tempo conduzir a uma trajetória completamente diferente (Stacey, 1995).

“Ténues diferenças nas condições iniciais poderão, em certas circunstâncias, levar a maiores mudanças no comportamento do sistema, ou seja, um micro-facto pode ter macro-consequências.” (Garganta, 2013, p. 101).

Desta forma, contextualizando com o futebol, muitas vezes acontecem no jogo situações que num primeiro momento podem ser consideradas pouco importantes. No entanto, que acabam por conduzir a caminhos completamente diferentes, por vezes com desfechos determinantes. Ou seja, produzem mudanças no “aqui e agora”, mas também a longo prazo. Segundo Capra (1996), estas alterações que ocorrem no comportamento do sistema são denominadas de “pontos de bifurcação”.

“Trata-se de um ponto de instabilidade, do qual novas formas de ordem podem emergir espontaneamente...um ponto de bifurcação representa uma dramática mudança da trajetória do sistema.” (Capra, 1996, p. 142).

Para o tema em questão, consideramos também importante trazer um problema no contexto do clube.

Num determinado jogo da nossa equipa, em organização defensiva, não estávamos a conseguir condicionar de forma adequada o jogo do adversário.

Em parte, isto acontecia devido ao facto da nossa equipa estar a pressionar de uma forma desajustada, deixando muito espaço entre os nossos avançados e a nossa linha média. Por diversas razões, por exemplo, por vezes os nossos avançados estavam a pressionar paralelos, defendendo na mesma linha. Noutros momentos, embora pressionassem em termos posicionais de um modo mais correto, não o faziam com os *timings* apropriados. Estavam



precipitados, fazendo com que a linha média não acompanhasse devidamente essa pressão, criando muito espaço entre setores. Além disso, os nossos avançados, não estavam atentos às movimentações do pivô adversário, que tentava explorar os espaços nas costas destes, devendo tentar bloquear as linhas de passe para este jogador.

Em virtude disto, os centrais da equipa adversária estavam a conseguir encontrar espaços para ligar por dentro no pivô, o que nos criava problemas. Como este jogador tinha qualidade e variabilidade no passe, sendo também forte a provocar em condução, causou-nos várias dificuldades. Na situação demonstrada nas Figuras (3 e 4), vê-se um exemplo de como exploravam o nosso espaço entrelinhas, através do jogo posicional dos médios-interiores. Fica também evidente o mau fecho dos espaços interiores pela nossa equipa. Depois da bola entrar entrelinhas, tendiam a ligar por fora com os extremos, que estavam abertos, para gerar situações de 1x1, nas quais eram muito fortes.

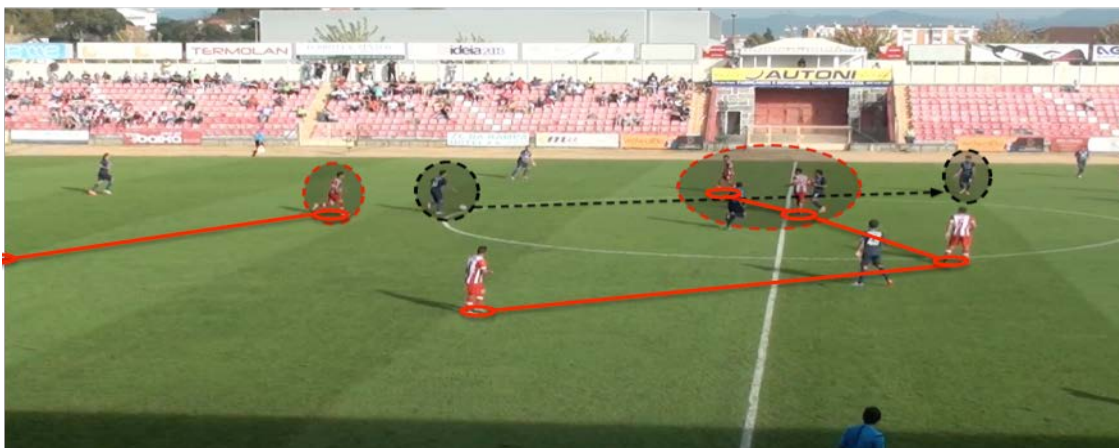


Figura 3 - Pivô adversário com bola controlada nas costas dos nossos avançados

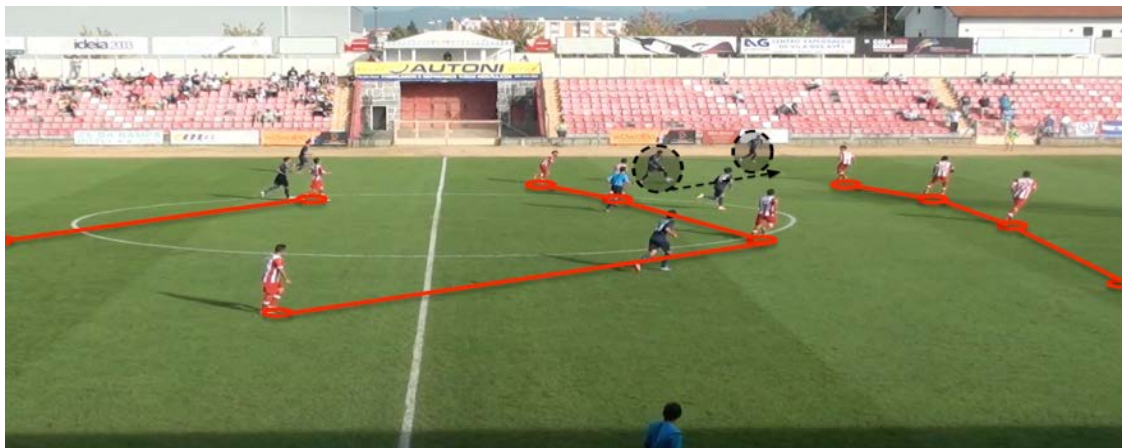


Figura 4 - Médio interior adversário a receber entrelinhas e a ligar com o extremo

Ou seja, um “pequeno” problema na forma como os nossos avançados estavam a defender, causou-nos problemas muito maiores no jogo.

Tendo estas ideias em atenção, o observador poderá pontualmente ser um elemento importante para, em algumas situações, detetar oportunamente estas alterações.

O facto de estar com “um pé dentro e outro fora”, não estando emocionalmente imbuído da mesma forma que o treinador principal, assim como a possibilidade de ver o jogo num plano superior¹², permite ter um panorama de observação bastante diferente dos restantes elementos da equipa técnica, não se centrando exclusivamente no centro do jogo.

¹² Apesar de à partida ser algo favorável, é necessária muita precaução quando se fazem análises aos jogos nestes locais. A percepção “mais global” que se tem do jogo é muito diferente da que o jogador tem, por isso é importante não realizar juízos ou julgamentos desajustados acerca do desempenho dos mesmos.



4.7. A percepção da complexidade e a complexidade da percepção - Será que vemos o jogo tal como ele o é?

“A complexidade tem que ver com o número de elementos em interação, e sobretudo com o modo como nós os vemos... e esta não é só uma propriedade das coisas ou do jogo neste caso, é uma propriedade do ser humano e do observador, porque a complexidade está no nosso olhar...”

Garganta (Pedreño, 2014, p. 105)

Ao longo da nossa evolução, temos vindo a ser permanentemente ludibriados pelas “aparências” do nosso universo, cometendo erros de interpretação das nossas percepções.

Primeiro, pensávamos que a Terra fosse plana, assim parecia ser. Depois considerávamos que a Terra estava parada no centro do Universo, mas estávamos novamente a ser iludidos. Estes são apenas dois exemplos paradigmáticos, que nos devem fazer refletir acerca da forma como o mundo é percecionado e interpretado.

“Um treinador é como um pintor. (...) já contei esta história da Paula Rego: estive uma vez numa exposição e ela dizia-me a mim e às outras pessoas que era uma figura que se chamava Maria e que estava a chorar; 'ah está a chorar?' não via nada..., mas ela sabia que estava a chorar. É como o treinador... O treinador tem de ver coisas que mais ninguém vê.” Jorge Jesus¹³.

Segundo Hoffman (2015) cerca de um terço do nosso córtex cerebral está dedicado à visão. Ou seja, quando estamos de olhos abertos a ver o que nos rodeia, bilhões de neurónios e sinapses estão ativadas. A pergunta que se coloca então é a seguinte: o que estarão a fazer todos esses elementos, durante este processo, em que percecionamos o envolvimento?

¹³ http://www.jn.pt/PaginalInicial/Desporto/Interior.aspx?content_id=4607614&page=1
consultado a 6/07/2015



No senso comum, a visão é tradicionalmente vista como uma câmara, que capta fotografias da realidade tal como ela é. No entanto, esta ideia não representa o que realmente acontece. De acordo Hoffman (2015), as sinapses e neurónios que destacamos anteriormente estão durante este processo em ação, reconstruindo precisamente aquilo que vemos.

Esta conceção é convergente com algumas das ideias sobre as imagens mentais do neurocientista António Damásio (1999). De acordo com este investigador, as imagens que cada um de nós vê na sua mente não são cópias do objeto específico que se percebe, mas sim *“imagens das interações entre cada um de nós e um objeto que mobilizou o nosso organismo”* (Damásio, 1999, p. 618). Trata-se de uma interpretação, uma nova versão reconstruída a partir do objeto original.

Tendo isto em consideração, torna-se cada vez mais pertinente considerar o nosso cérebro como um “sistema criativo”.

“O cérebro é um sistema criativo. Em vez de refletir fielmente o ambiente que o circunda, como seria o caso com um mecanismo engendrado para o processamento de informações, cada cérebro constrói mapas desse ambiente usando os seus próprios parâmetros e a sua própria estrutura interna.”
(Damásio, 1999, p. 407).

Assim sendo, parece-nos ainda mais evidente a necessidade de entender que a nossa visão do mundo (no nosso caso do jogo) é muito influenciada pelos nossos interesses, ideias, conceitos e preconceitos (Konnikova, 2014). Vemos o que “queremos” e, sobretudo, o que estamos preparados para ver.

“Estamos prisioneiros de um território cognitivo viciado: só vemos, não o que queremos, mas o que podemos. O mundo entrando em nós, constrói-nos e constrói-se” (Cunha e Silva, 1995, p. 198).



Deste modo, segundo Goleman (2014), por exemplo quando lemos um livro, a nossa mente constrói um modelo mental, que nos permite apreender o sentido daquilo que estamos a ler e que o liga ao universo daqueles modelos que já possuímos, acerca desse mesmo assunto. Essencialmente, significa que muito do que percebemos se encontra, desse modo, relacionado com as nossas experiências prévias (Soyer, 2013).

Não obstante, esta perspetiva não é necessariamente má (Najmanovich, 2015). A variabilidade de modos de entendimento da realidade, tal como Hoffman (2015) refere, tem sido bastante benéfica para o ser humano do ponto de vista evolutivo. Pelo que esta conceção, em comunhão com outros constrangimentos, permite que os artistas que labutam em vários âmbitos, desde a música ao futebol deem aso à sua criatividade.

4.7.1. O mundo e o jogo vistos por uma “peneira”

“A realidade, por sorte, é mais rica que os olhos que a vêem”

Eduardo Galeano (citado por Moreno, 2013, p. 31)

No ponto anterior mencionámos que, durante o processamento de informação proveniente da nossa visão, milhões de neurónios estariam ativados, reconstruindo precisamente aquilo que estávamos a perceber. No entanto, mesmo assim, previamente à entrada da informação na primeira camada do córtex visual, ocorre uma filtragem considerável dessa mesma informação inicialmente observada (Konnikova, 2014). Desse modo, e novamente de acordo com os nossos hábitos e interesses somos altamente seletivos já neste primeiro momento, reforçando a lógica que a nossa percepção é sempre “subjativa” (Najmanovich, 2015).

“Para nós, é difícil compreender a extensão da influência dos filtros na nossa interpretação do mundo” (Konnikova, 2014, p. 67).



No ponto anterior, sustentámos esta conceção pelo facto de subscrevermos a ideia de que “reconstruímos” aquilo que vemos. Neste ponto, iremos mais de encontro ao modo como detetamos, seleccionamos e filtramos a informação que posteriormente será recriada.

A nossa retina capta cerca de dez mil milhões de bits de informação visual por segundo. Todavia, apenas dez mil alcançam o córtex visual (Konnikova, 2014). Tal permite-nos concluir que o nosso cérebro, para além de ser “criativo”, atua como uma “peneira” face à informação que vai recebendo, seleccionando e desprezando tudo aquilo que na sua ótica for considerado irrelevante. Como salientámos, sempre em função do modo como foi educado e aculturado.

“...se fizéssemos deste modo em que um via um jogo, outro via outro jogo dessa mesma equipa, depois íamos cruzar ideias e haviam diferentes formas de entender e ver, porque sabemos que todos vemos as coisas de forma diferente.”

Miguel Moita (anexo 2)

“A análise da própria equipa é importante que seja feita por toda a gente do staff, porque todos os adjuntos têm competências diferentes. Por isso, é importante que eles analisem o jogo a partir das competências que têm, porque te dá perspetivas diferentes. Todas essas perspetivas juntas, dá-te uma análise muito mais rica do que se for só aquela do treinador ou do observador.”

Daniel Sousa (anexo 3)

Assim sendo, ignoramos parte dos estímulos que recebemos, dando primazia àqueles que forem de encontro às nossas necessidades e objetivos (Konnikova, 2014). Apenas vemos parte daquilo que nos rodeia, por isso de acordo com Anne Treisman (citada por Goleman, 2014), o modo como distribuímos a nossa atenção, determinará o que vemos.

O nosso cérebro funciona assim por uma questão de eficiência. Como a atenção é um recurso limitado, do ponto de vista evolutivo, a necessidade dos



nossos ancestrais se manterem alertas para ameaças existentes, fez com que o nosso subconsciente se responsabilizasse por analisar algumas características do meio ambiente e do nosso campo perceptivo. Antes de serem focadas e de sabermos aquilo que selecionamos de relevante para nós, são os “bastidores” da mente (Goleman, 2014).

Assim sendo, muito daquilo que a nossa atenção escolhe para se focar é, na realidade, na maioria das vezes ditado pelo subconsciente. Como refere Kahneman (2012, p. 45), o nosso consciente é um *“ator secundário que julga ser o herói”*. Consequentemente, os pensamentos e ações que o nosso consciente julga ter escolhido são muitas vezes guiados pelo verdadeiro protagonista da história, o subconsciente.

Todos nós já vivenciámos uma situação que ilustra este modo de atuar do cérebro. Quantas vezes já estivemos num local com muitas pessoas, ruído e de repente ouvimos o nosso nome reorientando, nesse preciso instante, o nosso foco nessa direção. Nesse momento, sistemas neurais que estavam a funcionar em piloto automático despertaram, sem necessidade de um esforço consciente da nossa parte (Kahneman, 2012).

Numa lógica semelhante, mas indo mais de encontro à identificação de regularidades, Gladwell (2005, p. 32) atribuiu à habilidade do cérebro para filtrar o envolvimento, o nome de *“fatiar fino”*. Definindo-a como *“a capacidade do nosso inconsciente para encontrar padrões em situações e comportamentos tendo como base uma experiência de pequena duração”*. Quem interpreta o jogo, encontra-se envolvido em tarefas que em muito se relacionam com isto. Por isso, é fundamental ter um subconsciente aculturado para focalizar com eficiência os aspetos determinantes no jogo, dando-lhes um nexos e reconhecendo um padrão.

Trata-se de uma *“educação da atenção”*, sendo que este processo influenciará a longo prazo o que veremos no jogo. Tornará a nossa atenção mais seletiva, para os assuntos importantes no nosso entendimento. Mantendo-nos concentrados nas características ou atributos mais relevantes e ignorando a avalanche de estímulos a que estamos constantemente sujeitos, cada um deles um foco potencial de distração (Gladwell, 2005).



4.7.2. Educar a nossa atenção - Futebol como um jogo de espaços

“Futebol é gestão de espaços, logo à partida tu perceberes como geres os teus espaços e o como adversário gere os seus espaços é determinante.”

Daniel Sousa (anexo 3)

Em termos anatómicos, existem duas estruturas muito importantes no controlo da atenção, nomeadamente, os córtex parietal e frontal (Konnikova, 2014). O primeiro envolvido no domínio da atenção orientada para os objetivos e o segundo para os estímulos. A interação entre um e outro são determinantes para a modelação do nosso foco (Goleman, 2014), sendo que existem algumas estratégias, que podem ser usadas para nos ajudar a filtrar o mundo e, no nosso caso, o jogo.

De acordo com Konnikova (2014), algumas dessas estratégias poderão ser estabelecer “objetivos” e “fazer perguntas”. No nosso âmbito, por exemplo em função de indicadores específicos da nossa forma de jogar. Na mesma lógica, Garganta (2012) refere que o jogo nos diz tudo o que dele quisermos saber, basta saber fazer as questões adequadas.

Na nossa opinião, o espaço é uma variável determinante para a análise e compreensão do jogo de futebol (Sousa, 2009) sendo, por isso, bastante pertinente para o tema em questão. Entendemos o futebol, enquanto um jogo de conquista de espaços, na medida que é esse ganho ou perda de território, que nos vai aproximar ou afastar do objetivo do jogo, que é o golo.

Neste sentido, consideramos que a leitura e interpretação dos espaços, é algo que a generalidade dos treinadores de elite, tem incorporado na sua mente. Reconhecendo que se trata de uma variável essencial para aceder ao conteúdo do jogo e, por isso, tendo-a permanentemente em atenção.

Esta lógica de entendimento do futebol, enquanto um “jogo de espaços”, tem implicações a vários níveis. Desde a planificação e operacionalização do treino, à análise da própria equipa e dos adversários. Por isso, pode ser praticamente considerada como uma macro dimensão, dada a sua



transversalidade em todo o processo.

A construção de uma forma de jogar é o ponto de partida, os princípios de jogo e os nossos jogadores, as ferramentas. Estas permitir-nos-ão ocupar e conquistar os espaços.

“...penso que aqui há duas vertentes. Aquilo que nós temos como ideia da nossa equipa e que vamos trabalhar enquanto identidade, os espaços que queremos privilegiar, e depois os espaços que nós poderemos porventura privilegiar num jogo mais que noutra, relativamente ao adversário que nós vamos encontrar.” Miguel Moita (anexo 2)

Contudo, cada ideia de jogo tem argumentos diferentes e isso trará implicações, em especial nos espaços que se exploram mais frequentemente e na forma de o fazer. Por exemplo, uma equipa que valorize muito o jogo interior, na sua organização ofensiva, tem de ter princípios e dinâmicas diferentes daquelas que terá uma equipa que, pelo contrário, privilegie mais um jogo pelos corredores laterais, através da criação de situações de finalização à base de cruzamentos.

Por exemplo, vamos supor que estamos numa equipa que tem uma ideia de jogo que valoriza uma primeira fase de construção apoiada, predominantemente curta, para tentar atrair a pressão do adversário e depois conseguir explorar os espaços entre setores que eventualmente se geram. Então, quando começamos a analisar uma equipa adversária, sabendo de antemão destas prioridades, olharemos para o adversário de uma outra forma.

Deveremos tentar interligar e relacionar os espaços que estes deixam, com aquilo que é a nossa ideia de jogo. Talvez não interesse tanto conhecer em profundidade, como reagem perante saídas longas, já que não se trata de um mecanismo que a nossa equipa priorize. Provavelmente, será mais importante saber ao pormenor determinados aspetos, tais como, como pressionam? Em que zonas e com quantos jogadores o fazem? Que espaços débeis existem nessas situações? Estão compactos ou pelo contrário há muita distância



entrelinhas? Ou seja, lançar as tais questões, que nos permitam obter respostas e informação específica acerca da interação entre o jogo do adversário e da nossa equipa.

“...as nossas equipas são geralmente muito fortes no jogo interior e, portanto, o espaço para rodar, o espaço entrelinhas, o espaço do lado contrário, são espaços que nós tentamos observar com o máximo de cuidado quando analisamos os adversários” Tiago Leal (anexo 1)

Neste sentido, na nossa opinião, entender o futebol como um jogo de espaços, é algo que nos vai auxiliar a vários níveis. Permitir-nos-á ter uma forma de olhar para o jogo mais direcionada e, conseqüentemente, objetiva. Na medida em que, sabendo à partida que a gestão dos espaços é algo determinante, isso deverá direcionar a nossa atenção. Precisamente para ter a todo o momento uma noção o mais adequada possível, da forma como a nossa equipa está a gerir os espaços do ponto de vista ofensivo e defensivo.

4.7.3. A importância dos espaços na interação entre os jogadores nos diferentes momentos do jogo – “Espaços referência” e os “momentos de aceleração” em organização ofensiva

“Para nós o espaço é determinante e é uma palavra chave que usamos sucessivamente com a nossa equipa, no dia a dia no treino, nas análises, estamos sempre a falar com eles do espaço, da divisão do espaço, da perceção do espaço, do timing certo para atacar determinado espaço...”

Tiago Leal (anexo 1)

Criar uma forma de jogar, onde cada um dos seus intervenientes perceciona o jogo de uma forma “*sui generis*”, é um enorme desafio. Trata-se de um processo em que, de certa maneira, se pretende sintonizar sem reprimir o



melhor de cada um. Assim sendo, sabendo de antemão que cada um desses indivíduos tem, pelas suas experiências, diferentes entendimentos acerca do jogo, deseja-se encontrar uma plataforma comum que permita interrelacioná-los.

A nosso ver, aqui tocamos num ponto essencial, uma vez que consideramos que os jogadores deverão ser guiados no processo de treino, de modo a também eles compreenderem o jogo de futebol, através dos espaços.

Sinteticamente, o jogo de futebol trata-se de um confronto entre uma equipa que tenta reduzir e fechar os espaços contra outra que, pelo contrário, tenta criar e explorar espaços livres de modo a marcar golo. Na nossa opinião, nós treinadores, em comunhão com os jogadores, deveremos criar uma lógica para lidar com esses problemas espaciais nos diferentes momentos de jogo, através das nossas ideias.

Anteriormente neste trabalho, mencionámos a dificuldade que as equipas hoje em dia têm para encontrar espaços quando atacam. Isto porque, do ponto de vista defensivo, houve uma evolução na organização defensiva das equipas em geral. Existe uma grande capacidade de reduzir e fechar espaços, sendo imperativo gerar soluções nas equipas que visem a criação de espaços e de mecanismos que permitam jogar em espaços mais reduzidos.

A circulação e o jogo posicional são dois elementos chave, que estão muito relacionados e que, quando bem trabalhados, poderão ser fundamentais nessa conceção dos espaços (Sousa, 2009). O nosso entrevistado Miguel Moita (anexo 2), alerta também para a importância de saber atrair o adversário para podermos criar espaços, referindo o seguinte:

“Relativamente aos espaços a procurar, normalmente quando estamos com bola procuramos criar sempre situações de superioridade numérica, seja na zona central ou nos corredores, mas se calhar há momentos em que para encontrar esses espaços com superioridade numérica, nós tenhamos que fazer a chamada atração do adversário e nesses momentos podemos estar até em inferioridade numérica.” Miguel Moita (anexo 2)



Contudo, tão importante como a criação de espaços, é a capacidade de identificá-los e atacá-los, conforme menciona o entrevistado Tiago Leal (anexo 1), referindo-se às características das equipas de elite no processo ofensivo.

“A capacidade de serem fortes em jogo interior, em jogo exterior e em profundidade. A capacidade de reconhecer esses espaços e criar jogo para o aproveitamento desses espaços.” Tiago Leal (anexo 1)

Na forma como se transita entre estes submomentos, somos da opinião que reside uma das principais diferenças entre as equipas com mais qualidade do ponto de vista ofensivo, das que têm menos. Existem equipas que até conseguem gerar espaços, mas depois não os conseguem identificar e/ou não têm dinâmicas que permitam explorá-los.

Na nossa perspetiva, entre outros indicadores de qualidade, reconhecemos também que existem “espaços referência” que as melhores equipas tentam explorar e que se manifestam importantes na criação de desequilíbrios. Espaços esses que, uma vez alcançados, provocam uma mudança comportamental das equipas, no sentido de existir uma maior agressividade ofensiva e de aproveitar o eventual desordenamento dos adversários.

Todavia, importa clarificar que estes espaços não são encarados de uma forma “cega” ou “robotizada”. Queremos com isto dizer que as melhores equipas do ponto de vista ofensivo são organismos inteligentes. Ainda que estas privilegiem certos espaços, têm a perfeita capacidade para adaptar-se e jogar com todas as possibilidades que proporciona a organização defensiva de cada adversário.

Assim, de acordo com os nossos entrevistados, existem quatro espaços que se evidenciam importantes na criação de desequilíbrios nas melhores equipas. O espaço do lado contrário, o espaço entre central-lateral e nas costas do lateral, o espaço entrelinhas e o espaço nas costas da linha defensiva.



Tal como mencionado, cada equipa, em função de como os seus jogadores interagem, revela um modo próprio de gerir e explorar os espaços. No entanto, estes espaços anteriormente referidos, têm tendência a serem explorados, de uma forma consistente e transversal, pelas equipas com mais qualidade do ponto de vista ofensivo.

O espaço do lado contrário, apresenta-se como um espaço que surge com frequência, como consequência da basculação das equipas no processo defensivo.

Entre outras, existem duas particularidades que identificamos como fundamentais para a exploração deste espaço. Por um lado, um jogo posicional que permita ter amplitude em ambos os corredores laterais e por outro, a existência de “jogadores de ligação” que se estabeleçam como elos de conexão da circulação. Responsáveis por retirar e reencaminhar a bola do lado onde existe maior densidade de jogadores adversários, para o oposto onde estão os espaços livres, dando um novo sentido à circulação.

Entendemos que se trata de um espaço que é explorado com dois objetivos, entre outros. A geração de desequilíbrios nos corredores laterais e a criação de desorganização no adversário, que permita que através da invasão do espaço exterior, surjam espaços para progredir por zonas interiores, de fora para dentro. Mencionar ainda, que a exploração do lado contrário tem propensão a evidenciar dois padrões. Num destes, a exploração do lado contrário culmina com a chegada da bola a um jogador que está aberto (por exemplo, lateral ou extremo). Numa outra rota, a ligação ao lado contrário tem como desenlace a chegada da bola a uma zona mais interior, a um espaço fronteira entre os corredores central e lateral, por exemplo através de um extremo que vem para dentro ou de um interior numa estrutura de 1x4x3x3.

“...gosto muito de ver equipas que conseguem ir a um corredor, chamar o adversário, perceber que não há possibilidade ou que será difícil entrar e haverá menos probabilidades de sucesso se jogarem nesse corredor e conseguem em espaços reduzidos fazer circular a bola e quando digo circular não o digo só de



forma horizontal. Não, circular pode ser muitas vezes um passe em diagonal até entrar na zona interior. Pode ser uma viragem do centro de jogo para o corredor contrário, tentando depois criar as tais superioridades. Pode ser um passe lateral e depois um passe vertical com uma receção entrelinhas e acelerar. Ou seja, podem ser várias coisas, mas que eu acho que são situações que as equipas de top evidenciam mais.” Miguel Moita (anexo 2)

O espaço entre central-lateral nas costas do lateral, é outro espaço que os nossos entrevistados evidenciaram como relevante e que, inclusive, poderá emergir como resultado da exploração do lado contrário.

Trata-se de um espaço no qual, por norma, os problemas residem no controlo de movimentos de ataque à profundidade. Por esta razão, afigura-se relativamente débil e, muitas vezes, a sua exploração ocasiona outros desequilíbrios, tal como elucida Daniel Sousa (anexo 3):

“...se o nosso ala recebe um bocado mais curto junto à linha e o lateral salta vai criar espaço nas costas, esse espaço nas costas se é um médio ou um ponta de lança que faz um movimento, provavelmente se recebe sozinho muito bem, se não recebe sozinho vai arrastar um central. O central normalmente em largura não vai ser tão forte, como por exemplo um lateral em 1x1. Se o nosso jogador for forte no 1x1, há logo a possibilidade de criar um desequilíbrio e tiraste um jogador da área que é forte no jogo aéreo muito provavelmente...”

O espaço entrelinhas (sobretudo entre a linha média e defensiva) é outro espaço fundamental na criação de desequilíbrios no corredor central, por parte das equipas mais fortes no processo ofensivo. Por vezes, a distância excessiva e/ou a descoordenação existente entre os setores mais recuados no controlo e “marcação” dos adversários, permitem progredir através destes espaços.

“É um espaço onde muitas vezes há indefinição entre quem vai defender. São os centrais que saem na pressão ou os centrais recuam e são os médios



que vêm tentar buscar esse espaço? No timing certo, no espaço correto e de acordo com a circulação que estamos a fazer, penso que podem ser espaços muito proveitosos em termos de desequilíbrio do adversário.”

Miguel Moita (anexo 2)

A entrada nestes espaços revela-se fundamental pois, em muitas situações, possibilita romper a estrutura defensiva do adversário, faltando “apenas” ultrapassar a linha defensiva e o guarda-redes.

Outro ponto fundamental no entendimento destas ideias, prende-se com compreender a interação existente entre estes diferentes espaços. Ou seja, muitas vezes a entrada num determinado espaço tem como consequência o aparecimento de outros espaços.

“...quando eu analisava o adversário e falava dos espaços entrelinhas, interessava-me saber por exemplo se o central deles vem pressionar entrelinhas. Se pressionar entrelinhas, vai abrir um espaço nas costas e então temos de arranjar uma forma de explorar esse espaço nas costas do central.”

Daniel Sousa (anexo 3)

Por exemplo, os espaços nas costas da linha defensiva, tal como refere o nosso entrevistado Daniel Sousa (anexo 3), surgem frequentemente como consequência da entrada nos espaços entre o setor médio e defensivo do adversário. No entanto, ainda que possa ser algo óbvio, convém alertar que a exploração do espaço nas costas da linha defensiva, não tem obrigatoriamente que ser precedido pela entrada no espaço entrelinhas. Aliás, a alternância nos espaços que se exploram, a variação entre jogo curto/longo é um traço fundamental destas equipas de elite, tal como já evidenciado.

“Primeiro temos de pensar numa coisa, temos de pensar o jogo em função da baliza e do golo. Então eu procuro a forma mais fácil de lá chegar, que por vezes não é mais a direta, mas por vezes é e às vezes esquecemo-nos um



bocadinho disso. Por exemplo, um dos pontos mais frágeis é as costas da defesa. Se a linha defensiva está subida, é um dos espaços à partida vulneráveis que tu tens de explorar e que por vezes se perde com a ideia do futebol de toque.” Daniel Sousa (anexo 3)

Nesta lógica, a exploração dos espaços mais em profundidade, particularmente nas costas da linha defensiva, usualmente, acaba por ser a consequência de uma circulação ritmada e variada quanto à utilização dos espaços e aos sentidos que evidencia. Essa circulação, na maioria das situações e cenários (no que diz respeito ao alto rendimento), é imprescindível de modo a desorganizar o adversário e a gerar espaços. Porém, são equipas que quando reconhecem que podem tornar-se verticais de uma forma eficaz, não “pensam duas vezes”.

Neste ponto, os momentos de “aceleração” aparecem nas equipas de elite como situações chave, no que diz respeito ao reconhecimento e aproveitamento dos espaços que conseguem gerar em organização ofensiva. Pelo que é fundamental existirem mecanismos e dinâmicas nas equipas, que lhes permitam ser profundas quando existam espaços e circunstâncias que o propiciem, pois tal é determinante para a obtenção de situações de finalização.

“...quando através da nossa circulação conseguimos chegar a esses espaços, que nós criamos através do jogo posicional e da circulação, é fundamental que a equipa depois tenha capacidade de aceleração e de tornar-se mais objetiva, dado que conseguiu alcançar o espaço, que era o seu objetivo inicial.” Tiago Leal (anexo 1)

“...definitivamente que há momentos para acelerar e criar desequilíbrios, independentemente até do bloco adversário. Se está em bloco baixo há momentos para acelerar, se é um bloco médio há momentos para acelerar diferentes, é preciso é saber identificar os timings porque como é óbvio quando



o adversário está em bloco baixo, os timings são diferentes, os espaços não são os mesmos.” Daniel Sousa (anexo 3)

4.7.4. O processo defensivo das equipas de top – Um desafio percetivo

“Nesta fase inicial aquilo que eu fundamentalmente procuro é perceber o que eles vêm (jogadores) e em função disso e daquilo que eu vejo vamos criar uma forma de jogar”¹⁴ Miguel Leal

Criar uma dinâmica coletiva em organização defensiva é, também, um dos desafios que poderemos refletir partindo desta temática.

Na nossa opinião, existem quatro elementos chave na base do processo defensivo das equipas de alto rendimento, designadamente, o espaço, a bola, os colegas e os adversários que, inerentemente, deverão ser tidos em atenção pelos jogadores.

Não obstante, estes constrangimentos e elementos estruturantes do jogo de futebol, encontram-se em constante interação durante uma partida, devendo-se constituir como modeladores das ações dos jogadores, em comunhão com outros indicadores específicos.

Cada equipa revela uma forma especial de perceber e articular os diferentes elementos que abordámos, embora eles estejam sempre todos presentes. Por isso, manipulam de forma específica essas variáveis e a informação proveniente do contexto. Ou seja, existem equipas que valorizam mais a proteção dos espaços, e outras que atribuem mais significado aos adversários, não querendo com isto dizer necessariamente que os outros indicadores sejam assim menosprezados. Parece-nos é que, tal como um

¹⁴ Reportagem exibida no canal do Sporttv – Reporttv “Pré-época” – trailer em <https://www.youtube.com/watch?v=m94HIHOpZDU>



cozinheiro, há equipas que colocam proporções diferentes de cada ingrediente e, eventualmente, até as podem alterar em função das contingências do jogo.

No processo de construção de uma forma de defender, baseada numa defesa zonal, método que nos parece identificador das melhores equipas, naturalmente que os indicadores referenciados (espaço, bola, colegas e adversários) são alvo de preocupação por parte dos seus treinadores. Neste sentido, deverá existir um vínculo permanente entre estes constrangimentos ao longo do jogo, de modo a operacionalizar uma dinâmica que provoque a redução dos espaços e que impeça o adversário de progredir e marcar.

Todavia, é importante voltar a reforçar que este processo é sempre particular, até porque os indicadores que regularão parte destas dinâmicas são próprios de cada forma de jogar. Para além de que os jogadores que lhes darão corpo serão sempre distintos.

Por isso, fará eventualmente sentido considerar que não existe uma forma de defender zona, mas sim múltiplas (Amieiro, 2004). Apesar de em termos macro poder ser balizada, a concretização da mesma assume contornos únicos. Ou seja, de um modo geral existem comportamentos similares entre todas, mas ao mesmo tempo cada uma evidencia características e atributos particulares.

Nesta conceção, os espaços são uma das referências alvo. Pretende-se fechar como equipa os espaços de jogo mais valiosos, os mais próximos da bola, colocando a equipa adversária e em especial o portador da bola, sob constante constrangimento (Amieiro, 2004). Na nossa opinião, poderemos salientar também os espaços próximos da nossa baliza, dando como exemplo uma situação de cruzamento. Quando as equipas preparam este tipo de ações nos corredores laterais, por vezes um dos erros cometidos por quem defende, relaciona-se com o facto de não se posicionarem corretamente para protegerem as possíveis zonas de ataque ao cruzamento e o respetivo controlo das entradas dos adversários.

Nesta lógica, existem determinadas equipas, que até preferem subvalorizar momentaneamente o espaço circundante à bola nas situações de 1x1 (no último terço) nos corredores laterais. Nessas ocasiões, por vezes os



treinadores preferem garantir superioridade na zona central, protegendo com maior segurança os espaços perto da baliza.

A referência bola permite-nos realizar um varrimento dos espaços, fazendo o bloco defensivo flutuar em função da sua posição.

“Se eu quero proteger a minha baliza e a bola está num dos lados, na minha ótica é preferível bascularmos e protegemos esse lado e não tão importante estarmos posicionados de acordo com o nosso adversário. De qualquer forma, devem existir estratégias de ajustamento, isso para mim é o que habitualmente designamos de cultura tática.” Miguel Moita (anexo 2)

Ao mesmo tempo, os colegas de equipa possibilitam o escalonamento permanente de diferentes linhas (Amieiro, 2004). Ou seja, um jogo de coberturas sucessivas, que cria uma espécie de teia para tentar condicionar o jogo do portador da bola do adversário. O que por consequência, permite até certo ponto controlar os adversários sem bola através do fecho das linhas de passe.

“Questões de basculação, encurtamento, de controlo de profundidade, de orientação de apoios, de contenção e coberturas, tudo isso são questões que a meu ver, são claramente características das grandes equipas do ponto de vista defensivo.” Tiago Leal (anexo 1)

Contudo, este processo é mais complexo do que muitas vezes se poderá pensar. Em primeiro lugar, porque na maioria das vezes a relação que se estabelece entre estes constrangimentos em termos percetivos não é a mesma para todos os jogadores da equipa. Pela cultura tática de cada um, alguns revelarão certamente uma maior capacidade para ligar estes elementos e assim resolver mais corretamente os problemas que emergem.

Como mencionámos, em função das suas vivências, possivelmente haverá jogadores que serão mais sensíveis a determinados constrangimentos, porque lhes atribuem maior significado. Se um defesa central, durante a sua



formação, foi aculturado para “marcar individualmente” nos contextos onde se desenvolveu, tendo sido a defender deste modo que alcançou o futebol profissional, isso terá repercussões nas suas ações. É algo que estará incorporado e que exigirá treino para moldar a forma como este entende o jogo.

Nesta lógica, é essencial que este consiga gradualmente começar a prestar atenção a outros constrangimentos igualmente relevantes, sob pena de não tomar decisões adequadas. Basta que, dentro dos elementos que destacámos, esteja menos sintonizado em relação a um destes, para que eventualmente no alto rendimento o sucesso deste jogador fique comprometido.

Se um lateral for um jogador forte na dinâmica com a sua linha defensiva, assim como na basculação com a equipa em função da bola, mas não for um jogador que esteja atento às entradas no espaço do extremo do seu lado, certamente causará problemas à sua equipa.

Um dos problemas que, a determinada altura, se evidenciou na nossa equipa foi, precisamente, uma interpretação errada por parte de alguns jogadores deste modo de defender. Pois por vezes, pelo facto de se salientar excessivamente a importância dos espaços e dos colegas, talvez tenhamos enviesado a forma de perceber o jogo que pretendemos. Proporcionámos condições para que eles entrem numa “zona de conforto”. Na qual, o adversário/homem passa a não ser um constrangimento importante, quando este também o é.

Face ao exposto, consideramos que uma das características que também é relevante identificar numa defesa zonal é a sua adaptabilidade e dinâmica para se metamorfosear em função das necessidades que o jogo coloca.

“Relativamente à organização defensiva e a estas ideias que as equipas de top têm, eu tenho plena convicção de que mais importante que as equipas defenderem em bloco baixo ou bloco alto, mais do que isso, para mim é essencial o ajustamento e articulação que há entre os diferentes “momentos” de organização defensiva...” Miguel Moita (anexo 2)



Desse modo, consideramos que a relação que se estabelece entre os diferentes referenciais que destacámos anteriormente, poderá por exemplo diferir em função da zona onde a bola está. A entrada da bola na grande área por parte do adversário, consideramos que poderá ser um desses exemplos. Será que nestas situações, a referência “adversário” não emergirá como uma das que terá maior valor na modelação da ação dos jogadores?

“Por exemplo, se pegarmos nisto numa situação defensiva, dentro da área, numa situação de cruzamento. Aí sim, podemos dizer que o posicionamento do adversário influencia o comportamento dos jogadores, a questão dos centrais, da orientação dos apoios para verem onde está adversário e para poderem dividir o espaço de forma a estar mais perto deles. Aqui, o elemento adversário tem uma maior preponderância, por exemplo, junto à nossa baliza.” Tiago Leal (anexo 1)

“...há situações em que é necessário dentro de uma perspetiva zonal, termos muito maior controlo do adversário.” Miguel Moita (anexo 2)

Esta ideia relaciona-se com aquilo que Jorge Jesus (2013)¹⁵ salienta, na medida em que este treinador considera que na regulação das ações defensivas dos seus jogadores, existem determinadas zonas em que o elemento adversário deve assumir maior importância, destacando o espaço dentro da grande área, assim como os momentos no “centro do jogo”.

No fundo, aquilo que pretendemos transmitir é que a hierarquização entre estes elementos nas melhores equipas, altera-se consoante a necessidade. Por exemplo, será que o *Manchester City*, quando pressiona e tenta impedir as equipas contrárias de sair a jogar apoiadamente, não se aproxima circunstancialmente em determinadas zonas do campo de uma defesa “individualizante”? Ou nos momentos de transição defensiva no

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=V60-FbrdIHs> 1:03:20 – consultado a 19/07/15



controlo/vigilância das referências de saída para contra-ataque/ataque rápido das equipas adversárias? Atentemos ainda nas palavras do nosso entrevistado Daniel Sousa (anexo 3), em relação ao controlo de jogadores que sejam determinantes no processo ofensivo de um adversário:

“O Van Gall disse-me uma coisa muito boa, que é marcação individual zonal. Tu sabes que o adversário tem um 10 que é muito bom e criativo ou um jogador que realmente desequilibra por dentro e então tu sabes que não lhes podes dar espaço. Sabes que vais ter de o pressionar e marcar se calhar quase para não receber a bola. Uma pressão ao portador da bola e depois ao outro jogador, para tentar condiciona-lo o máximo possível para que não receba a bola. Eu não digo que tens de fazer uma marcação individual, mas tens de dizer à tua linha defensiva e média, aos jogadores que participem nesse processo que este jogador sempre que estiver na vossa zona, têm que o marcar.”

Daniel Sousa (anexo 3)

Não obstante, apesar destas modificações momentâneas que eventualmente até poderão ser do domínio estratégico, entendemos que não deve deixar de ser considerada uma defesa zonal. Os elementos espaço, colegas e bola estão na mesma a ser contemplados. Trata-se apenas de uma nova nuance, uma forma de manifestação distinta.



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



5. Realização e desenvolvimento da prática profissional



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



5. REALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Após uma problematização da prática e de uma reflexão acerca dos constrangimentos que dela emergiram durante o período de estágio, de modo a respeitar o roteiro definido no início do trabalho, direcionaremos os próximos assuntos para a importância da dimensão tática na interpretação do jogo. Sem prescindir de a relacionar intimamente com as tarefas desenvolvidas enquanto treinador-adjunto com responsabilidades direcionadas para a observação e análise de jogo, procurando refletir de que forma estas tarefas influenciaram a preparação e o planeamento do treino da equipa e dos jogadores.

5.1. Dimensão tática – O “ponto de mutação”¹⁶

“A mudança produzida na forma de ver e perspetivar o treino, e depois que tem repercussões no jogo, contribuiu de forma a que a figura do analista ganhe importância...” Garganta (Pedreño, 2014, p. 68)

O entendimento da dimensão tática tem vindo a sofrer algumas mutações, por influência de treinadores e autores como Frade (1990); Garganta (1997); Guilherme (2004); Tamarit (2013).

Tal como mencionado, o entendimento do jogo de futebol estava contaminado por um pensamento cartesiano, o que fazia com que se atribuísse à “tática” exclusivamente os aspetos mais estruturais e organizacionais do jogo. Além disso, esta era entendida como uma dimensão independente das demais. Isto é, a compreensão da tática não tinha em consideração o seu papel interativo e agregador em relação às restantes dimensões.

Porém, através destas mudanças de entendimento, começou a perceber-se que a dimensão tática, converge para si as interações que emanam das

¹⁶ Título do livro do autor Fritjof Capra (2005).



outras dimensões, dando-lhes um sentido e emergindo nesse processo. Nesta lógica, estas modificações levaram a que o jogo, progressivamente, começasse a ser compreendido enquanto um fenómeno eminentemente tático (Garganta, 2013).

A partir do momento que se começa a entender o jogo do ponto de vista sistémico, despontando assim a importância das interações e da forma como estas regulam o comportamento dos sistemas, compreende-se que a tática através da sua função vinculativa, pode ter também consequentemente uma função de modelação. Ela pode moldar interações, através de princípios e de uma relação “Específica” e intencionalizada entre as restantes dimensões (Guilherme, 2015).

Assim, o entendimento de tática, deve alcançar um ainda maior nível de complexidade, na medida que esta será o elemento que dará um sentido às interações que a equipa produz (Tamarit, 2013). Interações essas que a equipa pretende que aconteçam, para resolver os problemas que surgem no jogo.

Nesta qualidade, a tática assume uma grande relevância no processo de treino, pois é através deste, que a equipa pode criar o jogo que pretende, concebendo uma lógica de funcionamento para resolver os contextos/problemas que enfrentará (Silva, 2008).

Por estas razões, houve uma transformação no modo como se passou a entender o futebol e o treino. As ideias, os princípios de jogo que sustentam a forma de jogar de cada equipa e que, eventualmente, figuravam num papel secundário até então, tornaram-se no principal “objeto de estudo” para os seus treinadores e equipas técnicas.

Deste modo, o reconhecimento da importância da dimensão tática no jogo e treino de futebol, prestou um contributo bastante relevante para reforçar a necessidade de existir um conhecimento constante e aprofundado, acerca dos processos onde se fundamentam as equipas. Os princípios e a maneira como estes interagem, tornam-se assim num dos focos de quem interpreta o jogo à luz desta lógica (Garganta, 2013).



5.2. Observação da própria equipa

“Quando começamos a entender que o processo de treino no futebol deve ser, treinar ideias para jogar futebol, a necessidade de ver se as ideias com que treinamos e jogamos são coerentes e congruentes com as que planeamos no início do processo, é cada vez maior...” Garganta (Pedreño, 2014, p. 68)

O nosso entrevistado Miguel Moita (anexo 2) defende que *“o mais importante começa com o nosso jogo e com a nossa identidade”*. Algo que corroboramos e, por isso, na nossa perspetiva, a observação da própria equipa na competição e no processo de treino são fundamentais. Embora neste ponto nos debruçaremos sobre a primeira, entendemos que existem alguns pressupostos essenciais para a elaboração destas tarefas.

Consideramos fundamental que haja um conhecimento detalhado acerca do modelo de jogo da equipa, pois este será o objeto de estudo. Nomeadamente, desde as ideias do treinador principal, relativamente ao modo como ambiciona que a equipa jogue, às características dos jogadores e do clube, entre outros fatores.

Neste sentido, se o modelo de jogo é algo único de cada equipa, as preocupações naquilo que será observado serão também singulares e específicas. Determinada informação que numa equipa poderá ser extremamente relevante, noutra poderá ser insignificante.

Por isso, é fundamental que o adjunto ou analista responsáveis por estas tarefas, estejam sempre sintonizados com tudo aquilo que diga respeito a esta necessidade. Uma vez que consideramos que este elemento, de certo modo, será um mediador entre aquele que será o plano mais concetual do modelo de jogo e o plano da sua operacionalização. O que exigirá uma noção permanente destes dois pólos, o que acontece realmente e aquilo que pretendemos que venha a acontecer (Garganta, 1997).

No entanto, a incorporação do modelo de jogo pela equipa e pelos jogadores é um processo não linear, recheado de avanços e recuos (Tamarit,



2013). Pelo que, parece-nos pertinente que haja um conhecimento permanente que nos diga em que ponto do caminho estamos, se a direção que estamos a percorrer é aquela que ambicionamos.

Neste sentido, a análise da própria equipa no momento da competição é uma tarefa fundamental, pois o jogo é o “teste de controlo de qualidade” da organização da nossa equipa. Assim sendo, nestes momentos é imprescindível obter informação que nos permita orientar e modelar o processo de treino (Vázquez, 2012).

5.2.1. Analisando princípios

“Nós, em função da análise do(s) último(s) jogo(s) e de comportamentos que vamos detetando que estejam errados ou corretos, damos feedbacks positivos sobre aquilo que está bem feito, damos feedbacks corretivos do ponto de vista daquilo que foi menos bem feito e depois tem uma influência muito grande naquilo que é o processo de treino.” Tiago Leal (anexo 1)

O mapeamento de alguns indicadores, que nos possam servir de referência, é um dos caminhos que nos poderá auxiliar nestas tarefas (Garganta, 2001).

A ideia passa por tecer uma rede de significados com base no modelo de jogo da equipa e nos respetivos princípios, que sirva de fundamento para aquilo que nos preocupará no jogo. Não descurando as influências de um contexto eminentemente dinâmico e interativo.

Por exemplo, para o momento de organização ofensiva, o treinador do Clube Desportivo das Aves pretendia que a equipa tivesse a capacidade de circular a bola, de modo a poder progredir no terreno através da criação, identificação e aproveitamento dos espaços na estrutura defensiva do adversário. Para possibilitar este macro princípio, definia princípios e dinâmicas que servissem de suporte. Entre algumas dessas ideias, pretendia o seguinte:



(Estrutura: 1x4x4x2 clássico)

- Jogadores em apoio ao portador da bola, sempre que possível pelo menos três linhas de passe em diagonal viáveis.
- Largura e profundidade sempre asseguradas. A garantir largura normalmente o médio-ala, com o lateral posicionado em zonas interiores, ou vice-versa. Por norma, com bola nos corredores laterais, quem garantia profundidade era o avançado que não estava no lado da bola, com o avançado do lado da bola, jogando mais em apoio, como tendência. Com bola no corredor central, também um dos avançados tinha alternadamente que atacar a profundidade.
- Jogadores em movimentos de apoio e profundidade - Movimentos de dupla desmarcação. O objetivo passava por favorecer a criação de espaços, através da incerteza provocada nas marcações do adversário, mediante deslocações opostas (por exemplo, movimento em apoio do 1º avançado e em profundidade do 2º avançado) e movimentos de dupla-desmarcação (por exemplo médio-ala ameaça receber no pé atraindo o lateral adversário e depois explora o espaço deixado nas costas deste).
- Movimentos de aproximação a um colega que receba marcado pelas costas. O objetivo seria utilizar os apoios frontais e possibilitar a criação de dinâmicas de terceiro homem, colocando assim jogadores com bola enquadrados para a linha defensiva do adversário. Por exemplo, nos momentos em que um dos nossos avançados recebia entre a linha média e defensiva adversária marcado pelas costas, pretendíamos que o nosso médio-ala ou médio-centro se aproximassem para poderem receber a bola e dar continuidade ao jogo.
- Quando assim for necessário, capacidade para provocar o adversário em condução. Criando superioridade numérica em determinadas zonas, como por exemplo no corredor central, condicionando alguém do adversário a sair ao portador da bola. Na nossa equipa, este tipo de



comportamento, era muitas vezes efetuado pelos nossos laterais. Pela propensão que tínhamos para que jogassem por dentro e porque eram jogadores fortes em condução.

- Movimentos de “passa e desmarca” – triangulações no espaço.
- Circulação objetiva e ritmada – muita mobilidade da bola, circular nos vários sentidos com o objetivo de criar, identificar e explorar espaços na profundidade. Modificar o ritmo/intensidade da circulação através da variação do tipo de passe e da velocidade da bola. “A bola não pode parar”, esta era uma das expressões mais utilizadas pelo treinador principal, para traduzir esta pretensão.

A partir daqui, existe um roteiro de preocupações e de indicadores que nos devem guiar quando interpretamos o jogo e o treino. Verificar os indicadores durante (se possível) e após o jogo, assim como identificar situações que não vão de encontro às nossas ideias, será assim mais plausível de se conseguir.

No Desportivo das Aves, tal como mencionámos no ponto 4.2 deste trabalho, um dos aspetos que identificámos como necessários melhorar foi, precisamente, a capacidade da equipa para identificar e aproveitar espaços na profundidade. Muitas vezes criávamos os espaços, contudo não os explorávamos devidamente.

Relembrando, em parte, devido ao comportamento dos nossos avançados, que não respeitavam o jogo posicional da equipa. Atacavam a profundidade simultaneamente, ao invés de alternadamente. Se um fazia um movimento de rutura, o colega deveria complementar com um movimento de apoio.

Porém, neste ponto debruçar-nos-emos sobre um outro problema que, associado a este, retirava também qualidade e objetividade à nossa circulação em posse.

Neste caso, as dificuldades estavam a ocorrer no jogo posicional entre os médios-centro (jogavam muitas vezes na mesma linha) e na articulação destes com os jogadores dos corredores laterais (laterais e médios-ala).



Por exemplo, muitas vezes o nosso lateral tinha a bola e os nossos médios-centro posicionavam-se praticamente na mesma linha que este. Pelo que isto, estava a fomentar um tipo de circulação que não pretendíamos e que nos impedia de progredir adequadamente. Pelo contrário, inclusive acabávamos por perder bolas em zonas perigosas, quando efetuávamos esses passes horizontais do lateral para um dos médios-centro.

Devido ao incorreto posicionamento e orientação dos médios-centro, em vários momentos recebiam a bola mal perfilados, com pressão pelas costas dos médios rivais. Esse comportamento do adversário, normalmente até gerava espaços por dentro, contudo pelo facto do jogo posicional entre os nossos médios-centro não ser o adequado, não encontrávamos caminhos para aproveitar esses mesmos espaços, acabando a bola normalmente por recuar para os centrais. Jogadores que não tinham muita competência para fazer passes verticais para zonas interiores.

Pelo facto de não existir um médio mais “baixo”, a equipa tinha também dificuldades em ligar o jogo de um lado ao outro rapidamente. Tendo que recorrer aos centrais para o efeito, que não o faziam com a mesma qualidade. Acrescentando ainda, a necessidade de a bola ter que baixar no terreno permitindo ao adversário mais tempo para se organizar. Outra particularidade que identificámos, foi que os médios-centro raramente faziam “movimentos de pescoço”, no sentido de se aperceberem do posicionamento dos adversários/colegas e assim poderem antecipar as suas ações.

“...uma coisa é um passe horizontal paralelo, outra é um passe ligeiramente em diagonal... uma coisa que acontecia muito em Inglaterra era, quando as equipas jogavam em 4-4-2, os dois médios-centro criavam passes paralelos um para o outro... e o que fazia o Lampard, ou o Gerard no caso do Liverpool, cortavam esse passe e deixavam imediatamente dois jogadores eliminados em transição...” (Sousa, 2009, p. LXXXVI).



Após este diagnóstico, aquilo que fizemos inicialmente foi mostrar aos jogadores alguns exemplos destes problemas identificados, assim como mostrar situações em que estes interagem do modo como pretendíamos. Por um lado, para que pudessem aperceber-se do que estariam a fazer incorretamente, mas também para que participassem na resolução do problema.

O passo seguinte foi criar exercícios com intervenção em diferentes escalas que permitissem dar resposta a estas debilidades, tendo como principal intuito, melhorar a capacidade da equipa para criar, identificar e aproveitar os espaços na profundidade, tendo como preocupação a melhoria do jogo posicional da equipa (particularmente dos médios-centro e dos avançados). Algo que retomaremos no ponto seguinte, nomeadamente, no tópico sobre a observação e análise do treino.

5.2.3. Observação da própria equipa no processo de treino

“O analista é alguém que vai ocupar um lugar muito importante no processo de treino, de preparação da equipa, no controlo do treinador e do treino, não controlo do treino como se conhece tradicionalmente de um ponto de vista fisiológico, isso pode ser importante e não duvido, mas é relativamente ao controlo pedagógico que me refiro, é saber a todo o momento a que distância nos encontramos das nossas intenções...”

Garganta (Pedreño, 2014, pp. 66,67)

Na nossa opinião, o processo de treino deverá constituir-se, cada vez mais, como uma fonte de valiosa informação, que tem vindo a ser pouco explorada e que nos pode auxiliar de forma muito útil no conhecimento da nossa equipa.

Nem sempre a informação prestada pela competição, é suficiente para termos uma noção adequada da performance da equipa e dos jogadores. Por isso, a análise do processo de treino é fundamental. Através desta, eventuais



debilidades da equipa e/ou dos jogadores poderão ser descobertas, pois nem sempre os adversários, poderão colocar constrangimentos que as façam evidenciar. Outro importante aspeto, prende-se com a necessidade de averiguar se algum problema que tenha sido identificado na equipa, está a ser melhorado ou não. Não é conveniente esperar pela próxima competição, para se ter informação fidedigna acerca daquilo que nos preocupa.

“...durante o processo competitivo, fazemo-lo sobretudo em situações em que por exemplo, nós cometemos determinados erros no último jogo, preparamos exercícios corretivos para essas situações e depois do treino, vamos analisar o exercício. Para perceber até que ponto, o objetivo que nós pretendíamos do exercício foi atingido ou não. Se as correções que nós pretendíamos efetuar foram atingidas ou não.” Tiago Leal (anexo 1).

Os treinadores consideram também muito útil, pela possibilidade ter um maior conhecimento, acerca do comprometimento dos jogadores no processo de treino.

Porém, consideramos que um dos principais propósitos da observação do treino, relaciona-se com a necessidade de termos um conhecimento mais preciso, acerca das implicações dos exercícios que operacionalizamos.

Neste sentido, se é pretendido que uma equipa de futebol e os seus jogadores se organizem de acordo com determinados princípios, e que esse processo de aquisição se alicerce no treino, torna-se importante compreender se as ideias com que treinamos são coerentes com aquelas que pretendemos que se manifestem no jogo, bem como se os exercícios de treino que promovemos são realmente específicos e propensos da forma de jogar que ambicionamos.

“...queremos jogar desta maneira, estamos a seguir estas ideias, sim ou não, porque não... e depois tentar dar soluções, às vezes dando sugestões como



muitos treinadores agora pedem aos analistas para construir os seus treinos.”
Garganta (Pedreño, 2014, p. 67).

Retomando os problemas identificados na equipa do Clube Desportivo das Aves, nomeadamente a capacidade para criar, identificar e aproveitar os espaços na profundidade. Com o objetivo de colmatar estas debilidades, foram operacionalizados exercícios em todas as escalas. Entre alguns desses, os seguintes:

1º Exercício - 10 + Apoio (Gr) x 10 + Apoio (Gr) – escala coletiva - colocação de uma baliza no corredor central e de duas mini-balizas nos corredores laterais (conforme evidenciado na Figura 5). O objetivo seria fazer golo ou transportar entre as balizas. Com este exercício, pretendíamos melhorar a capacidade da equipa para circular a bola de forma objetiva. Ou seja, promovendo uma circulação horizontal em busca de espaços que permitissem verticalizar o jogo em condução ou passe. Uma das nossas preocupações evidenciadas foi ter em atenção o jogo posicional dos médios-centro, pretendíamos que um deles estivesse mais baixo em relação ao outro para que pudessem ligar devidamente o jogo ao lado contrário.

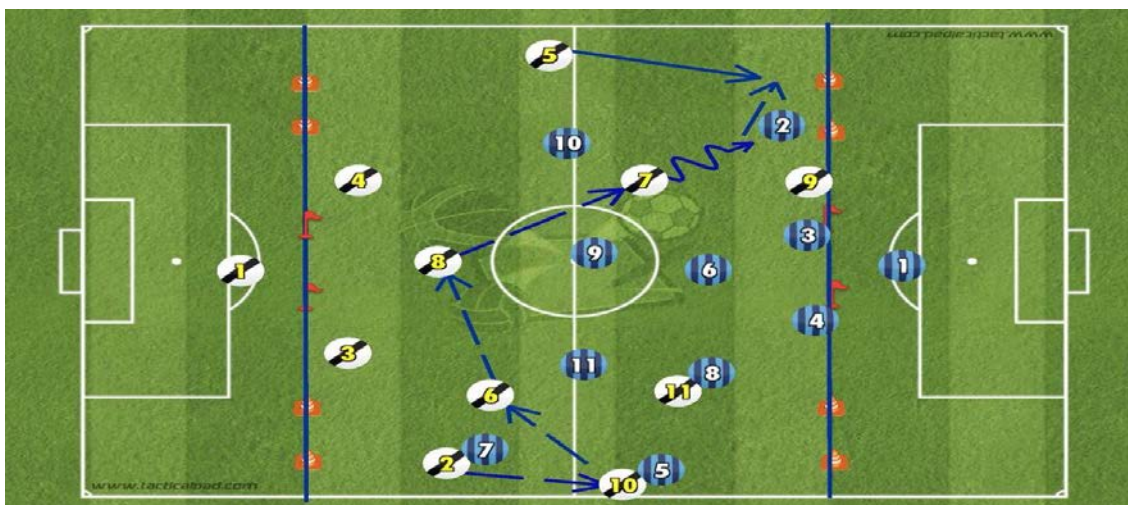


Figura 5 - 1º Exercício - 10 + Apoio (Gr) x 10 + Apoio (Gr)



Reflexão: este exercício, ainda que no plano concetual eventualmente seja adequado, na sua operacionalização não nos permitiu treinar com a densidade que pretendíamos alguns dos princípios que definimos. Apesar de termos conseguido potenciar situações de atração num corredor e depois com os médios a ligarem rapidamente o jogo para o corredor contrário, a equipa que defendia após algum tempo começou a “auto-organizar-se” em relação aos espaços próximos das balizas. Deixando, assim, jogadores nesses locais para impedir a entrada do passe o que, de certa forma, degenerou a natureza do jogo. Para evitar tais comportamentos, talvez seja adequado aumentar as dimensões das balizas ou criar um sistema de pontuação, algo que fizemos noutros momentos. Através de uma maior valorização de quando a bola entre nas balizas (3 pontos). No entanto, permitindo também a entrada da bola (a valer 1 ponto) por fora das mesmas.

2º exercício - 1º fase 4 x 4 => 2º fase 5 x 4 + GR – escala intersetorial e setorial – Tal como surge representado na Figura 6, numa primeira fase deste exercício pretendia-se que os jogadores com a posse de bola (azuis), circulassem até encontrar espaços que lhes permitissem explorar a profundidade e ultrapassar a linha média defensiva de 4 jogadores.

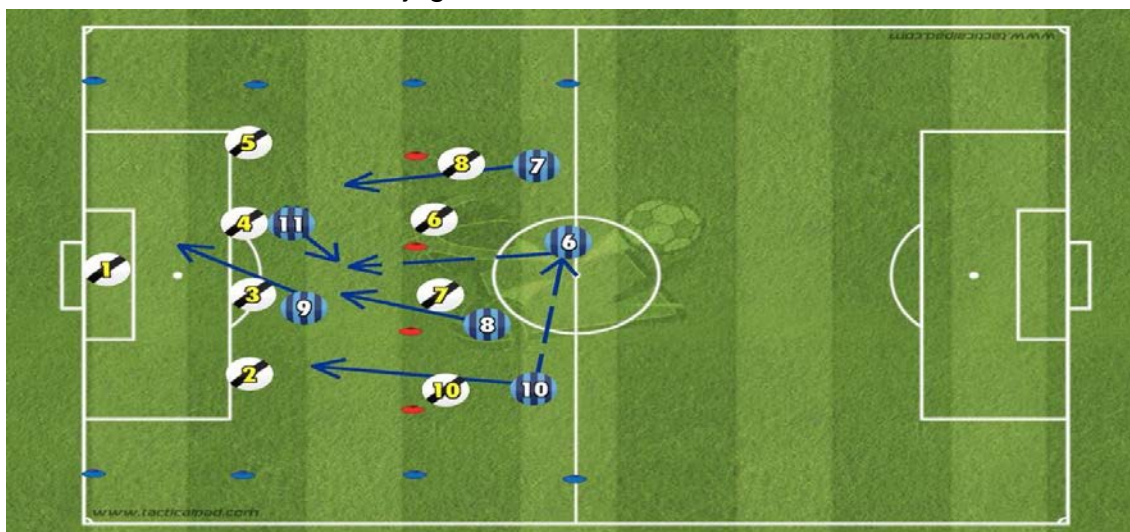


Figura 6 - 2º exercício - 1º fase 4 x 4 => 2º fase 5 x 4 + GR



Esse objetivo poderia ser feito através de passe, condução, apenas não era permitido passe pelo “ar”. Por isso, pretendia-se que a equipa que atacava promovesse uma circulação horizontal em busca de espaços para poder progredir. Quando não houvesse pressão de quem defendia, era solicitada capacidade para provocar e atrair o adversário em condução (“fixar/dividir e passar”).

Neste exercício, tivemos também como preocupação analisar a articulação existente entre os médios-centro com os médios-ala e dos médios-centro com os avançados. Como anteriormente abordámos, o jogo posicional entre estes jogadores era um dos aspetos que sentíamos que necessitávamos de melhorar para potenciar a verticalidade no nosso jogo. Pelo que, procurámos que existissem sempre jogadores no setor intermédio em linhas diferentes, assim como que os nossos avançados tivessem dinâmicas apoio/profundidade de modo a potenciar o jogo entrelinhas.

Quando a linha média defensiva era ultrapassada, três jogadores poderiam avançar, os dois médios-ala e um dos médios (o outro ficava no equilíbrio), fazendo uma situação de 5x4+GR. Nesta parte do exercício, o nosso objetivo foi novamente propor uma grande verticalidade e mobilidade nas ações dos jogadores com e sem bola de modo a criar e aproveitar espaços para alcançar situações de finalização.

Reflexão: este exercício, na nossa perspetiva, foi de encontro aos nossos objetivos. Permitiu que fossem evidenciados os princípios que queríamos treinar. Sobretudo a capacidade para identificarmos e aproveitarmos os espaços na profundidade, assim como para treinar a interação e o jogo posicional entre a nossa linha média e avançada. No entanto, como inicialmente foi colocada a regra da bola ter de ultrapassar as linhas “junto à relva”, a linha defensiva dos defesas (brancos) estava muito próxima em relação à linha defensiva dos médios (brancos). Estes jogadores sabiam que a bola ia entrar entrelinhas, não tendo que se preocupar com o espaço nas costas e encurtando permanentemente.



Para contrariar isto, possibilitámos a entrada da bola nas costas da linha defensiva pelo ar, o que condicionava estes jogadores a estarem mais preocupados com a proteção do espaço nas costas. O que fez com que se fosse concedendo mais espaço entrelinhas, permitindo uma maior interação dos médios com os avançados e, conseqüentemente, potenciando a circulação vertical que ambicionávamos.

3º exercício - Jogos dos “espaços” – 3 espaços com situações de 4 (+1) x 4 – escala intersetorial e setorial – Neste exercício, tal como retratado na Figura 7, a equipa com a posse de bola tinha como objetivo ultrapassar sucessivamente os espaços através de passe ou condução. Esta equipa tinha a possibilidade de ter superioridade numérica de um jogador, através do deslocamento de um elemento de um espaço vizinho. Também existia a possibilidade de permuta entre jogadores dos espaços. Com este exercício, pretendíamos melhorar a nossa capacidade de circulação para criar espaços e progredir, através do passe e da condução, nomeadamente para provocar/atrainir o adversário. Pretendíamos ainda melhorar o jogo posicional em organização ofensiva dos nossos jogadores, exigindo que se mantivessem sempre em linhas diferentes.

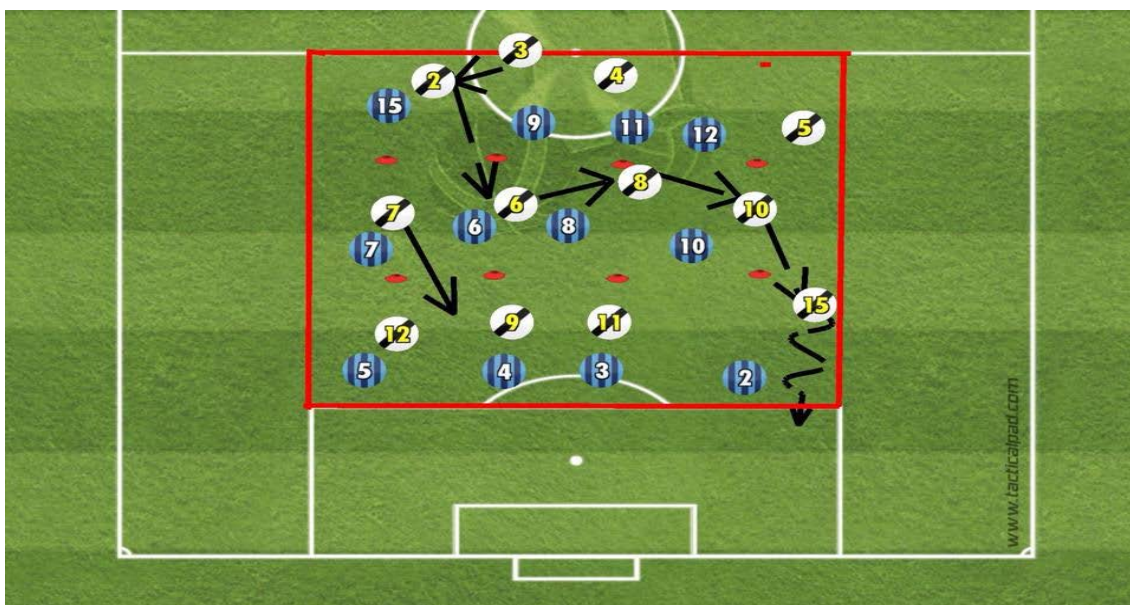


Figura 7 - 3º exercício - Jogos dos “espaços” – 3 espaços com situações de 4 (+1) x 4



Reflexão: este exercício inicialmente causou algum desconforto aos jogadores. Contudo, quando devidamente compreendido, permitiu treinar precisamente aquilo que pretendíamos. Tal sucedeu porque existe uma forte propensão para jogar verticalmente e para provocar o adversário em condução. Um dos aspetos a ter uma cuidada ponderação são as dimensões do espaço na largura. Demasiado estreito, sentimos que leva os jogadores a desarticularem-se excessivamente, fica um jogo confuso e o jogo posicional deteriora-se. Excessivamente largo, facilita a operacionalização do exercício a quem ataca.

4º exercício – Meíinho de 3 equipas de 7 jogadores (saem 3 a pressionar)

- escala intersetorial - os objetivos deste exercício foram promover uma circulação em posse com constante variação de ritmo e intensidade, assim como melhorar a capacidade da equipa para criar, identificar e explorar espaços para progredir.

Neste exercício (representado na Figura 8), em cada espaço situavam-se sete jogadores, sendo que no espaço intermédio situava-se a equipa que defendia. Sempre que a bola entrava num dos espaços das outras equipas, três jogadores da equipa que defendia poderiam deixar o espaço central e pressionar a equipa com bola (que tinha no máximo sete toques para colocar no espaço oposto). Os quatro jogadores restantes da equipa que defendia, deveriam fechar e interceptar eventuais linhas de passe, que permitissem à equipa com bola ligar o jogo ao outro espaço.

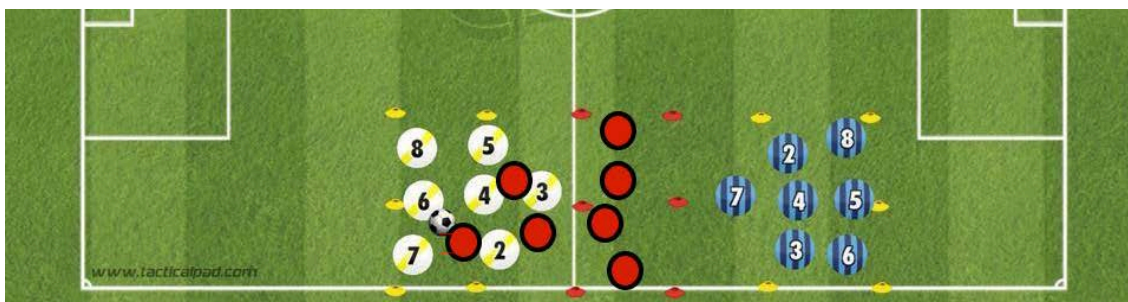


Figura 8 - 4º exercício – Meíinho de 3 equipas de 7 jogadores



Reflexão: pela própria dinâmica que implicava, este exercício criava situações de alternância de jogo curto e longo. Curto, nos momentos em que a equipa com bola tinha de circular em posse no seu espaço, de modo a esquivar-se da pressão dos 3 jogadores. Jogo mais vertical, nos momentos em que a equipa tentava colocar a bola no espaço oposto. Desta forma, tínhamos a alternância de ritmos que ambicionávamos quase constantemente. Além disso, este exercício pareceu-nos proveitoso, porque faz evidenciar a relação que deverá existir entre a circulação horizontal e vertical. Uma deve estar ao serviço da outra. Ou seja, a circulação horizontal não deverá ser um fim em si mesma, algo que estava a acontecer na nossa equipa mais vezes do que o desejado. Um aspeto que também consideramos muito vantajoso neste exercício, foi a necessidade permanente dos jogadores da equipa com a posse de bola se ajustarem posicionalmente, de modo a criarem “ângulos” para orientar o jogo. O que aproximou ainda mais o exercício de encontro ao nosso objetivo, melhorar a capacidade da equipa para progredir.

Porém, devido ao grande número de jogadores que participa no exercício, uma crítica que lhe poderá ser apontada é o baixo número de intervenções com bola que cada jogador tem. No entanto, devido a outras preocupações do treinador principal (nomeadamente com a gestão do grupo), por norma o exercício foi feito nestes moldes. Porém, reconhecemos que seria benéfico, em alguns momentos, ter optado por um exercício nos mesmos contornos, mas com menos jogadores. Tal faria com que a densidade de ações por jogador fosse provavelmente maior e as implicações pretendidas para o exercício maximizadas.

5º exercício - Situação de 2x1 com dois apoios – escala grupal e individual – este exercício (representado na Figura 9), tinha como objetivo melhorar aspetos relacionados com o jogo posicional dos médios-centro, nomeadamente a necessidade de jogarem em linhas diferentes, a capacidade de desmarcação, a orientação dos apoios, tendo também atenção aos “movimentos de pescoço”



para sentir o adversário/colega. Além disso, pretendíamos melhorar aspetos técnicos, tais como o passe e a receção orientada. Relativamente à sua operacionalização, o objetivo de quem atacava (brancos) era conseguir que a bola fosse de um apoio ao outro através dos médios colocados dentro do espaço.

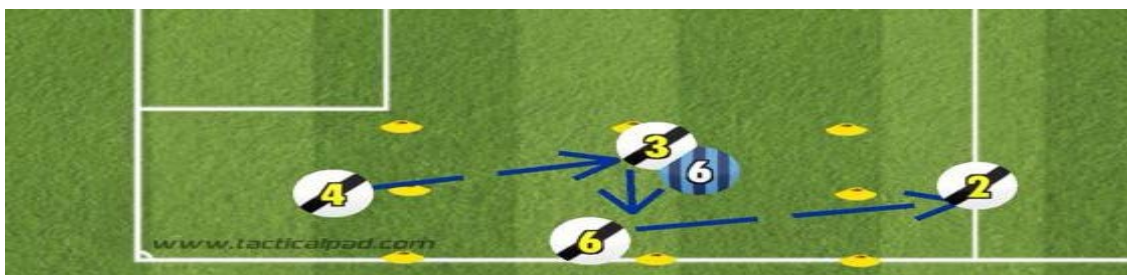


Figura 9 - 5º exercício - Situação de 2x1 com dois apoios

Reflexão - Este exercício revelou-se muito adequado para os objetivos que tínhamos. Pela alta densidade de ações que promoveu dentro do que queríamos e pela forte dinâmica que implicou nos jogadores.

Para avaliar a performance da equipa e dos jogadores nestes exercícios, tínhamos em atenção os seguintes aspetos:

- Feedback da equipa técnica;
- Um pequeno mapa de indicadores, com algum princípio(s), comportamento(s) ou ação que queríamos que fossem evidenciados, contados por um elemento da equipa técnica;
- Feedback dos jogadores;
- Gravação em vídeo.



5.3. A dimensão estratégica e a sua relação com a análise dos adversários

“O Futebol é um JDC que ocorre num contexto de elevada variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade, no qual as equipas em confronto, disputando objetivos comuns, lutam para gerir em proveito próprio, o tempo e o espaço...”

(Garganta, 1997, p. 21)

O futebol é reconhecido como um jogo desportivo coletivo, sendo operacionalizado numa relação de cooperação-oposição (Gréhaigne et al., 2011). O jogo, à luz da problemática da complexidade, poderá ser entendido na sua globalidade enquanto um “macro” sistema complexo (Gréhaigne et al., 1997). No seguimento desta lógica, emerge a dimensão ou subsistema equipa e, conseqüentemente, surge também a noção central de oposição. Esta última, por sua vez, leva-nos a considerar duas equipas que disputam um jogo de futebol, enquanto sistemas organizados em confronto e interação (Gréhaigne et al., 1997).

Por isso, tendo em consideração a natureza da modalidade, a dimensão estratégica revela-se como um dos aspetos que parece influenciar o modo como os treinadores de elite preparam as suas equipas. Embora as interpretações acerca desta dimensão sejam distintas, é praticamente transversal a constatação da importância que esta tem. O modo como depois é tratada é que se revela naturalmente diferente.

No entanto, antes de aprofundar o tema, e com base no nosso entendimento, pretendemos deixar um alerta para a complexidade do manuseamento da dimensão estratégica. Consideramos que a sua manipulação, deve estar dependente de diversos aspetos. Ou seja, exige sensibilidade. Caso tal não aconteça, poderão existir implicações imprevisíveis e, por vezes, nefastas no desempenho da equipa e dos jogadores. Convém lembrar que quando tratamos sistemas complexos, como é o caso das equipas e dos jogadores de futebol, micro modificações poderão gerar macro conseqüências (Garganta, 2013).



Na nossa perspetiva, a dimensão estratégica, para ser devidamente contemplada, não deverá ser entendida enquanto algo independente do processo de construção de uma forma de jogar. Devendo, ao invés disso, desenvolver-se com este. Sendo que os proveitos que desta surgirão, serão tanto maiores quanto mais cimentada for a cultura tática da equipa.

Nesta lógica, o grau de manipulação da estratégia, deve estar muito dependente da identificação que a equipa tem com as suas próprias ideias. Por outras palavras, a estratégia deve estar sobredeterminada pela dimensão tática da equipa, e não o inverso (Tamarit, 2013).

“Que cuidados a ter nesta relação? A nosso ver, fazer entender os nossos jogadores que o adversário, tem determinados pontos fortes/fracos nos diferentes momentos de jogo e temos de ter cuidado para que isso não venha a influenciar terminantemente aquilo que são as nossas ideias, intenções coletivas enquanto equipa. O cuidado será de que a dimensão estratégica, nunca ultrapasse o nosso modelo de jogo, o nosso jogar, aquilo que são as nossas prioridades enquanto equipa.” Tiago Leal (anexo 1)

“...é importante que uma coisa nunca se sobressaia, porque a estratégia pode estar ao nível do detalhe e o detalhe nunca se pode sobrepor aqueles que são os pilares fundamentais da tua ideia, da tua tática chamemo-lo assim.” Daniel Sousa (anexo 3)

Por isso, estar constantemente a modificar muitos aspetos do nosso jogar, poderá inibir a criação de hábitos e rotinas, algo determinante numa organização. Hipotecando, desse modo, a construção de uma verdadeira identidade, e retirando a espontaneidade e a segurança necessárias para que posteriormente se possa trabalhar a dimensão estratégica com maior eficácia.



“... a ênfase colocada na dimensão estratégica pode interferir com aquilo que são os princípios de jogo. A tal ponto que pode tornar-se num “atractor estranho”, um “buraco negro” e colocar em risco a funcionalidade da equipa.”
Vítor Frade (citado por Amieiro, 2004, p. 69)

Assim sendo, em equipas e contextos onde não há uma identidade consolidada e incorporada pelos jogadores, deverá existir muita prudência na abordagem da estratégia. Na medida em que, por vezes, aquilo que pensamos que irá ajudar, poderá constituir-se como estorvo, podendo hipotecar dinâmicas que venham em processo de assimilação.

Face ao exposto, somos da opinião que a estratégia deve ser entendida como algo que nos ajuda a preparar o futuro, a definir cenários e a balizar os meios (Garganta, 1997). Esta projeta-nos problemas, restando perceber e treinar as ideias a utilizar.

“A palavra estratégia não designa um programa predeterminado que basta aplicar ne variantur¹⁷ no tempo. A estratégia permite, a partir de uma decisão inicial encarar um certo número de cenários para a ação, cenários que poderão ser modificados segundo as informações que vão chegar no decurso da ação e segundo os imprevistos que vão surgir e perturbar a ação.” (Morin, 1995, p. 116)

Então, em função dessas conjeturas, determinados princípios revelar-se-ão como mais pertinentes treinar e relembrar, face aos problemas que a nossa equipa antecipa encontrar. Porventura, modificar pequenos detalhes ou subprincípios. Isto para que no momento do confronto, a nossa ideia de jogo esteja mais preparada para resolver os obstáculos que a ideia de jogo do adversário nos vai colocar. Permitindo-nos, assim, afirmar a nossa forma de jogar.

¹⁷ Sem variar



A concretização deste objetivo, em muito dependerá da qualidade da ideia de jogo da equipa, assim como da capacidade dos seus jogadores, entre outros. No entanto, acreditamos também que, no mais alto nível, a dimensão estratégica poderá afigurar-se em determinadas situações, como um “pormenor” no cumprimento desta pretensão.

Mais do que uma dimensão, neste caso pretendemos falar também numa “intenção estratégica”. Uma intenção de conseguir dar ao jogo o que ele necessitar.

“Uma grande equipa consegue ter qualidade em todos os momentos, analisando o contexto em cada momento. Ou seja, as grandes equipas têm a capacidade de se houver possibilidade de sair em contra-ataque, elas atacam em contra-ataque ou ataque rápido. Se analisarem ou verificarem que a equipa adversária já está equilibrada, mantêm a posse de bola e mantêm-na com qualidade.” Miguel Moita (anexo 2)

Ou seja, como menciona Garganta (Pedreño, 2014), incorporar os princípios, mas saber depois como os gerir. Utilizando e explorando aquilo que for mais adequado em função do envolvimento, algo que nos parece ser identificador das melhores equipas (Sousa, 2009).

“O camaleão pode em função do contexto, ao qual é sensível, nuanciar o seu fenótipo com o intuito de melhor preservar a sua integridade, no entanto, jamais subverte a sua identidade. E o jogar de qualidade deve manifestar-se deste modo, deve ser sensível ao contexto, e nuanciar-se para melhor dar respostas aos diferentes padrões de problemas que enfrenta...” (Maciel, 2013, p. 17).

Assim, embora a dimensão estratégica tradicionalmente se associe exclusivamente ao plano da conceção e da previsão, não deverá estar confinada temporalmente ao que acontece antes do jogo (Garganta, 1997). Esta também



se relaciona intimamente com o “aqui e agora”, com o contexto e as possibilidades de ação que ele nos oferece. Por isso, os jogadores devem aprender, durante o processo de treino, como acoplar a informação ao envolvimento. Devem ser levados a reconhecer os diferentes cenários de prática. Sendo que, para isso, as analogias entre o treino, os problemas do jogo e o jogo que se quer (soluções para os problemas) desempenham um papel fundamental (Garganta et al., 2013).

Assim sendo, em parte a estratégia poderá entender-se também, como a arte de reagir favoravelmente em condições adversas e imprevisíveis (Garganta, 1997). A faculdade para a equipa reconhecer um problema e adaptar-se coletivamente para solucioná-lo.

“De facto, num jogo o adversário cria o inesperado, criando necessidade permanente de adaptação aos constrangimentos que surgem no confronto.”
(Gréhaigne et al., 1997, p. 140)

Por isso, caso uma equipa tenha os seus princípios consolidados, e esteja habituada a lidar com os diferentes cenários que o jogo poderá colocar, certamente desenvolverá competências, que lhe vão permitir gerir mais eficazmente os diferentes enredos que o jogo vai proporcionando.

Trata-se de ajustar e afinar princípios ou ideias que, em determinadas circunstâncias, poderão ser mais pertinentes reavivar. Daí a importância de o modelo de jogo da equipa ter variabilidade. Será a riqueza das ideias que lhe pertencem, que irão permitir ao treinador desenvolver mais ou menos esta dimensão.

“...a equipa que ganha mais vezes é aquela que consegue fazer isto, que consegue ter não só um grande background de ideias, a nível de identidade, mas também se consegue adaptar aos adversários que vai encontrar.”

Miguel Moita (anexo 2)



Por isso, de modo algum, a dimensão estratégica se deve entender como um abdicar da nossa identidade, pois na verdade pretende-se que seja o contrário. Deverá estabelecer-se como um meio para fazer sobrepor as nossas ideias relativamente às do adversário.

5.3.1. Preparação da análise das equipas adversárias – Importância dos contextos

“Para conhecer um adversário em profundidade, precisamos de quatro ou cinco jogos. Porque temos de perceber se as coisas acontecem por acaso, se são de facto, movimentos-padrão, dinâmicas da equipa...”

André Villas-Boas (Oliveira et al., 2006, p. 166)

De forma usual, treinadores, analistas e investigadores referem que a observação dos últimos quatro ou cinco jogos são suficientes e adequados para se obter informação acerca dos padrões de jogo das equipas adversárias (Carling et al., 2005; Ventura, 2013).

A informação proveniente desses jogos permite-nos, por norma, garantir fiabilidade nos dados que obtemos acerca das regularidades e particularidades do adversário. Ademais, possibilita-nos verificar se existem modificações no comportamento da equipa a jogar em casa e fora, ou como reage perante resultados adversos e favoráveis.

“Nós enquanto departamento e falar mais propriamente do tempo do Mónaco, fazíamos uma antecipação de 3 jogos em relação ao nosso jogo e procurávamos que espelhassem um pouco aquilo que íamos encontrar.”

Miguel Moita (anexo 2)



Contudo, por vezes, esses jogos poderão não ser suficientes para obter uma noção muito concreta e fidedigna acerca do tipo de jogo que o adversário nos irá proporcionar.

Num jogo de futebol, quando duas equipas (enquanto sistemas complexos) se defrontam, produzem-se interações singulares.

“...os jogos são selecionados atendendo não aos últimos jogos, mas atendendo a contextos que eu acho que o nosso jogo irá ter contra esse adversário.” Tiago Leal (anexo 1)

Estas interações dependem de inúmeros fatores. Sendo que, as regras do jogo e os constrangimentos espaciais e temporais (impostos pela modalidade) são parte deles.

Todavia, pretendemos destacar os aspetos mais relacionados com as características comportamentais enquanto sistema de cada equipa, a sua “Especificidade”. Fatores, tais como, a organização estrutural de cada uma, os seus princípios de jogo, as particularidades dos seus jogadores.

Por isso, quando observamos um jogo de uma equipa adversária, devemos considerar que o confronto entre dois “sistemas” gera informação muito própria. Por isso, tal como refere o nosso entrevistado Miguel Moita (anexo 2), devemos *“tentar encontrar jogos em que eles demonstrem aquilo que mais vão fazer no teu jogo ou pelo menos falando desses comportamentos primários/principais”*.

“... em Itália mudamos um bocado... o que é que são as dinâmicas e o que é que a nossa estrutura e a estrutura do adversário... que tipo de espaços é que poderão provocar, as compensações... sabes que o 4-4-2 em losango que nós jogamos, leva a grande tipo de adaptações do adversário, caso não jogue da mesma forma, em Itália começamos a ter mais essa preocupação a nível da observação... nós jogamos em 4-4-2 losango, o Cagliari também joga dessa forma, e o Palermo... íamos normalmente buscar esses jogos, as dinâmicas



defensivas do adversário, os espaços que podem ser criados pela forma como defendem contra um 4-4-2 losango... em que te dá uma realidade e uma perspetiva totalmente diferente... um 4-4-2 losango contra um 4-3-3, obriga a um determinado tipo de dinâmicas, um 4-4-2 losango contra um 3-5-2, obriga a um determinado tipo de dinâmicas defensivas ou outro tipo de criação de espaços.”

André Villas Boas (Sousa, 2009, p. LXXXVIII)

Embora, naturalmente, existam traços transversais em diferentes jogos, sobretudo nas melhores equipas, jogar com o F.C. Porto ou com o Borussia Dortmund produzirá informações diferentes. Na medida em que, os constrangimentos e problemas provocados à equipa e o modo como serão tratados serão também distintos.

Por isso, consideramos relevante, quando estudamos uma equipa, recolher informação perante um adversário de um nível de qualidade semelhante ao nosso. Porém, que se aproxime o mais possível da nossa forma de jogar em termos funcionais, mas também estruturais. As interações, os espaços disponíveis, as possibilidades de ação que emergirão desse confronto, serão mais representativas daquelas que encontraremos.

Por vezes, os últimos jogos do adversário que enfrentaremos não são adequados para nos apercebermos dessas dinâmicas que o adversário possivelmente apresentará contra a nossa equipa. Por várias razões, o facto de o nível dos opositores não ser semelhante ao nosso, de as equipas que defrontaram terem uma organização estrutural diferente da nossa, assim como, princípios de jogo também marcadamente distintos. Particularidades que modificaram o comportamento do “sistema” e geraram interações distintas.

Consequentemente, para além da preocupação na recolha de informação sobre jogos em casa/fora, com resultados favoráveis/adversos e tendo em conta o nível e funcionalidade do opositor. Uma das preocupações mais particulares que tínhamos no contexto do clube, era tentar entender de que forma os adversários se comportavam perante equipas que utilizavam dois avançados, como era o caso da nossa equipa.



Os laterais fechavam mais dentro? Qual o comportamento do(s) pivô(s)? Qual o comportamento dos centrais? Como reagem quando um dos avançados baixa entrelinhas? Se um deles acompanha, a restante linha defensiva fecha corretamente os espaços? São facilmente arrastados libertando muitos espaços na linha defensiva?

Enfim, o tipo de interações e possibilidades de ação que se geram são bastante distintas se uma equipa joga com um ou dois avançados, pelo que considerávamos pertinente esta preocupação.

5.3.2. Observação das equipas adversárias

“...atendendo ao nível a que nós jogamos, a TOP, a dimensão estratégica tem uma preponderância muito grande no desenrolar de cada jogo. Daí a análise do adversário ser fundamental, para que percebamos como se comporta nos diferentes momentos de jogo e de que forma teremos de preparar detalhes, para termos mais sucesso nas nossas ações, no desenvolvimento do nosso jogar contra esse determinado adversário.” Tiago Leal (anexo 1)

Na nossa opinião, ter um conhecimento aprofundado sobre a forma de jogar do adversário, poderá proporcionar-nos algumas vantagens na preparação da nossa equipa.

Entre algumas dessas vantagens, poderemos começar por destacar, a possibilidade de adequar o processo de treino (Carling et al., 2005). Assim, priorizando com sensibilidade, e de acordo com as circunstâncias, que princípios da nossa equipa serão mais apropriados treinar, face aos contextos e problemas que esperamos encontrar. Através do mapeamento do jogo do adversário, poderemos também conseguir identificar debilidades a explorar através da nossa forma de jogar. Como foi anteriormente mencionado, que nos permitam impor a nossa ideia de jogo e inibir ou condicionar a do adversário.



“...há geralmente uma maior preocupação da nossa parte, em analisar o momento de transição defensiva e organização defensiva. Perceber quais são os pontos fortes e fracos das equipas nestes dois momentos, porque sendo nós uma equipa que quer ter a bola, precisamos de perceber perfeitamente quais são os espaços que teremos de pisar para retirar mais vantagens...” Tiago Leal (anexo 1)

Na mesma lógica, poderá também permitir-nos reconhecer os comportamentos e constrangimentos, habitualmente colocados pelo adversário que induzem desequilíbrios nos seus opositores e preparar-nos para os mesmos (Garganta, 2008).

Para contextualizar algumas destas ideias, trazemos um exemplo do trabalho realizado no âmbito do clube.

Neste caso, identificámos os seguintes pontos fortes na equipa adversária, para os momentos de organização ofensiva e transição defesa-ataque:

Organização ofensiva – Os desequilíbrios eram sobretudo iniciados nos corredores laterais, através dos extremos que eram muito fortes em situações de 1x1. Estes jogadores, tendiam a estar abertos numa fase inicial do ataque para gerar amplitude. Partindo desse posicionamento, procuravam receber em apoio, para depois criar situações de 1x1. Nessas circunstâncias, tinham tendência a ir para dentro em drible, procurando espaços interiores para rematarem de meia distância ou filtrarem passe nas costas da linha defensiva.

De modo a contrariar esta situação pretendíamos, sempre que possível, garantir proteção aos nossos laterais, para evitarmos os desequilíbrios criados a partir dessas circunstâncias. Neste sentido, seriam importantes as coberturas interiores do médio-ala ou médio-centro, como forma de evitar que os extremos adversários pudessem progredir para dentro em drible. Assim, condicionando-os a ir para fora e reduzindo os espaços entrelinhas.



No entanto, nos casos em que a cobertura não chegasse a tempo e os extremos adversários conseguissem penetrar por dentro, era fundamental que o central do lado da bola tivesse um bom timing para encurtar (comportamento que deveria ser complementado com o devido fecho dos espaços pelos restantes jogadores da linha defensiva). Se o central que saísse encurtasse demasiado cedo, possivelmente deixaria espaços na linha defensiva, se saísse tarde, daria espaço para o remate de meia distância, ainda que esta última, deveria ser a opção a privilegiar.

Outro aspeto importante no comportamento dos centrais tem a ver com as situações em que o nosso lateral perdesse um duelo com o extremo adversário no último terço. Forçando o central a sair a zonas lateralizadas, o que deveria ser compensado com a entrada na área de um dos médio-centro, para fazer a linha de 3 na proteção da baliza.

Transição defesa-ataque - Situações de contra-ataque ou ataque rápido. Eram muito agressivos e verticais com espaço, de forma mais ou menos intencional, pareciam potenciar a criação de um “jogo de transições”.

Pretendíamos evitar este tipo de jogo através da segurança na nossa transição defesa-ataque, privilegiando que os primeiros passes, após a recuperação, fossem seguros e permitissem à equipa subir no terreno de jogo mais coesa. O que possibilitaria que a nossa equipa estivesse mais equilibrada e preparada para uma melhor reação à perda, através do nosso jogo posicional.

As vigilâncias ao ponta de lança e sobretudo aos extremos eram muito relevantes, pois estes eram as referências de saída para contra-ataque do rival. Sendo que o mau envolvimento a nível defensivo que tinham (por vezes não baixavam ficando numa posição intermédia entre o defender e o transitar), potenciava os momentos de transição defesa-ataque, permitindo que ganhassem profundidade rapidamente.

Pelo que, queríamos tentar garantir uma subestrutura defensiva de 3 + 2 jogadores (dois centrais e um lateral, mais os dois médios-centro) para assegurar o equilíbrio da equipa.



No entanto, quando acontecesse uma situação de desequilíbrio para a nossa equipa, pretendíamos que os jogadores implicados na nossa transição defensiva, baixassem no terreno e retirassem profundidade até estarmos reorganizados. Desse modo, protegendo o espaço nas costas da nossa linha defensiva, um espaço alvo para a equipa adversária.

Como ponto débil a explorar no momento de organização defensiva do adversário:

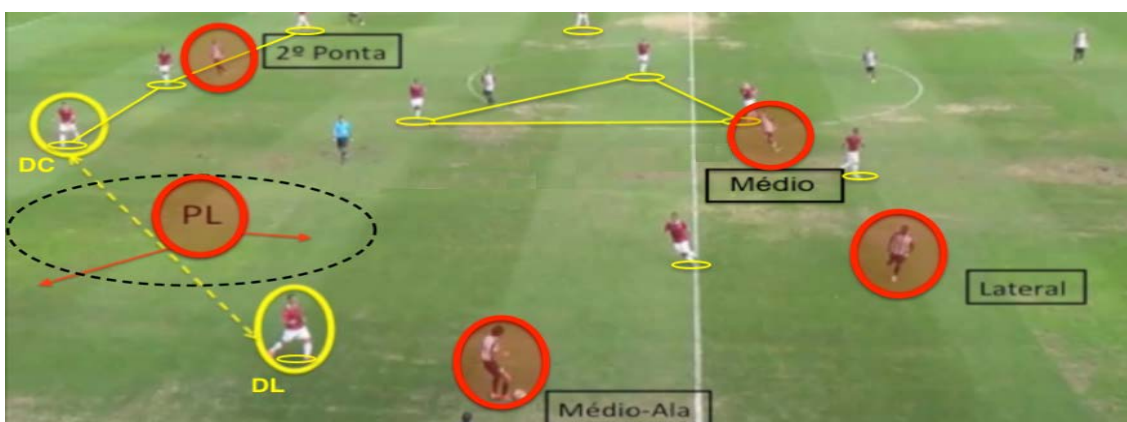


Figura 10 - Posicionamento(s)/Dinâmica(s) objetivadas para explorar espaço entre central-lateral.

Organização defensiva (1x4x1x4x1) – Quando a bola entra nos corredores laterais e o lateral pressiona o médio-ala/extremo do adversário, a restante linha defensiva tende a não acompanhar devidamente (conforme demonstra a Figura 10).

Este comportamento poderia ser agravado caso se favorecesse o surgimento de duas circunstâncias.

Primeiro, que numa fase inicial do nosso processo ofensivo, a equipa tivesse uma circulação ritmada e variada quanto à utilização dos espaços (sobretudo à largura), o que implicaria uma permanente basculação da linha defensiva rival. Por exemplo, seria importante se conseguíssemos atrair o adversário num dos corredores laterais, para depois circular rapidamente para o corredor contrário. Essa alternância na utilização dos corredores, seria essencial



para provocar a desorganização do adversário, especialmente da sua linha defensiva, o que criaria espaços para depois sermos mais profundos e podermos progredir.

A segunda premissa importante, seria que os nossos médios-ala dessem largura à equipa, quer o do lado da bola, quer o do lado contrário (os laterais posicionados mais por dentro). Para que, deste modo, e através da nossa circulação, pudessem receber a bola abertos, gerando assim uma distância/espaço maior entre lateral e central, quando o primeiro realizasse a pressão ao nosso jogador. Esta debilidade do adversário era evidente especialmente no corredor lateral direito, na relação entre o lateral e o central desse lado.

A partir desse momento, quando o lateral adversário saísse a fazer a contenção, pretendíamos explorar o espaço referenciado. Através da incorporação do avançado, do lateral ou do próprio médio-ala após uma combinação. A entrada naquele espaço do médio-centro era uma opção secundária, visto que eventualmente poderia desequilibrar-nos, algo que explicaremos com mais detalhe no ponto seguinte.

5.3.3. Influência no processo de treino/jogo da análise do adversário

“...apesar da influência da análise do adversário não ser determinante naquilo que é o nosso modelo de jogo, tem sempre alguma influência do ponto de vista do detalhe ou de alguma coisa que tenhamos que ajustar em função da forma como o adversário joga. O nível e a forma de jogar do adversário são sempre importantes, mas não determinantes, ao ponto de alterar completamente a nossa ideia de jogo.” Tiago Leal (anexo 1)

A informação proveniente da análise do adversário é manipulada de diferentes modos por cada treinador, sendo algo muito particular de cada processo, ainda que seja consensual a sua importância no futebol de elite.



No contexto do clube, o treinador principal tinha como característica o facto de não promover variações significativas na planificação do treino, em função dos próximos adversários.

Existiam ligeiras modificações sendo que, a forma como operacionalizava a dimensão estratégica era, predominantemente, feita em situações de jogo macro e nos últimos treinos da semana. Ajustando pequenos aspetos, mas sobretudo, usando bastante a sua comunicação para transmitir a informação que considerava pertinente. Nomeadamente, parando habitualmente o treino para corrigir e acautelar certas situações ou para refletir com a equipa sobre algum cenário ou circunstância que tenha despontado.

Ainda que nem sempre fossem utilizadas, tinha como hábito propor à equipa técnica algumas sugestões de exercícios, desenhados de acordo com princípios e ideias de jogo que considerava essenciais face aos problemas que esperávamos encontrar. Ou seja, existia a tentativa de sugerir contextos de treino e soluções no âmbito tático-estratégico, que pudessem tornar a equipa mais preparada para os cenários que enfrentaria no próximo jogo.

Como mencionámos, o nosso treinador não promovia grandes variações no processo de treino em função do adversário. Contudo, pela forma como este entendia o jogo e pelas prioridades que definia, parte essencial das preocupações com o adversário, que realmente tinham implicações efetivas no treino, estavam relacionadas com a organização defensiva do rival e essencialmente com as suas debilidades.

Face ao exposto, não menosprezando os outros momentos de jogo, direcionava o meu foco de modo de modo a criar contextos em que treinávamos predominantemente em organização ofensiva, eventualmente contemplando também o momento de transição defensiva.

Por exemplo, para treinarmos a situação identificada na equipa adversária mencionada no ponto anterior, relacionada com a atração do lateral e o espaço que surgia nas costas deste, e entre este e o central do seu lado, realizámos o seguinte exercício (10 + GR x 10 + GR --> 5 x 3 + GR), representado nas Figuras 11 e 12 abaixo.



Este exercício, englobava um objetivo mais geral, que tinha que ver com a melhoria da verticalidade da nossa circulação em posse, um aspeto em défice no nosso jogo, tal como já referimos neste trabalho. Um objetivo mais particular, relacionado com o próximo adversário e mais concretamente, com a criação de movimentos de rutura no espaço entre central e lateral, pois considerávamos que tal seria determinante na criação de desequilíbrios, pelas razões já enunciadas.

Neste sentido, o direcionamento do exercício foi operado mediante duas condicionantes. Os nossos médios-ala seriam os responsáveis por dar largura à equipa, enquanto que os laterais deveriam encontrar-se numa linha mais interior.

Este jogo posicional foi definido atendendo às características dos jogadores em questão, e com este, pretendíamos propiciar a atração do lateral da equipa que defendia e aumentar a sua distância em relação ao central.

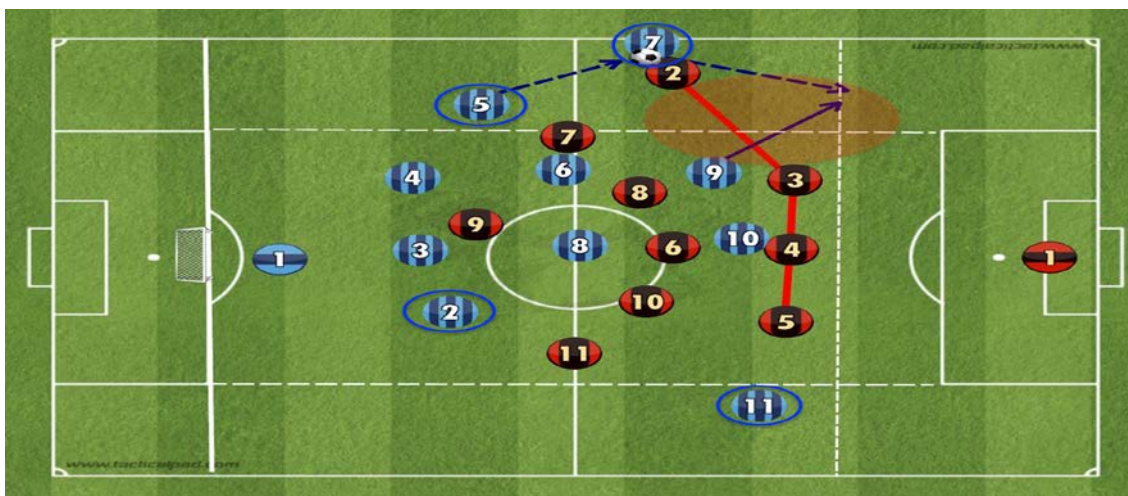


Figura 11 - Exercício 10 + GR x 10 + GR

A partir daqui, direcionámos o exercício, e os comportamentos dos jogadores, de acordo com a seguinte ideia: na circulação em posse, quando o médio-ala recebesse a bola e se gerasse o espaço pretendido, deveria ser realizado um movimento de rutura entre central e lateral. Este movimento poderia ser efetuado pelo lateral, avançado ou pelo próprio médio-ala (por exemplo, caso este combinasse com o médio-centro do seu lado).



Um dos aspetos que nos obrigou a alguma reflexão na equipa técnica, teve que ver com a possibilidade de atacar esse espaço, através de um movimento de rutura em diagonal do médio-centro. Todavia, a decisão final do nosso treinador, foi de que esta não seria uma opção benéfica para a equipa.

Os nossos jogadores dessa posição, não tinham muita mobilidade e, esse deslocamento, eventualmente poderia também desequilibrar-nos, uma vez que os nossos laterais eram bastante ofensivos (fazendo com que os médios-centro assumissem um papel fundamental no equilíbrio defensivo, como mais adiante mencionaremos). Ainda assim, poderiam proporcionar-se inúmeras interações e, cada uma destas, provocaria respostas diferentes do adversário.

No desenrolar da jogada, caso a bola entrasse eficazmente num jogador que invadisse esse espaço, a equipa que estava em organização defensiva passaria a defender com 3 jogadores (os dois centrais e o lateral do lado contrário) mais o guarda-redes. Quando se geravam estas situações, o exercício transformava-se então num 5 x 3 + GR (conforme demonstra a Figura 12).

Nesta segunda fase do exercício, era pretendida uma grande verticalidade da circulação e maior agressividade ofensiva para aproveitar os desequilíbrios criados.



Figura 12 - Exercício 5 x 3 + GR



A equipa que atacava seria formada pelos dois médios-ala, dois avançados e um lateral. Ou seja, cinco jogadores atacavam e cinco jogadores mais o guarda-redes fariam o equilíbrio defensivo.

Eventualmente, poderia proporcionar-se a entrada de um sexto jogador (um médio-centro) ainda que, como referimos previamente, devido às nossas preocupações com a transição ofensiva do adversário, não era algo que priorizássemos. Uma vez que, quando um dos laterais se incorporava no ataque, o médio-centro desse lado deveria, por norma, vigiar o extremo adversário.

No entanto, o treinador dava autonomia aos jogadores desta posição para decidirem o melhor para a equipa, em função de circunstâncias do próprio jogo. A título exemplificativo, se numa determinada jogada identificassem certos espaços, que poderiam permitir gerar perigo através de uma entrada de segunda linha, tinham liberdade para aparecer (nunca os dois ao mesmo tempo).

Os restantes jogadores da equipa em organização ofensiva, que não participavam diretamente nesta fase do exercício, deveriam acompanhar a jogada, ajustando-se de modo a vigiar os jogadores adversários e preparar a transição defensiva. Neste ponto, especial atenção com o controlo das três referências de saída para contra-ataque ou ataque rápido do adversário (extremos e ponta de lança), tal como mencionámos no ponto anterior deste relatório.

Este exercício revelou-se adequado, permitindo-nos treinar com densidade as ideias que pretendíamos. Nas primeiras situações em se originaram os comportamentos desejados, o treinador parou o treino e alertou para os mesmos, enfatizando o espaço que se criava e as eventuais possibilidades para explorá-lo.

Por exemplo, o nosso lateral esquerdo tinha um excelente entendimento com o nosso médio-ala. Pelo que, essa foi uma das interações que mais se evidenciou, com o médio-ala a receber aberto e o lateral a atacar de dentro para fora (em diagonal), o espaço nas costas do lateral.



Outra alternativa, muito valorizada pelo nosso treinador, relacionava-se com a mobilidade dos avançados, especialmente o do lado da bola. Este jogador, deveria movimentar-se de acordo com os espaços que surgissem e com as dinâmicas dos colegas, para depois decidir se aparecia no espaço alvo ou se o deixaria livre (arrastando eventualmente o central), para a entrada de um colega.

Contudo, estava a surgir um problema que, inclusive, era relativamente esperado da nossa parte. O lateral da equipa que defendia, não estava a ser atraído do mesmo modo como seria supostamente o do adversário. Fundamentalmente, devido ao comportamento marcadamente zonal que evidenciava a nossa equipa em organização defensiva.

Para ultrapassar esta circunstância, e treinarmos durante alguns minutos com um contexto mais aproximado do esperado, o treinador principal ajustou o contexto de exercitação de uma forma muito intuitiva. De modo a recriar este problema, colocou um dos adjuntos jogando como lateral direito na situação de treino. Este, conhecendo perfeitamente o comportamento do lateral adversário, atuava em conformidade com o que tínhamos analisado, saindo na pressão ao nosso médio-ala que recebia aberto e em apoio para atraí-lo.

“Há todo um conjunto de espaços que quando analisamos o adversário tentamos perceber e passar para os jogadores depois no dia a dia do microciclo.”
Tiago Leal (anexo 1)

Face a estes aspetos da nossa forma de jogar que queríamos potenciar, confirmou-se, no jogo, parte daquilo que pretendíamos. Conseguimos explorar o espaço alvo, criando algumas interações que resultaram em situações de perigo para o adversário. Em seguida, a título exemplificativo, descreveremos três destas.



Situação 1 – Interação entre lateral, médio-ala e avançado.

Nesta situação (tal como demonstram as Figuras 13, 14 e 15), o avançado surge no espaço alvo, combinando com o lateral e servindo o médio-ala que se incorpora em zonas interiores, atacando precisamente o espaço entre lateral-central. Dessa ação resulta um passe para o outro avançado que estava dentro da área, que termina a jogada com um remate intercetado (Figura 16).



Figura 13 - Lateral passa ao avançado que surge no espaço alvo. Médio-ala ataca o espaço.



Figura 14 - Médio-ala ataca o espaço nas costas do lateral (por dentro) e recebe passe do avançado.



Figura 15 - Médio-ala após receber o passe do avançado dentro da área, passa ao outro avançado.



Figura 16 - Avançado recebe e remata. Remate intercetado.

Situação 2 – Interação entre lateral, médio-ala e avançado.

Nesta situação (evidenciada nas Figuras 17, 18, 19 e 20), o médio-ala consegue criar uma linha de passe para o avançado, que se desloca no lado cego do médio da equipa adversária em direção ao espaço entre lateral e central. Após receber o passe encontra-se numa situação de 1x1 dentro da área, da qual resulta um outro passe para o médio-ala que por sua vez se deslocou para zonas interiores. Termina a jogada com remate intercetado dentro da área.



Figura 17 - Avançado ataca o espaço alvo nas costas do lateral. Médio-ala passa-lhe a bola.



Figura 18 – Após o passe para o avançado, o médio-ala desloca-se para espaços interiores.



Figura 19 - Avançado passa a bola novamente ao médio-ala.



Figura 20 - Médio-ala recebe a bola dentro da grande área do adversário. Dribla e efetua um remate.

Situação 3 - Interação entre lateral, médio-centro e médio-ala.

Nesta situação (conforme evidenciam as Figuras 21, 22 e 23), ainda que não fosse uma interação muito sustentada pelo treinador, é o médio-centro a surgir no espaço alvo em apoio, combinando com o médio-ala e servindo o lateral que ataca o espaço nas costas do lateral adversário.



Figura 21 - Médio-ala passa ao médio-centro (situado no espaço-alvo). Lateral ataca a profundidade.



Figura 22 - Lateral ataca o espaço nas costas do lateral adversário e recebe passe do médio-centro.



Figura 23 - Lateral recebe a bola e cruza, originando uma possível situação de finalização.

5.3.4. Interpretação e representação do jogo dos adversários

Relativamente ao modo como o adversário é estudado e representado, vários caminhos poderão ser trilhados. O estudo através da análise de cada um dos momentos de jogo é normalmente uma das opções escolhidas (Carling et al., 2005; Ventura, 2013). No entanto, cada um deve eleger o método que considera mais adequado. O fundamental é que exista uma lógica de análise e interpretação que atenda e respeite a complexidade do jogo, seja qual for a opção elegida. Ou seja, deve existir uma articulação total entre esses momentos e fases. Reduzir para facilitar a compreensão, mas sem que exista um



empobrecimento da realidade que se deseja retratar. Diminuir ou aumentar a escala de perceção, porém sem nunca retirar as “lentes da complexidade”.

“...nós dividimos o jogo em momentos, mas eles não se dissociam. Nós dividimos para ser mais fácil identificar comportamentos, seja para treinar, seja para analisar, para facilitar a tarefa do ponto de vista da análise...”

Tiago Leal (anexo 1)

Porquê? Sobretudo no jogo das melhores equipas, parece-nos existir uma relação muito forte entre todos os momentos. Tratam-se de equipas que, ainda que estejam a defender, já estão a preparar o momento de atacar, e vice-versa. Inclusive, por exemplo, dentro do que são os momentos de organização ofensiva dessas equipas, pensamos que a forma como estas preparam o jogo na primeira fase de construção, está normalmente bastante relacionada com os espaços que pretendem criar, para depois alcançar situações de finalização de um certo modo. Ou seja, as interações acontecem num determinado sentido, porque há um objetivo para que assim seja. Tudo está interligado, tal como refere o entrevistado Miguel Moita (anexo 2):

“...gosto de dividir em 3 fases, algo mais objetivo. Primeira fase de construção, segunda de ligação e terceira de criação de situações de finalização. Essa segunda fase será então a fase de ligação, quais são os pontos de ligação e aqui muitas vezes estamos a falar de coisas que se articulam sem darmos conta.” Miguel Moita (anexo 2)

Cabe-nos descortinar essas dinâmicas, para que possamos eventualmente contrariá-las, algo que só poderá ser feito se existir a capacidade de identificar estes nexos, que se estabelecem na forma de jogar das equipas. Partindo depois em direção ao detalhe e ao pormenor, sem perder de vista a globalidade.

No entanto, explicar ou ensinar a alguém, como interpretar um jogo de



futebol é muito complexo de se realizar. Mais que um processo de ensino, acreditamos que deverá ser um processo de aprendizagem. Contudo, provavelmente, poderemos ajudá-la e instruí-la nesse caminho.

Assim, em modo de resumo do abordado nestes capítulos, e utilizando também o conhecimento transmitido pelos nossos entrevistados poderemos, desde já, sintetizar alguns pontos referenciais. Referenciais esses que, não devendo ser interpretados como pontos de chegada, mas sim de partida, porventura ajudar-nos-ão a melhorar a nossa compreensão do jogo e das tarefas do analista:

- Conhecer aprofundadamente as ideias do treinador principal e a forma de jogar da equipa, acreditamos que deverá ser o “pontapé de saída” para qualquer tarefa de análise. São estas ideias que devem direcionar o nosso foco, permitindo-nos selecionar e interpretar a informação mais relevante para o nosso processo. Para, a partir desses conceitos, colocar as questões/perguntas que nos permitirão obter respostas e conhecimento específico acerca da nossa equipa e dos adversários (ou da interação entre ambos). Tal como refere Miguel Moita (anexo 2) *“o mais importante começa com o nosso jogo e com a nossa identidade”*.

A título exemplificativo, imaginemos que somos equipa que quer iniciar o jogo e progredir de uma forma predominantemente curta. Temos jogadores que não são muito fortes no ataque à profundidade e nos duelos pelo ar, pelo que necessitamos de privilegiar uma progressão mais apoiada. Eventualmente, não fará tanto sentido, priorizar quando analisemos uma equipa adversária, saber como reagem perante saídas longas. Ainda que possa ser pertinente de se saber, não é algo prioritário. As soluções que a nossa equipa deseja desenvolver são outras e neste sentido deveremos indagar o jogo do adversário tendo isso em consideração. Neste caso, porventura um dos aspetos que poderíamos ter em atenção, seriam os espaços que deixam quando pressionam. Se não pressionam de uma forma agressiva, então tentar descobrir de que modo os podemos atrair, para criar espaços para progredir;



- Em conformidade com o ponto anterior, julgamos fulcral conhecer aprofundadamente os jogadores da nossa equipa. Saber as suas competências e defeitos, seja qual for o contexto no qual nos encontramos. Esse conhecimento será fundamental para que possamos sugerir soluções para o jogo da equipa no âmbito tático-estratégico. Propondo ideias, que se adequem ao tipo de comportamentos que queremos promover do ponto de vista coletivo, mas que, necessariamente, atendam também às particularidades dos jogadores que dispomos.

Por exemplo, imaginemos que vamos enfrentar uma equipa que defende em 1x4x1x4x1 e que na sua organização defensiva tende a deixar espaços em zonas interiores, entre a linha média e defensiva. Mais especificamente, nas costas do médio interior esquerdo, que frequentemente realiza movimentos de pressão, sendo que o pivô da sua equipa não cobre corretamente os espaços que este jogador deixa nestas situações.

Esse espaço que é criado, poderá ser explorado mais provavelmente por dois jogadores da nossa equipa. O nosso médio-ala direito ou o nosso avançado direito (estrutura de 1x4x4x2). Todavia, o nosso avançado é muito mais forte no ataque à profundidade, tendo menos aptidão para jogar em apoio, enquanto que o nosso médio-ala direito tem muita capacidade para aparecer e associar-se por dentro.

Tendo em consideração os problemas apresentados pelo adversário, os nossos princípios, e as características dos nossos jogadores, possivelmente, fará mais sentido indicar ideias que favoreçam o aparecimento no espaço mencionado do médio-ala. Priorizando talvez que o nosso avançado ataque mais a profundidade (por exemplo nas costas do lateral esquerdo rival) e crie mais espaço/tempo para que o colega receba entrelinhas, pela incerteza provocada no adversário;

- Sistemas utilizados – detetar numa equipa adversária qual o seu sistema de jogo preferencial e respetivas variantes é fundamental. Julgamos que se trata de um primeiro passo, de modo a antever algumas das interações e cenários



que poderão proporcionar-se. Tal como referido, cada sistema tem nuances próprias, que embora não determinem a forma de jogar de uma equipa, influenciam-na. Como menciona Sousa (2009, p. 62), *“a estrutura que determinada equipa assume no terreno influencia as transições (bem como todos os outros momentos) na medida em que, os espaços que se ocupam e deixam vazios são manifestamente distintos, logo, as dinâmicas que as estruturas irão potenciar serão também elas, manifestamente distintas”*.

“...se nós jogamos em 1x4x3x3 e os alas vêm para dentro como é que nós temos de defender o espaço ao lado do pivô? Porque muitas vezes nesse espaço ele pode estar sozinho e então como é que vamos defender um ala que vem para dentro?” Daniel Sousa (anexo 3)

Por exemplo, consideremos que a nossa equipa usa uma estrutura de 1x3x4x3. Sendo que a nossa primeira fase de construção em organização ofensiva, se caracteriza por uma primeira linha de três centrais, depois numa segunda linha surgem os dois médios-centro que jogam fundamentalmente em apoio e os dois alas que garantem largura. Então, imaginemos que vamos jogar com uma equipa que é muito agressiva e pressiona alto. Na nossa opinião, um dos aspetos que deveremos ter em atenção, será verificar se o modo como pressionam equipas que joguem com três centrais, é o mesmo que quando jogam contra uma equipa que utilize uma linha defensiva de quatro jogadores. Embora possam, porventura, existir similitudes, as diferenças estruturais condicionarão certamente o aparecimento de dinâmicas distintas.

Num plano mais aprofundado, desponta o conhecimento sobre o jogo posicional. Ou seja, o modo como esse sistema ganha vida, fazendo emergir determinadas configurações posicionais, para solucionar os problemas que a equipa em questão encontra;

- Neste sentido, adquirem muita importância os espaços e a correspondente relação com o jogo posicional. Recordando e sublinhando o que



em parte foi referido neste trabalho, consideramos a variável espaço fundamental para a interpretação do jogo de futebol. Pelo que, julgamos essencial entender como se gerem os espaços nos diferentes momentos de jogo.

Nesta lógica, para um mapeamento aprofundado do jogo, acreditamos ser oportuno conhecê-lo para além dos seus momentos. Ou seja, entender que dentro destes, existem submomentos determinados, em parte, pela configuração espacial entre a posição da bola e das duas equipas. Trata-se de um convergir entre a dimensão temporal que emerge dos "momentos" com a referenciada dimensão espacial.

O jogo das equipas de topo, possivelmente, poderá ajudar-nos a compreender melhor estas ideias. O jogo posicional destas equipas em organização ofensiva, por norma, apresenta muita variabilidade. Isto conduz, a que estas se comportem de uma forma diferente em distintos cenários, ainda que estes se encontrem no mesmo momento de organização ofensiva. Reajustando-se em função dos desafios que lhes colocam.

Por exemplo, se estão a circular a bola na sua linha defensiva numa zona baixa, com o adversário a pressionar, têm um determinado jogo posicional. Este, provavelmente, será diferente daquele que teriam se estivessem a circular a bola na sua linha defensiva numa zona mais alta, já com o adversário recuado e colocado num bloco baixo.

Entendemos que uma lógica semelhante acontece também no processo defensivo. Consideremos que estamos a analisar uma equipa que defende em 1x4x4x2, sendo que num primeiro momento de uma determinada situação de jogo, está posicionada em bloco alto e com o adversário a circular a bola na sua linha defensiva. Todavia, de repente, um dos centrais faz um passe interior, o que permite ao adversário superar a primeira linha de 2 avançados e a segunda linha de 4 médios, invadindo o espaço entrelinhas dessa equipa e ficando de frente para a sua linha defensiva.

Nesses instantes, há uma mudança contextual significativa, dentro do macro momento de organização defensiva. No primeiro submomento, a linha defensiva



estava mais protegida, porém, no segundo, face à entrada da bola no espaço entrelinhas, e tendo em consideração que estão a defender em bloco alto, o espaço nas suas costas fica mais exposto. Nessas circunstâncias há uma modificação de cenários. Ou seja, a configuração dos espaços provocada pela posição da bola e das duas equipas, provoca determinados contextos-problemas.

Cada um destes problemas na gestão dos espaços, seja do ponto de vista defensivo ou ofensivo, comporta uma adaptação como resposta, e ainda que se encontrem dentro de um mesmo momento de jogo, julgamos importante diferenciá-las.

Vamos supor que somos uma equipa que também privilegia o jogo interior, e como tal, entender o comportamento da equipa adversária ou mais particularmente da sua linha defensiva, nesse submomento de entrada da bola no espaço entrelinhas é, para nós, relevante.

Face ao exposto, podem surgir muitas questões, que em função da nossa forma de jogar, poderão ser pertinentes de se avaliar. Como por exemplo, a linha defensiva perante este tipo de situações, que comportamentos evidencia? Baixa no terreno e retira profundidade imediatamente? Mantém-se alta e tenta provocar o fora-de-jogo? Os laterais fecham por dentro ou há espaço entre centrais e laterais?

Contudo, o jogo e as suas interações apresentam-nos múltiplos panoramas. Por isso, deveremos ser capazes de caracterizar aqueles que mais relevantes forem, em função da relação que manifestam com as nossas ideias de jogo, da densidade com que surgem e do impacto que têm.

“...o espaço é algo muito importante na forma como analisamos o jogo e, mais particularmente, para analisar os adversários.” Tiago Leal (anexo 1)

Deste modo, em relação a quem tem a posse da bola, é essencial entender como progridem, criam e exploram os espaços de forma a alcançar situações de finalização. Sendo que, neste ponto, relembramos que existem



várias formas de interpretar e esmiuçar o processo ofensivo. Deveremos eleger aquela que atenda às nossas necessidades enquanto equipa técnica e que não menospreze a natureza interativa do jogo.

“Quando eles estão a atacar, interessa-me perceber o que eles fazem e o que nos pode desequilibrar face àquilo que nós somos.” Daniel Sousa (anexo 3)

Não menos importante, deveremos identificar, associadamente, que mecanismos e jogadores assumem protagonismo nessas circunstâncias.

Nesta lógica, conhecer detalhadamente os jogadores adversários é também relevante. Pois, este conhecimento, aliado ao entendimento que tenhamos dos princípios da equipa em questão, proporcionar-nos-á uma noção mais pormenorizada do modo como se relacionam.

Os bons jogadores, por tendência, atraem o jogo para eles. Tal, como consequência, faz com que a relação que estes têm com as dinâmicas das suas equipas, seja muito forte na grande maioria dos casos. Por exemplo, façamos uma comparação entre dois pontas de lança de nível mundial, Firmino do *Liverpool* e Morata do *Chelsea*. Inclusive, jogadores que normalmente jogam com as mesmas estruturas (1x4x3x3). O brasileiro Firmino é um jogador que é muito forte nas situações em que baixa e vem receber entrelinhas, com a profundidade no corredor central a ser garantida pelos extremos (Mané e Salah), que realizam movimentos de rutura em diagonal nas costas da linha defensiva. Por outro lado, no *Chelsea*, o espanhol Morata é um jogador muito mais forte no ataque à profundidade e na exploração dos espaços nas costas da linha defensiva. Sendo os extremos e os médios, aqueles que mais exploram espaços interiores. Ou seja, jogadores completamente diferentes, que marcam o processo ofensivo das suas equipas, cada um com as suas particularidades.

“...a complexidade destas questões aumenta a partir do momento que pensamos nas especificidades de cada jogador. É manifestamente distinto



defender a largura da frente de ataque, quando nela estão Henry e Messi (sucesso quase garantido no 1x1) ou qualquer outro jogador. Portanto, é necessário atender às características individuais dos jogadores.” (Sousa, 2009, p. 67).

Em relação a quem defende, de uma forma geral, é importante perceber como se organizam, de modo a reduzir espaços e fechar os caminhos a quem ataca.

“Na defesa, também tento dividir em três fases. A primeira fase seria a pressão organizada, como é que a equipa se organiza na primeira fase de pressão, seja ela onde for. Como é que se articulam os diferentes setores? Essa é a segunda fase defensiva. A articulação entre os setores e os ajustamentos entrelinhas. Depois uma terceira fase, que é a coordenação da linha defensiva e a articulação intrassectorial dos membros que constituem essa linha defensiva. Quando falo nisto, falo do espaço entrelinhas e da articulação com os médios, da articulação do espaço em profundidade...” Miguel Moita (anexo 2)

Que estratégias adotam para condicionar a progressão do adversário em diferentes contextos e cenários. Paralelamente, consideramos vital, identificar que espaços são mais vulneráveis e que ideias eventualmente a nossa equipa poderá utilizar para explorá-los.

“...na forma como analisamos os adversários do ponto de vista defensivo, naquilo que é a sua organização defensiva e transição defensiva, nós tentamos sempre perceber quais são os espaços, que eles geralmente concedem e que nós poderemos explorar com mais eficácia.” Tiago Leal (anexo 1)

“...para mim a forma como eles defendem um determinado espaço, a forma como eles defendem o espaço entrelinhas, a forma como eles reagem a bolas em profundidade, a forma como eles posicionam a linha. Ou seja, se têm



preferência por usar sempre a linha subida, se há um padrão nesses comportamentos, nós temos de encontrar uma solução dentro do que são as nossas ideias para explorar esses espaços.” Daniel Sousa (anexo 3)

Em suma, com as ideias que elencámos, tentámos transmitir um pouco da lógica de interpretação e análise que os nossos entrevistados evidenciam.

Estes, manifestam algumas perspetivas em comum, outras ligeiramente diferentes, mas claramente, com pontos e conceitos compartilhados, que poderão servir de referência, atendendo à sua relevância neste contexto.

5.4. Dificuldades sentidas e estratégias de intervenção

Ao longo da temporada tivemos de enfrentar vários tipos de obstáculos, tendo sido parte deles já abordados neste trabalho, assim como como as respetivas soluções adotadas para os tratar. Pelo que, neste ponto elencaremos outros problemas que, embora não os tenhamos exposto de forma aprofundada previamente, foram também relevantes no desenvolvimento profissional e pessoal.

Tempo reduzido para analisar e preparar a informação – como mencionámos no início do trabalho, tínhamos um grande volume de jogos devido ao formato da segunda liga na época em questão, e pelo facto de estarmos envolvidos na Taça de Portugal e Taça da Liga. Por este motivo, era frequente jogarmos Domingo – Quarta – Domingo, por exemplo. Como o clube não tinha um departamento de análise de jogo de suporte à equipa técnica, ficávamos com períodos muito reduzidos para analisar a própria equipa e os adversários, com o detalhe que exige uma equipa profissional. De forma a superar estes constrangimentos, tentei desenvolver ao máximo a minha capacidade para filtrar e priorizar a informação mais pertinente de cada tarefa.

De um modo complementar, e com o precioso auxílio da equipa técnica, tentámos encontrar estratégias para poder partilhar algumas tarefas,



relacionadas por exemplo, com a análise das equipas adversárias. Deste modo, lográmos assim observar determinados aspetos com maior profundidade, melhorando a qualidade da nossa análise. Devido ao pormenor com que analisávamos, mas também por aportarmos diferentes pontos de vista nesse processo.

Dificuldades para obter filmagens dos jogos das equipas adversárias – este foi também um grande desafio durante esta experiência, devido ao facto de muitas equipas na segunda liga, não terem ainda departamentos de análise de jogo ou elementos nas suas equipas técnicas dedicados a estas funções. Devido às limitações económicas do clube, tampouco tínhamos plataformas como *Wyscout* ou *Instat*. Somado a isto, ainda não existe uma cultura de partilha da informação, pelo qual haviam alguns obstáculos na obtenção dos jogos. Sobretudo, filmagens em plano aberto, pois muitas vezes as gravações que conseguíamos tinham pouca qualidade e eram feitas num ângulo muito fechado.

Predisposição de alguns jogadores – ainda que existissem no plantel vários jogadores com experiências relevantes a nível nacional e internacional, sentimos em alguns momentos na parte inicial da temporada, que estes não viam a análise de jogo como algo fundamental, ou proveitoso para eles.

No entanto, com o decorrer do tempo, tentámos, progressivamente, ir derrubando barreiras, para que estes se fossem apercebendo dos benefícios que poderiam ter por exemplo, em rever as suas ações mais significativas do jogo anterior.

Gradualmente conseguimos aproximá-los, começámos a criar estratégias para partilhar informação, através de meios tais como *wetransfer* ou *dropbox*. Sendo certo que, a partir de um determinado momento, já eram os próprios, a solicitar os cortes com antecedência ou a perguntar a nossa opinião sobre certas jogadas, equipas e jogadores adversários.



5.5. Sistema de controlo do trabalho desenvolvido

A avaliação sobre o trabalho desenvolvido era uma preocupação permanente da nossa equipa técnica. A complexidade do contexto no qual estávamos inseridos e a nossa autoexigência obrigavam-nos a, continuamente, avaliar tudo o que realizávamos. Em diferentes âmbitos, com a intenção de identificar situações para corrigir e melhorar no nosso processo.

No que diz respeito às tarefas relacionadas com a observação e análise de jogo, pelas quais estava responsável, a interação existente entre a equipa técnica permitiu-me estar constantemente ajustando aspetos. Entre os quais, a duração dos vídeos das palestras e o eleger os momentos mais adequados para abordar individualmente os jogadores.

Alguns jogadores do plantel também desempenhavam um papel útil neste tema, neste sentido, era frequente consultá-los para saber a opinião destes, quanto ao que poderia ser melhorado.

Relativamente à análise do processo de treino, esta normalmente era efetuada logo após o término da sessão. Nesse momento, compartilhávamos opiniões e sensações relativamente ao que tínhamos observado recorrendo, quando necessário, à gravação em vídeo. Tínhamos também como hábito, documentar por escrito essas ideias compartilhadas num diário, no qual registávamos tudo o que considerássemos pertinente.

Um dos elementos mais valorizados pelo treinador principal para o “controlo de qualidade” do nosso processo, era a análise da própria equipa nos momentos de competição. Como mencionámos neste trabalho, tratava-se de uma tarefa que executávamos com profundidade e detalhe. Após o jogo, cada membro da equipa técnica efetuava a sua análise de uma forma particular/individual, sendo que depois cruzávamos informações e perspetivas no primeiro treino da semana.

No entanto, era comum o treinador principal contactar por telefone cada um dos elementos da equipa técnica, ainda antes desse momento. Fazia-lo de forma a poder conhecer as nossas ideias acerca da performance da equipa no



jogo em questão, sem que a nossa perceção sobre este, fosse condicionada pela opinião dos demais.

Embora, neste processo, cada um dos elementos realizasse uma análise mais geral, compaginávamos também uma observação mais pormenorizada sobre certos aspetos pelos quais estaríamos responsáveis. Por exemplo, o colega que estava encarregue pela operacionalização do treino das bolas paradas, tentava observar estas situações com mais detalhe, em conjunto com uma apreciação mais global sobre o jogo da equipa.

Neste processo de análise, centrava-me em avaliar a nossa equipa do ponto de vista “tático-estratégico”. De um modo genérico, tratava de verificar se as nossas ideias de jogo tinham sido postas em prática e como tinha reagido a nossa equipa, aos diferentes cenários/problemas que o adversário colocou. Paralelamente, realizava também uma autoavaliação sobre o nosso processo de observação do adversário e respetivo planeamento estratégico. Averiguando se este correspondeu àquilo que foi previamente analisado, e se as nossas intenções para enfrentar os contextos previstos tinham sido adequadas.

Em suma, como forma de avaliação do nosso processo e, especificamente, das tarefas que realizei, mais do que existirem momentos formais estipulados para esse efeito, adotamos uma postura de introspeção, diálogo e correção permanente, entre todos os elementos da equipa técnica.



Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta



6.Desenvolvimento profissional



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



6. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

As vivências proporcionadas por este estágio foram essenciais para a minha evolução. No futuro, certamente recordarei esta experiência como determinante no meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Desde o primeiro dia, senti a elevada exigência do contexto com o qual me deparava. Porém, simultaneamente, recebi de toda a equipa técnica na qual estava inserido, uma grande confiança para poder enfrentar os desafios que certamente chegariam.

Um dos aspetos que considerei fundamental, foi definir inicialmente as minhas responsabilidades em todo o processo. O que me ajudou a eleger estratégias e a priorizar tarefas, de modo a ser mais eficiente no meu trabalho.

Desenvolvi também a minha competência para trabalhar em equipa. Ou seja, se por um lado aprendi a ser mais metódico nas minhas funções diárias, por outro desenvolvi a minha capacidade para interagir adequadamente com os restantes elementos da equipa técnica.

Trabalhar em equipas técnicas de futebol, à semelhança do que acontece em outros contextos, é um desafio do qual podemos retirar muitas vantagens. Compartilhamos experiências com pessoas que muitas vezes têm formação e vivências diferentes das nossas, que se traduzem em formas distintas de entender o treino e o jogo.

No nosso caso isto não se constituiu como um problema. Pelo contrário, transformou-se em algo positivo permitindo-nos, em diversos momentos, ter soluções diversas para um mesmo problema. Escolhendo depois a que fosse mais adequada ou encontrando um ponto complementar entre várias. Assim sendo, desenvolvi a minha capacidade para conviver e aprender com novos pontos de vista.

Face a esta realidade, pude adquirir conhecimentos em várias áreas, não somente aquelas no âmbito da observação e análise de jogo. Permitiu-me também instruir-me em outros domínios, tais como a fisiologia, treino de guarda-redes, comunicação.



A liderança do treinador é também um fator que identifiquei como determinante para o sucesso de uma equipa de futebol, e que valorizo mais ainda após esta experiência.

O modo como o treinador convence e seduz os jogadores a jogarem de acordo com as suas ideias, a forma como gere os meios utilizados, e como resolve conflitos internos eficazmente são, provavelmente, três aspetos essenciais que podem marcar o rumo de uma equipa.

Porém, não nos podemos esquecer da importante gestão de outros recursos humanos, tais como a administração do clube e outros departamentos que fazem parte de uma equipa de futebol. Trata-se de uma parte menos visível da função do treinador, mas que assume uma importância cada vez mais acrescida no seu quotidiano.

A comunicação com o departamento médico consubstancia um ponto fundamental, atendendo à regularidade com que surgem lesões no alto nível. Pelo que é fundamental que haja uma excelente coordenação entre a equipa técnica e os elementos responsáveis, de modo a evitar consequências negativas, nomeadamente, no processo de recuperação de um futebolista lesionado.

Porém, de facto no que diz respeito à minha aptidão na interpretação do jogo de futebol, senti uma grande evolução a todos os níveis. Julgo que melhorei significativamente o modo como perceciono os espaços, as interações significativas, entre outros fatores.

Sem embargo, tenho ainda um longo trajeto a percorrer, existem várias valências que devo aperfeiçoar. Entre as quais, a análise em direto no próprio jogo é uma delas. No futuro, pretendo ser capaz de ler o jogo com maior exatidão nestas circunstâncias, nas quais por vezes não sou ainda capaz de ter a lucidez e serenidade que desejo. Ambiciono também desenvolver a minha capacidade de síntese, essencial em contextos onde o tempo para analisar e preparar é reduzido.



Contudo, em resumo, creio que consigo ter uma maior clareza no modo como analiso e retiro informações, que permitem transformar positivamente o processo de jogo e de treino da equipa.

Um outro aspeto que importará melhorar, face às experiências vividas, é a minha intervenção durante o treino. Creio que a nível da planificação já pude encontrar um ponto de harmonia, entre as ideias de jogo e os contextos desenhados para poder treiná-las. Sinto que consigo apropriar os exercícios aos seus objetivos.

No entanto, por vezes, na operacionalização do exercício são necessários reajustes a nível de espaço e de tempo. Situações que deveremos conseguir detetar oportunamente e, à posteriori, atuar de um modo eficaz, para adequar os contextos de exercitação que propomos.

A comunicação com os jogadores, mais particularmente aquela que é realizada antes, durante e após os exercícios, é um aspeto que, depois desta experiência, passo a valorizar de um modo mais significativo. Uma aptidão que devo desenvolver, pois são momentos essenciais para direcionar as nossas ideias de jogo e para levar os jogadores a entender de que modo estas, nos poderão ajudar a resolver os cenários que enfrentamos. Não obstante, percebi que nestas circunstâncias é igualmente fundamental, saber selecionar e dosear a informação, para maior efetividade nos comportamentos dos jogadores.

Um dos ensinamentos que também incorporei desta experiência, e que tem uma relação direta com a exigência do contexto no qual estávamos, tem a ver com a atenção dada aos detalhes. Pormenores relacionados com o treino, com o jogo, com a relação com os jogadores, que cada vez mais reconheço como um traço identificador de quem está na elite.

Essas particularidades, que por vezes erradamente podem ser consideradas menos importantes, todas somadas acabam por ser aquilo que faz a diferença em contextos onde o rendimento normalmente está muito nivelado.



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



7. Considerações finais



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tarefas que desempenhei enquanto treinador adjunto-analista, proporcionaram-me experiências que me permitiram aprender e aplicar conhecimento de uma forma eminentemente prática. No que diz respeito às minhas funções na área da análise de jogo, creio que desenvolvi de um modo muito mais aprofundado a minha capacidade de compreensão e interpretação acerca do jogo de futebol.

Em função da informação que retirei dessas tarefas pude, em comunhão com a equipa técnica, participar ativamente na planificação e operacionalização do processo de treino, para melhorar a performance da equipa e dos jogadores. Neste sentido, consegui obter uma noção mais detalhada de todo o processo de preparação de uma equipa de futebol profissional, nas suas diferentes variantes.

Pela complexidade do envolvimento que experienciei, os constrangimentos que me foram colocados, diversos e complexos, permitiram-me adquirir saberes em vários domínios. Não unicamente os diretamente relacionados com o jogo ou com o treino, mas também incorporar aprendizagens em áreas como a liderança ou a inteligência emocional. Conhecimentos esses, que após este período de estágio, passo a valorizar de uma forma mais efetiva, uma vez que os considero fundamentais para sustentar a nossa prática enquanto treinadores de futebol.

A elaboração deste trabalho e a devida retrospeção dos problemas vivenciados no período de estágio, constituiu-se também um processo determinante. Revivendo-os, pude retirar ainda mais ilações sobre estes. Confrontei-os com os ensinamentos provenientes da problemática da complexidade, levando-me assim a perspetivá-los de uma forma distinta. Sendo que, o facto de os perceber de um modo diferente, proporcionou-me uma reinterpretção de alguns acontecimentos, como se estivesse a ler um livro pela segunda vez.



Assim sendo, como principais conclusões deste processo, destacaria as seguintes ideias:

- A importância vital das informações retiradas da análise e interpretação do jogo da própria equipa, para o planeamento do processo de treino ao longo da temporada. No entanto, mencionar que dada a grande densidade de jogos que disputávamos, muitos treinos assumiam objetivos predominantemente de recuperação. Por este motivo, as imagens revelaram-se ainda mais como um aliado essencial, para corrigir aspetos da equipa a nível coletivo e individual, ainda que não tivéssemos a possibilidade de treinar no campo de um modo aquisitivo;

- No que diz respeito à análise do adversário, esta foi também influente, contudo, secundária em relação à análise da própria equipa. Sendo que, neste ponto e como mencionámos anteriormente, dada a pouca distância temporal entre os jogos, foi extremamente importante conseguir filtrar a informação para a equipa técnica. Para que, em função desta, pudéssemos manusear a dimensão estratégica de um modo muito objetivo e com prioridades bem definidas. Ou seja, desenvolvi bastante a minha capacidade de síntese;

- A análise do processo de treino, na minha opinião poderia ter sido explorada de um modo mais aprofundado. Considero que o processo de treino deve ser analisado detalhadamente e de forma permanente, pelas diferentes razões enunciadas ao longo do relatório;

- A importância dos espaços na interpretação do jogo de futebol. O espaço é considerado pelos treinadores e analistas de elite como uma variável determinante. Ou seja, a correta compreensão e gestão dos espaços no jogo de futebol é essencial;

- A avaliação e caracterização individual dos jogadores é um aspeto fundamental em qualquer contexto, seja ele de futebol de formação ou profissional. Por isso, ainda que estivéssemos numa equipa profissional, todos apresentavam características no seu jogo que podiam melhorar. Inclusive, um dos aspetos surpreendentes ao longo da temporada, foi verificar que jogadores com vários anos de profissionalismo, apresentavam debilidades em conceitos



básicos. Neste sentido, a caracterização de todos os jogadores é um ponto essencial, sendo tão importante quanto isso, posteriormente encontrar soluções que permitam desenvolver essas particularidades no processo de treino.

Para concluir, mencionar que ser treinador é cada vez mais complexo, dada a abrangência de papéis que alberga. Por isso, tendo isto em consideração, entendi também a relevância de uma equipa técnica competente e coesa. Com diferentes visões, porém, sem que isso implique falta de harmonia, mas sim complementaridade de perspetivas e funções.

7.1. Perspetivas para o futuro

No que concerne às minhas perspetivas de futuro, no plano desportivo, passam por tentar continuar a estar a trabalhar no futebol de elite para que, desse modo, possa continuar a aprender com os melhores.

Creio que a função de treinador adjunto com responsabilidades na área da análise de jogo, possibilita-me estar numa posição que permite absorver bastante conhecimento e adquirir competências de base. Pelo que, creio que todas as experiências proporcionadas por este estágio, sejam elas positivas ou negativas, foram vitais para o meu desenvolvimento enquanto treinador.

Sem embargo, se por um lado esta aventura me permitiu ter uma maior noção da exigência desta profissão, por outro, apercebi-me do grande caminho que tenho ainda para percorrer, de modo a alcançar um nível de excelência.



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



8.Referências Bibliográficas



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



8. Referências Bibliográficas

- Amieiro, N. (2004). *Defesa à zona no futebol*. Porto: Visão e Contextos.
- Ancelotti, C., & Ciashini, G. (2013). *Mi Árbol de Navidad*. Madrid: La Esfera de los Libros.
- Araújo, D., Davids, K., Vilar, L., Renshaw, I., & Pinder, R. (2013). How does knowledge constrain sport performance? An ecological perspective. *International Research Association for Talent Development and Excellence*, 5(1), 21–34.
- Bessa, P. (2009). *Singularidade e importância dos lances de bola parada no Futebol moderno*. Porto: Pedro Pessa. Dissertação de Licenciatura apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Capra, F. (1996). *A Teia da Vida*. São Paulo: Cultrix.
- Capra, F. (2005). *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix.
- Carling, C., Williams, A. M., & Reilly, T. (2005). *Handbook of Soccer Match Analysis: A systematic approach to improving performance*. London: Routledge.
- Cunha e Silva, P. (1995). *O lugar do Corpo. Elementos para uma cartografia fractal*. Porto: Dissertação de Doutoramento apresentada a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.
- Damásio, A. (1999). *O mistério da consciência: Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Schwarcz.
- Duarte, R., Araújo, D., Correia, V., & Davids, K. (2012). Sports Teams as Superorganisms. *Sports Med*, 42(8), 1-10.
- Ferguson, A. (2014). *Alex Ferguson - A minha autobiografia*: Casa das Letras.
- Fonseca, J. N. R. d. A. (2012). *Análise de variáveis associadas à eficácia da fase ofensiva na 1ª Liga na Época Desportiva 2010/2011*. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.
- Frade, V. (1990). *A interacção, invariante estrutural da estrutura do rendimento superior do futebol, como objecto de conhecimento científico - Uma*



- proposta de explicitação de causalidade - Projecto para a prestação a provas de doutoramento não publicado.* ISEF-UP: Porto.
- Garganta, J. (1997). *Modelação da Dimensão Tática no Jogo de Futebol: Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento.* FCDEF-UP: Garganta, J. Dissertação de Doutoramento apresentada a FCDEF-UP.
- Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1(1), 57-64.
- Garganta, J. (2005). Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter)acção, para um futebol com pés... e cabeça. In D. Araújo (Ed.), *O contexto da decisão. A acção tática no desporto* (pp. 179-190): Lisboa, Visão e Contextos.
- Garganta, J. (2008). Modelação tática em jogos desportivos: A desejável cumplicidade entre pesquisa, treino e competição. In F. Tavares, A. Graça, J. Garganta & I. Mesquita (Eds.), *Olhares e Contextos da Performance nos jogos desportivos* (pp. 108-121). Universidade do Porto: Faculdade de Desporto.
- Garganta, J. (2012). *Análise Jogo - Documento apoio aulas da Metodologia I Treino Desportivo - Futebol.* Porto: Faculdade Desporto da Univerdade do Porto.
- Garganta, J. (2013). A propósito da modelação tática e da relevância da síntese da performance nos jogos deportivos coletivos. In A. Volossovitch & A. P. Ferreira (Eds.), *Fundamentos e aplicações em análise de jogo* (pp. 91-110). Lisboa: Edições FMH.
- Garganta, J. (2014). *Formação para a excelência no futebol - Apresentação realizada no âmbito da metodologia de futebol do Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo.* Porto: Faculdade Desporto da Universidade do Porto.
- Garganta, J., Guilherme, J., Barreira, D., Brito, J., & Rebelo, A. (2013). *Fundamentos e práticas para o ensino e treino do futebol.* In F. Tavares



- (Ed.), *Jogos Desportivos Coletivos. Ensinar a jogar* (pp. 199-263). Faculdade Desporto da Universidade do Porto: Editora Fadeup.
- Garganta, J. I., & Silva, P. C. e. (2000). O JOGO DE FUTEBOL: ENTRE O CAOS E A REGRA. *Revista Horizonte*, XVII(91), 5-8.
- Gladwell, M. (2005). *Blink: Dom Quixote*.
- Gleick, J. (2005). *CAOS - A construção de uma nova ciência*: Gradiva.
- Goleman, D. (2014). *Foco - o motor oculto da excelência*. Lisboa: Círculo de leitores.
- Gréhaigne, J.-F., Boutiher, D., & David, B. (1997). Dynamic-system analysis of opponent relationships in collective actions in soccer. *Journal of Sports Sciences*, 15(2), 137-149.
- Gréhaigne, J.-F., & Godbout, P. (1995). Tactical Knowledge in Team Sports from a Constructivist and Cognitivist Perspective *QUEST*, 47, 490-505.
- Gréhaigne, J.-F., Godbout, P., & Zerai, Z. (2011). How the “rapport de forces” evolves in a soccer match: the dynamics of collective decisions in a complex system. *Revista de Psicología del Deporte*, 20(2), 747-765.
- Guilherme, J. (2004). *Conhecimento específico em futebol: contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino aprendizagem-treino do jogo*. Porto: José Guilherme. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Guilherme, J. (2015). *Treino de futebol: Um olhar sobre o treino Tático da equipa e do jogador*. Comunicação apresentada em Treino no futebol com José Soares e José Guilherme. BWIZER.
- Hoffman, D. (2015). Do we see reality as it is?: <http://www.ted.com>.
- Huneman, P., & Bouchard, F. d. r. (2013). *From Groups to Individuals: Evolution and Emerging Individuality*. MIT Press.
- Jesus, J. (2013). Jorge Jesus - Faculdade de Motricidade Humana. FMH.
- Kahneman, D. (2012). *Pensar, depressa e devagar*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Konnikova, M. (2014). *Mastermind - Pensar como Sherlock Holmes*: Pergaminho - Bertrand Editora.



- Macedo, N. (2014). *Observação e Análise das Acções de Bola Parada ofensivas e defensivas do Moreirense Futebol Clube, em contexto de Treino e Competição*. Porto: Nuno Macedo
- . Relatório de Estágio apresentado a Faculdade Desporto da Universidade do Porto.
- Maciel, J. (2008). *A (In)(Corpo)r(Acção) Precoce dum jogar de Qualidade como Necessidade (ECO)ANTROPOSOCIALTOTAL*. Porto: Jorge Maciel. Dissertação de Licenciatura apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Maciel, J. (2013). A insustentabilidade do atrevimento e a sustentabilidade nobr(el) da Periodização Tática. *Treino Científico, Março/Abril(12)*, 16-18.
- Mandelbrot, B. (1983). *The Fractal Geometry of Nature*: W. H. Freeman and company.
- Mandelbrot, B. (1998). *Objectos Fractais - Forma, Acaso e Dimensão*: Gradiva.
- Moreno, O. P. C. (2013). *El Modelo de Juego del Real Madrid con Mourinho: FDL*.
- Morin, E. (1995). *Introdução ao pensamento complexo*: Instituto Piaget.
- Morin, E. (2003). *A cabeça bem feita*: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2005). *Ciência com Consciência*: Bertrand Brasil.
- Najmanovich, D. (2015). Qué vemos cuando vemos: TEDxPlazadellLector.
- Oliveira, B., Amieiro, N., Resende, N., & Barreto, R. (2006). *Mourinho, porquê tantas vitórias?* : Gradiva.
- Passos, P., Araújo, D., & Davids, K. (2013). Self-Organization Processes in Field-Invasion Team Sports. *Sports Med(43)*, 1-7.
- Pedreño, J. M. (2014). *Scouting en Fútbol: Del Fútbol Base al Alto Rendimiento*: MCSports.
- Reis, J. (2018). *La Sustentabilidad del Morfociclo Patrón: La “Célula Madre” de la Periodización Táctica*: MCSports.
- Silva, M. (2008). *O desenvolvimento do jogar, segundo a Periodização Táctica* (ed.): MCSports.



- Silva, P., Garganta, J., Araújo, D., Davids, K., & Aguiar, P. (2013). Shared Knowledge or Shared Affordances? Insights from an Ecological Dynamics Approach to Team Coordination in Sports. *Sports Med*, 43, 765–772.
- Sousa, P. D. C. P. (2009). *Um Algoritmo do FUTEBOL (mais do que) TOTAL: algo que lhe dá o Ritmo!* Dissertação de Licenciatura apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Soyer, E. (2013). Filtered reality: The importance of what you (don't) see: TEDxOZU.
- Stacey, R. D. (1995). *A fronteira do Caos*: Bertrand
- Tamarit, X. (2013). *PERIODIZACIÓN TÁCTICA VS PERIODIZACIÓN TÁCTICA*: MBF.
- Thompson, E. (2013). *Mente na Vida*: Instituto Piaget.
- Vázquez, Á. V. (2012). *Fútbol. Del análisis del juego a la edición de informes técnicos*: MCSports.
- Ventura, N. (2013). *Observar para ganhar*. Primebooks.
- Vitória, R. (2014). *A Arte da Guerra para Treinadores*: TopBooks.



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



Anexos



**Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta**



Anexo 1 - Entrevista a Tiago Leal (treinador adjunto e analista do Shakhtar Donetsk)

Qual a importância dos espaços no modo como interpreta o jogo de futebol e mais particularmente na forma como analisa os adversários?

Realmente o espaço é uma variável determinante na forma como nós interpretamos o jogo e no modo como analisamos adversários. E porquê? Porque para nós, o futebol tem a ver com posição da bola, posição do adversário e posição da nossa equipa. Portanto é a posição da bola e das equipas que vão gerar os espaços... Para nós o espaço é determinante e é uma palavra chave que usamos sucessivamente com a nossa equipa, no dia a dia do treino, nas análises, estamos sempre a falar com eles do espaço, da divisão do espaço, da perceção do espaço, do timing certo para atacar determinado espaço...

Por exemplo, na forma como analisamos os adversários do ponto de vista defensivo, naquilo que é a sua organização defensiva e transição defensiva, nós tentamos sempre perceber quais são os espaços, que eles geralmente concedem e que nós poderemos explorar com mais eficácia.

Como sabes, as nossas equipas são geralmente muito fortes no jogo interior e, portanto, o espaço para rodar, o espaço entrelinhas, o espaço do lado contrário, são espaços que nós tentamos observar com o máximo de cuidado quando analisamos os adversários. Isto são exemplos, depois naturalmente há outros espaços, o espaço à largura, o espaço central-lateral, central-central, à largura dos médios.... Há todo um conjunto de espaços que quando analisamos o adversário tentamos perceber e passar para os jogadores depois no dia a dia do microciclo. Naquilo que será o planeamento estratégico nos últimos dois dias, em que damos mais ênfase àquilo que é a parte estratégica, de abordagem ao próximo adversário.

Portanto, a perceção dos espaços é uma coisa muito importante para nós, porque somos uma equipa de ataque posicional, que valoriza muito a posse e a circulação, para precisamente abrir e atacar os espaços e para isso é que serve



o jogo posicional. Por isso, o espaço é algo muito importante na forma como analisamos o jogo e, mais particularmente, para analisar os adversários.

Na sua opinião existem espaços mais valiosos no jogo de futebol?

A perceção dos espaços mais valiosos numa equipa de futebol tem muito a ver com aquilo que é a ideia de cada treinador, como disse anteriormente. Por exemplo o espaço entrelinhas, o espaço do lado contrário, o espaço para rodar, são espaços que para nós são mais valiosos, porque são espaços que nós hipervalorizamos na nossa organização ofensiva e na nossa transição ofensiva. Mas, se pegarmos em treinadores diferentes, que olham o jogo de forma diferente, que têm outras prioridades no jogo, estes terão outros espaços mais valiosos, serão completamente diferentes dos nossos, por exemplo, em muitos casos é o espaço nas costas num jogo mais direto e de muita profundidade. Por isso, sim existem espaços mais valiosos no jogo de futebol, mas eles são determinados pela ideia de jogo de cada treinador e eles diferem de um treinador para outro.

Reconhece alguma relação entre determinados espaços com certo tipo de desequilíbrios?

Absolutamente. A cedência de determinados espaços está obrigatoriamente relacionada com desequilíbrios. Por exemplo, a cedência do espaço central-lateral está relacionado geralmente com desequilíbrios nos jogo de corredores, portanto uma equipa que cede sucessivamente espaço entre central e lateral, é uma equipa que normalmente tem dificuldade em defender-se no jogo de corredores ou uma equipa que cede espaços entrelinhas, é uma equipa que geralmente tem desequilíbrios defensivos do ponto de vista do jogo interior, portanto existe uma relação direta entre a cedência de determinados espaços e o aparecimento de desequilíbrios.



“É tão importante o espaço que se preenche como o espaço que se deixa livre” – O que pensa desta ideia?

É uma ideia que tem lógica, os espaços que se preenchem e os espaços que se deixam livres são ambos importantes. Por exemplo, nós somos uma equipa que quando estamos em organização ofensiva, em ataque posicional, temos por hábito atrair o adversário a um determinado espaço, para depois explorar outros espaços que nós provocamos que apareçam, porque sabemos que é algo consequente... Nós fazendo determinada coisa do nosso modelo de jogo, aquela coisa irá provocar uma outra coisa, portanto, pegando nisto que te estou a dizer, isto vem confirmar esta afirmação, de que o espaço que se preenche é tão importante como espaço que se deixa livre, porque aqueles espaços que nós preenchemos com determinado número de jogadores num determinado momento, nós sabemos que o preenchimento daquele espaço será muito importante para abrir um outro determinado espaço.

Os momentos de jogo, nas melhores equipas apresentam uma articulação muito forte entre si. Que implicações tem isso para o treino e no modo como se analisa?

Estou de acordo, os momentos de jogo nas melhores equipas apresentam uma articulação muito forte entre si, até porque nós dividimos o jogo em momentos, mas eles não se dissociam. Nós dividimos para ser mais fácil identificar comportamentos, seja para treinar, seja para analisar, para facilitar a tarefa do ponto de vista da análise, do ponto de vista do treino e do ponto de vista da explicação/feedback para o jogador. Mas, na verdade o jogo não se dissocia, até porque por exemplo e pegando na nossa equipa, nós somos uma equipa que privilegiando muito organização ofensiva, temos obrigatoriamente que ser tão fortes em ataque posicional como em transição defensiva, na reação e preparação para a perda da bola. Por isso, eles não se dissociam, apesar de nós os quebrarmos para analisar e ensinar, depois eles têm uma articulação muito forte entre si e nós na criação, operacionalização dos exercícios no dia a dia, embora explicando o nosso modelo de jogo em diferentes momentos, tentamos



sempre que os nossos exercícios tenham vários momentos de jogo, incluídos no próprio exercício. Por exemplo, quando nós fazemos exercícios de ataque organizado, para trabalharmos o nosso jogo posicional no último terço, nós quase sempre temos uma situação de reação à perda no momento em que perdemos a bola, nesse último terço. Portanto, um exercício para trabalhar ataque posicional, nós temos também nesse exercício, deixamos que aconteça o momento de transição defensiva. Por isso, sem dúvida alguma, nas grandes ideias de jogo, existe uma articulação muito forte entre os momentos e existe a preocupação de os articular também no treino e na forma como se analisa o nosso jogo e dos adversários.

Como prepara a observação dos próximos adversários? No alto nível, o tempo que medeia dois jogos é cada vez menor. Que implicações tem isso nesse processo?

A observação dos adversários é para nós (e penso que para todos no alto nível) um ponto muito importante, mas tenho que admitir que o nosso modelo de jogo, a análise do nosso jogo, a análise da nossa equipa é sempre mais importante que a análise de qualquer adversário. Ou seja, fazemos a análise de todos os adversários, mas essa análise está sempre relacionada com a forma como jogamos. Porque queremos ser protagonistas em todos os jogos, contra qualquer adversário. Independentemente da competição, do nível, do nome do adversário. Tentamos impor a nossa ideia de jogo e por isso a análise dos adversários está sempre condicionada pela forma como queremos jogar.

Em relação à preparação da análise do próximo adversário, normalmente vemos 4 ou 5 jogos, os jogos são seleccionados atendendo não aos últimos jogos, mas atendendo a contextos que eu acho que o nosso jogo irá ter contra esse adversário. Portanto, a seleção dos jogos para analisar adversários, é sempre feita por mim e tendo em conta aquilo que eu perspetivo que irá ser o jogo e o que eu pretendo ver. Os jogos que pretendo que sejam vistos são jogos em que há um contexto semelhante ou, pelo menos, contextos onde haja alguma particularidade que possa ter a ver com o nosso jogo.



Portanto, analisamos 4 ou 5 jogos, através do vídeo, recorrendo a imagens de plano aberto com os contatos que temos nos clubes ou com pessoas do clube que mandamos para filmar os jogos. Dificilmente nos deslocamos ao estádio, porque hoje em dia, pensamos que é um desperdício de tempo e de recursos irmos ao estádio quando temos a possibilidade de ter imagens em plano aberto, portanto de uma forma geral, é assim que preparamos a observação dos próximos adversários.

Em relação ao tempo que medeia os jogos, é reduzido, mas uma coisa é certa, nós não deixamos de fazer o mesmo trabalho com a mesma qualidade, tendo ou não jogo a meio da semana. Nós fazemos o trabalho sempre da mesma forma. Agora, naturalmente quando nós temos uma ideia de jogo muito forte, muito vincada em que nós tentamos que sejam os adversários a ter mais preocupação connosco, que nós com eles, aquilo que vai acontecer, é que essa análise do adversário será sempre um apêndice, um anexo, àquilo que irá acontecer em cada jogo, porque nós queremos ser protagonistas. Daí e retornando ao início da minha resposta, fazemos a análise do adversário, mas a análise do nosso jogo é sempre primordial ou prioritária, relativamente à análise dos adversários. Mais do que analisar o adversário, nós queremos que os nossos jogadores quando apresentamos o adversário percebam o que é têm que fazer de acordo com o nosso modelo de jogo para superar aquele adversário.

**Qual a importância de atender ao nível e forma de jogar do adversário?
Quais são os principais aspetos que tem em atenção quando analisa uma equipa adversária?**

Quando analisamos o adversário, naturalmente que temos de ter em atenção o nível e a forma como eles jogam, até porque isto irá ter influência em alguns detalhes que teremos de preparar para o próximo jogo com os nossos jogadores. Portanto, apesar da influência da análise do adversário não ser determinante naquilo que é o nosso modelo de jogo, tem sempre alguma influência do ponto de vista do detalhe ou de alguma coisa que tenhamos que ajustar em função da forma como o adversário joga. O nível e a forma de jogar do adversário são



sempre importantes, mas não determinantes, ao ponto de alterar completamente a nossa ideia de jogo.

Analisamos o adversário nos diferentes momentos de jogo, organização ofensiva, transição ofensiva, organização defensiva, transição defensiva e bolas paradas. Sendo que para nós todos os momentos são importantes, até porque se há equipas que são muito fortes em transição ofensiva e teremos de ter maior atenção neste momento contra determinadas equipas, noutras teremos de ter mais atenção ao momento de organização ofensiva. Porque, por exemplo, se são uma equipa que joga muito curto e tem uma primeira fase de construção forte, vai obrigar-nos a fechar dentro ou a esperar o timing para criar uma determinada zona de pressão.... Portanto, eu diria que não há aspetos principais, nós tentamos analisar o adversário em todos os momentos de jogo, independentemente do seu nível.

Agora, vendo isto de uma forma mais particular e porque tem a ver com a forma como nós jogamos e porque somos uma equipa que quer ser protagonista nos nossos jogos, há geralmente uma maior preocupação da nossa parte, em analisar o momento de transição defensiva e organização defensiva. Perceber quais são os pontos fortes e fracos das equipas nestes dois momentos, porque sendo nós uma que quer ter a bola, precisamos de perceber perfeitamente quais são os espaços que teremos de pisar para retirar mais vantagens em função dos pontos fracos que eles possam ter do ponto de vista defensivo. Portanto, a haver um aspeto principal, diria que eram os momentos de organização defensiva e transição defensiva porque em função da forma como nós jogamos é importante entender como as equipas defendem. Quais são os seus pontos fortes e fracos no seu momento defensivo, para depois podermos exponenciar o nosso jogo em função disso.

De que modo tenta estruturar a representação dos adversários? Por momentos, fases...? Pontos fortes/fracos? Ou de outro modo?

Geralmente a forma como nós estruturamos a análise do adversário, começa pela apresentação daquele que será o onze principal e eventuais entradas no



jogo, do ponto de vista dos jogadores que poderão ser utilizados. Depois, estruturamos a apresentação por ordem, organização ofensiva, transição ofensiva, transição defensiva, organização defensiva e depois bolas paradas ofensivas e defensivas, porquê esta ordem? Nós geralmente fazemos a apresentação em dois dias diferentes, num dia apresentamos aquilo que será o onze perspectivado e os quatros momentos de jogo pela ordem mencionada e depois no segundo dia as bolas paradas. Se reparares na ordem que estou a dar dos momentos que nós apresentamos, deixamos sempre as questões defensivas do adversário para o final das apresentações, porque são realmente os aspetos em que nós prestamos um cuidado ainda maior. Embora, como eu já disse, nós temos cuidado em analisar todos os momentos, mas os momentos de organização defensiva e transição defensiva são onde nós prestamos mais atenção, porque sendo nós uma equipa que quer ter sempre a bola, é nesses momentos onde podemos criar mais problemas ao nosso adversário e por isso nós deixamos as questões defensivas para a parte final da apresentação. Porque são estas questões que nós queremos que fiquem mais frescas na cabeça dos jogadores e são geralmente as questões onde nós damos mais feedback no campo, porque naturalmente que o nosso treino, tem muito mais de ataque que de defesa. Apesar de naturalmente sermos uma equipa que defende bem, que tem um conjunto de princípios bem vinculados do ponto de vista defensivo, até porque para se ter a bola, tem que se defender bem. Mas como referi, deixamos as partes defensivas para o final das nossas apresentações, porque nós queremos que seja essa a informação que fique mais fresca e viva na cabeça dos jogadores, porque é nela que depois damos mais feedback naquilo que são os últimos treinos da semana, digamos mais estratégicos, e mais orientados para detalhes a ter em conta para o próximo jogo.

Na sua opinião, qual a importância da dimensão estratégica nas equipas de Top?

Hoje em dia, no futebol moderno digamos assim, já existem muitas equipas, nas quais se nota claramente um trabalho fabuloso do ponto de vista do treinador.



Equipas tremendamente organizadas, com ideias declaradas nos vários momentos de jogo. Só as conseguiremos bater se estivermos ao nosso melhor nível. Estar ao nosso melhor nível, naturalmente, implica ter em atenção a dimensão estratégica do jogo. Embora como eu sempre disse, somos uma equipa com um modelo de jogo e ideias muito vincadas e tentamos sempre, que elas sejam predominantes em todos os jogos, contra qualquer adversário. Mas, atendendo ao nível a que nós jogamos, a top, a dimensão estratégica tem uma preponderância muito grande no desenrolar de cada jogo. Daí a análise do adversário ser fundamental, para que percebamos como se comporta nos diferentes momentos de jogo e de que forma teremos de preparar detalhes estratégicos, para termos mais sucesso nas nossas ações, no desenvolvimento do nosso jogar contra esse determinado adversário. Por isso, não há dúvidas que hoje em dia nas equipas de top, a dimensão estratégica é muito importante. No entanto, a ser secundária relativamente àquilo que é o nosso modelo de jogo. Nas equipas de top realmente trabalhadas, em que se nota que há dedo de treinador, o modelo de jogo é sem dúvida o mais importante no seu todo, mas a dimensão estratégica é também muito importante. Nos ajustes que nós teremos de ter para que as nossas ideias tenham mais sucesso, perante adversários de top.

O que pensa da dimensão estratégica e da sua interação com a dimensão tática? Que cuidados a ter nesta relação?

A dimensão estratégica tem uma interação enorme com a dimensão tática, a meu ver, estão muito relacionadas. Naturalmente, podemos incluir também as questões motivacionais, porque podemos ter uma estratégia motivacional com a equipa em função de determinado jogo/adversário. Mas, a dimensão estratégica está sobretudo relacionada com a dimensão tática, porque para mim a estratégia tem sobretudo a ver com questões táticas.

Que cuidados a ter nesta relação? A nosso ver, fazer entender os nossos jogadores que o adversário, tem determinados pontos fortes/fracos nos diferentes momentos de jogo e temos de ter cuidado para que isso não venha



influenciar terminantemente aquilo que são as nossas ideias, intenções coletivas enquanto equipa. O cuidado será de que a dimensão estratégica, nunca ultrapasse o nosso modelo de jogo, o nosso jogar, aquilo que são as nossas prioridades enquanto equipa.

Quais as relações/implicações que a dimensão estratégica tem no vosso processo de treino? De uma forma geral de que modo a informação é transmitida e experienciada na semana de treino?

As implicações da dimensão estratégica no nosso processo de treino, são levadas a cabo sobretudo nos últimos dias do microciclo, nos dias mais próximos do jogo. Em que nós, depois de analisar e explicar/mostrar aos jogadores aquilo que é o adversário, trabalhamos pormenores estratégicos, que pretendemos ter em conta para o próximo jogo. Portanto, a dimensão estratégica ganha importância sobretudo nos últimos treinos da semana, porque os outros dias do microciclo são treinos em que nós fazemos prevalecer o trabalho e exercitação do nosso jogar. Portanto, deixando as questões estratégicas para o final da semana porque são detalhes, pequenas coisas que nós ajustamos ao nosso modelo de jogo. Tal como tenho dito, o nosso modelo de jogo não é mudado de uma forma severa, em função do adversário.

Como respondi anteriormente, a informação é transmitida na fase final do microciclo, portanto 2/3 dias antes do jogo, ela é experienciada no treino nesses últimos dias, onde preparamos situações mais particulares. Exercícios específicos para que se ajustem determinadas coisas em função do que analisamos do adversário e que pretendemos que seja o nosso comportamento nesse mesmo jogo.

Na sua opinião, que ideias/referenciais caracterizam as equipas de top na sua organização defensiva?

Na minha opinião, o que caracteriza as equipas de top do ponto de vista defensivo, está a meu ver relacionado com a capacidade que essas equipas têm em jogar de uma forma compacta, vertical e horizontalmente. Terem a



capacidade de jogar de forma compacta longe da sua própria baliza. Portanto, para mim as equipas de referência têm geralmente, muita capacidade para não dar espaços entrelinhas, são equipas que têm uma grande capacidade de encurtar e controlar profundidade em função de referenciais de bola, de posicionamento dos adversários... Portanto, as equipas comportam-se e ajustam-se em função de referenciais que indicam qual o comportamento a ter do ponto de vista coletivo. Questões de basculação, encurtamento, de controlo de profundidade, de orientação de apoios, de contenção e coberturas, tudo isso são questões que a meu ver, são claramente características das grandes equipas do ponto de vista defensivo.

Acha que esses referenciais têm sempre a mesma articulação em todas as situações de jogo?

A meu ver sim, as grandes equipas do ponto de vista defensivo, são equipas que conseguem manter os mesmos princípios em todas as situações de jogo. Sabem o que têm de fazer, quais são as prioridades, sabem quais são os vetores que guiam a equipa do ponto de vista defensivo, em qualquer situação de jogo. Por isso, na minha opinião os referenciais mantêm-se os mesmos nessas equipas de top do ponto de vista defensivo.

O que pensa da seguinte frase de Jorge Jesus: “Há determinadas zonas em que o elemento adversário deve assumir maior preponderância...”

Por exemplo, se pegarmos nisto numa situação defensiva, dentro da área, numa situação de cruzamento. Aí sim, podemos dizer que o posicionamento do adversário influencia o comportamento dos jogadores, a questão dos centrais, da orientação dos apoios para verem onde está adversário e para poderem dividir o espaço de forma a estar mais perto deles. Aqui, o elemento adversário tem uma maior preponderância, por exemplo, junto à nossa baliza.



Na nossa opinião existiu uma evolução na qualidade defensiva das equipas em geral. Concorda? Em que aspetos?

Concordo que as equipas têm evoluído muito do ponto de vista defensivo, porque em função da quantidade de estudos, de análises, do conhecimento que tem sido gerado nos últimos anos em futebol, as equipas tendem a ser mais organizadas sobretudo do ponto de vista defensivo, porque é mais fácil. É mais fácil trabalhar o jogo sem bola do que o jogo com bola. Portanto, hoje em dia há muitas equipas bem organizadas do ponto de vista defensivo. Em que aspetos? Na capacidade de defender espaços, de estarem curtas e compactas, na orientação dos apoios, acho que isto são aspetos generalizados e que se vêm em muitas equipas. Já não é por aqui que se distinguem se os treinadores são melhores ou piores uns dos outros, porque hoje em dia já há muita gente a defender bem. Acho que a grande diferença está nas questões ofensivas, porque aqui há um mundo muito grande a percorrer e ainda não existem tantos treinadores com um processo ofensivo de qualidade equiparável, àqueles que existem do ponto de vista defensivo.

Que implicações tem isso ao nível da organização ofensiva? Necessidade de novas soluções, mais variabilidade?

Esse é o grande desafio do futebol e aqui há um mundo enorme a percorrer, porque a maioria dos treinadores já sabe defender bem. Mas, se olharmos às questões de organização ofensiva, aí já se contam pelas mãos, aqueles que realmente são top do ponto de vista ofensivo, porque quando as equipas são bem organizadas defensivamente, as que ganham mais vezes são aquelas que conseguem do ponto de vista ofensivo fazer a diferença e criar mecanismos, automatismos e ideias para ultrapassar essas boas organizações defensivas. Portanto, há realmente necessidade de novas soluções, de maior variabilidade, de maior know-how, de maior criatividade do ponto de vista ofensivo, para conseguir quebrar essas barreiras defensivas que estão a ser geradas, pela maioria das equipas que hoje defendem bem.



Na sua opinião que características têm as equipas de top relativamente à sua organização ofensiva?

As equipas de top do ponto de vista da organização ofensiva, são as equipas que a meu ver têm um maior número de soluções, de criatividade, de padrões e detalhes associados ao seu jogar ofensivo. Que têm uma maior capacidade de circulação e posse, uma maior capacidade e conhecimento daquilo que é o jogo posicional e daquilo que é necessário fazer para criar instabilidades e constrangimentos às boas organizações defensivas adversárias. A capacidade de serem fortes em jogo interior, em jogo exterior e em profundidade. A capacidade de reconhecer esses espaços e criar jogo para o aproveitamento desses espaços. Portanto tem claramente a ver com a variabilidade/quantidade de soluções que apresentam, para ultrapassar as diferentes barreiras que lhes vão aparecendo.

Qual a importância dos momentos de “aceleração” em organização ofensiva?

São determinantes, a circulação e a posse são um meio para se criar espaços, para se criar constrangimentos e dificuldades às defesas adversárias. Agora, quando através da nossa circulação conseguimos chegar a esses espaços, que nós criamos através do jogo posicional e da circulação, é fundamental que a equipa depois tenha capacidade de aceleração e de tornar-se mais objetiva, dado que conseguiu alcançar o espaço, que era o seu “objetivo inicial”. Portanto, a posse, a circulação, o jogo posicional, são um meio para se conseguir conquistar espaços, onde depois a equipa deverá ter claramente capacidade de aceleração e objetividade para procurar o golo. Portanto, os momentos de aceleração em organização ofensiva são determinantes no momento em que se conseguem conquistar os espaços, que estavam a ser trabalhados para se conquistar através da posse e do jogo posicional.



Qual a importância que atribui à análise da própria equipa e que relação tem esta com o vosso processo de treino?

A análise da própria equipa é para nós o mais importante, do ponto de vista da análise e observação. É prioritária relativamente à análise de qualquer adversário. Portanto, a análise da própria equipa é tremendamente importante para nós e tem uma relação total com o processo de treino. Nós, em função da análise do(s) último(s) jogo(s) e de comportamentos que vamos detetando que estejam errados ou corretos, damos feedbacks positivos sobre aquilo que está bem feito, damos feedbacks corretivos do ponto de vista daquilo que foi menos bem feito e depois tem uma influência muito grande naquilo que é o processo de treino. Nas questões positivas, através dos exercícios que vão servir para fortalecer e continuar a trabalhar aquilo que está a ser bem feito e na criação de exercícios para melhorar aquilo que tenha sido mal feito ou nos erros que tenhamos cometido nos últimos jogos. Portanto, é tremendamente importante a análise da nossa equipa, é vital para nós e tem uma relação direta com o processo de treino.

Qual a importância que atribui à análise do processo de treino?

Bem, isto é uma coisa que nós fazemos muito também. Nós filmamos os nossos treinos e tentamos analisa-los. Sobretudo na fase de pré-época, uma fase onde não temos muitos jogos e o treino serve para, portanto exercitarmos/analísarmos exercícios e aí começar logo a tirar cortes e a corrigir os jogadores sobre os comportamentos que estão a ser bem executados ou mal executados. Portanto, a análise do processo de treino, tem uma importância muito grande no período preparatório. Depois, durante o processo competitivo fazemo-lo sobretudo em situações, em que por exemplo, nós cometemos determinados erros no último jogo, preparamos exercícios corretivos para essas situações e depois do treino vamos analisar o exercício. Para perceber até que ponto, o objetivo que nós pretendíamos do exercício foi atingido ou não. Se as correções que nós pretendíamos efetuar foram atingidas ou não. Se os jogadores perceberam ou não e depois, eventualmente, podemos fazer alguns cortes sobre o exercício



para mostrar aos jogadores, que é “aquilo” que se pretende. No fundo, a correção que pretendíamos foi atingida e os jogadores ao verem o vídeo vão ficar esclarecidos e vão perceber claramente que aqueles são os comportamentos que eles deverão ter numa situação futura, quando expostos àquele problema que tinha acontecido e que eles tinham resolvido mal no último jogo.

Qual a importância do analista ser alguém com capacidade para indicar ideias/soluções ao treinador principal (para o jogo e para o treino...) face às informações retiradas da análise da própria equipa e do adversário?

É aquilo que distingue um analista bom ou mediano, de um analista de top. Porque o analista de top, mais do que descrever problemas tem de ter a capacidade e o know-how suficiente, para apontar soluções/ideias para ultrapassar os adversários. Portanto, para mim, hoje em dia o analista é uma pessoa que tem de estar intimamente ligada ao campo, tem de estar permanentemente ligado à operacionalização do treino, ao planeamento do treino, tem de ter relação direta, metido completamente na equipa técnica. O analista hoje em dia, não é uma pessoa que se limita descrever problemas, ou olhar adversários e descreve-los. O analista para mim é um treinador, neste caso adjunto, com função para analisar adversário e a própria equipa. Como é possível um analista apontar soluções, se não tiver um know-how elevadíssimo sobre o treino, se não tiver um know-how elevadíssimo sobre o jogar. Portanto, na minha opinião, o futuro passa por aqui, os analistas de top são aqueles que mais do que analistas são treinadores, extensões do treinador. Porque eles têm a capacidade de terem opiniões críticas/construtivas, em qualquer circunstância, procurando acrescentar algo ao treinador. Procurando levar uma opinião pessoal e depois o treinador tomando a decisão que considera mais conveniente, mas tem de ser uma pessoa que mais do que descrever problemas, ele deve ser capaz de apontar soluções e elevar a discussão no sentido de tentar influenciar aquela que serão as decisões estratégicas para cada jogo.



Tiago, que evolução sentiu na maneira como percebe e filtra o jogo ao longo da sua carreira? Mudou de forma significativa a sua forma de interpretação?

Sem dúvida alguma que ao longo dos anos e sobretudo no final de cada época há uma evolução na forma como percebemos e filtramos jogo. Até porque em cada ano vão aparecendo situações novas, treinadores diferentes que nos criam problemas e constrangimentos diferentes, isso obriga-nos a procurar soluções diferentes e faz-nos crescer enquanto analistas e treinadores. Portanto, sem dúvida alguma que vou sentindo ao longo de cada ano evolução, porque o know-how aumenta em função das experiências que vamos tendo a cada ano que passa. A minha forma de interpretação, não a mudei de forma significativa porque os princípios que me guiavam como treinador na fase inicial da minha carreira são os mesmos que me continuam a guiar atualmente, porque continuo a acreditar...as minhas crenças são as mesmas, a forma como eu gosto de ver o jogo jogado é a mesma que eu tinha há 10 anos atrás. E esta é uma questão muito importante também para o treinador/analista, trabalhar com um treinador no qual se revê e no qual se sente valorizado porque acredita naquele jogar. Portanto, a minha forma de interpretar o jogo não mudou de forma significativa, agora a forma como percebo e filtro o jogo, isso sim porque faz parte do know-how que vamos adquirindo ao longo da nossa carreira.



Anexo 2 - Entrevista a Miguel Moita (treinador adjunto e analista do A.S. Mónaco)

Qual a importância dos espaços no modo como interpreta o jogo de futebol e mais particularmente na forma como analisa os adversários?

O espaço é aquela palavra que toda a gente utiliza, todos andam à procura dos espaços. Mesmo naqueles princípios mais gerais e começando um pouco por aí, o espaço acaba por ser um princípio ofensivo mais global, que toda a gente preconiza. Ou seja, equipa aberta, maior distância entrelinhas, para dessa forma as dinâmicas surgirem com maior facilidade e terem tempo para acontecerem. Por outro lado, a defender procura-se de uma forma geral um espaço menor entrelinhas, uma maior concentração de jogadores, menos espaço entre setores, menos espaço intrassectorial também, para que dessa forma a gente proteja a nossa baliza. Ou seja, o espaço anda sempre à volta das conversas, de treinadores e jogadores.

Mais particularmente na forma como analiso os adversários, eu penso que aqui há duas vertentes. Aquilo que nós temos como ideia da nossa equipa e que vamos trabalhar enquanto identidade e os espaços que queremos privilegiar, e depois os espaços que nós poderemos porventura privilegiar num jogo mais que noutra, relativamente ao adversário que nós vamos encontrar. Isso para mim é importantíssimo, porque nós podemos ter a nossa ideia, mas não é a mesma coisa jogar contra uma equipa que defende com a linha alta, que contra uma equipa que defende num bloco baixo. Temos de arranjar estratégias diferentes, tendo a nossa identidade, mas se calhar numa semana temos de dar mais atenção a determinados espaços e isso para mim é claro.

Relativamente aos espaços a procurar, normalmente quando estamos com bola procuramos criar sempre situações de superioridade numérica. Seja na zona central ou nos corredores, mas se calhar há momentos em que para encontrar esses espaços com superioridade numérica, nós tenhamos que fazer a chamada “atração do adversário” e nesses momentos podemos estar até em inferioridade numérica. Temos é que saber sair desses momentos de maior constrangimento



do adversário e transformá-los na tal situação de superioridade numérica e então atacar/procurar esse espaço precioso.

Muitas vezes o jogo de futebol e outros jogos desportivos coletivos, é essa constante procura, passar de momentos que são desconfortáveis, para outros momentos que são mais confortáveis. Ou seja, correr algum risco em espaços que são mais fechados e com maior constrangimento para depois procurar esse tal espaço favorável, o espaço para criar desequilíbrios.

Na sua opinião existem espaços mais valiosos no jogo de futebol?

Sim, como é óbvio há espaços mais valiosos no jogo de futebol. De uma forma muito clara e relacionando com a questão da posse de bola e das estatísticas sem olhar ao qualitativo, que é algo que me faz alguma confusão. Olhar para a posse de bola e a partir daí fazer logo dessa equipa, uma equipa com muito controlo, domínio de jogo... quando se formos a ver, em grande parte das equipas essa posse de bola até pode acontecer sobretudo em espaços recuados na zona do meio-campo e não conseguem materializar essa posse de bola em situações de golo ou finalização. Ou seja, se circulares a bola no teu meio-campo defensivo e não conseguires entrar noutros espaços, espaços mais importantes para criar situações de finalização, só daí dá para perceber que há espaços mais importantes que outros para tentarmos colocar a bola.

Reconhece alguma relação entre determinados espaços com certo tipo de desequilíbrios?

Na minha opinião há duas situações, uma delas que eu já falei na resposta à primeira pergunta, que é a tal situação em que conseguimos chamar a equipa adversária a um lado, para depois procurarmos o lado cego, seja de uma forma apoiada, seja de uma forma mais direta, mas sim ter essa intencionalidade e então criar os tais desequilíbrios defensivos no adversário. De outra forma, o espaço entrelinhas em que há indefinição e é na minha opinião um indicador de um determinado tipo de jogo, ou de outras ideias, que é o aproveitamento do espaço interior, do espaço entrelinhas, entre linha defensiva e linha média. É um



espaço onde muitas vezes há indefinição entre quem vai defender. São os centrais que saem na pressão ou os centrais recuam e são os médios que vêm tentar buscar esse espaço? No timing certo, no espaço correto e de acordo com a circulação que estamos a fazer, penso que podem ser espaços muito proveitosos em termos de desequilíbrio do adversário. Aqui falei mais dos médios e dos centrais, mas podemos falar também da função dos laterais, dos extremos... Nesta situação, vou dar um exemplo prático, o extremo a vir buscar nessa zona interior quando a bola vem do lado contrário. Se o lateral que o está a defender vier marcar em cima, poderá abrir espaços no corredor, para serem aproveitados pelo nosso lateral ou até por um médio, dependendo da situação e do contexto. Portanto, parece-me que são dois espaços que gostaria de referir. Depois tem a outra situação que é juntar estes dois e colocar o espaço na profundidade. O que acaba por ser uma consequência destes dois, que é depois na fase de ligação se conseguirmos fazer isto, ao conseguirmos atrair e criar desequilíbrios, poderemos também aproveitar esse tipo de relação com o espaço em profundidade, para que, desta forma consigamos estar mais perto de zonas de finalização, que é na minha opinião o mais complicado. Neste momento de indefinição, depois procurar o timing correto para haver desmarcações de rutura e procurar esse espaço em profundidade.

Há algumas ideias que tenho partilhado com alguns colegas e que talvez se adequem a esta questão, que é no último terço e nas zonas de finalização há muita tendência para se falar em superioridade numérica e de facto em algumas situações nós temos essa superioridade, mas não conseguimos retirar vantagens disso. Por exemplo, eu gosto bastante de equipas que conseguem criar toda esta ligação de jogo e que depois no último terço têm capacidade para ganhar a linha de fundo e colocar-se em vantagem posicional. Não só uma superioridade numérica, mas também posicional, e com isto pretendo referir o quê? Colocar-nos a nós de frente para a baliza e numa situação em que é muito mais complicado os defesas ataquem a bola, porque vão estar orientados para a baliza deles. Ou seja, são aquelas bolas que são metidas para desmarcações de rutura para a linha de fundo, mas já dentro da grande área. Em que o defesa



central fica orientado quase na diagonal para a baliza e para a bandeirola de canto e que nós conseguimos colocar os nossos homens na zona de finalização numa vantagem posicional, porque estão a atacar a bola de frente e os defesas estarão numa posição incómoda. Isso para mim é o mais complicado de se fazer no futebol.

Uma coisa que eu reparo muito quando faço a minha análise e por vezes nós vemos que o tipo de jogo que é preconizado, não permite que os laterais se consigam envolver no corredor e possam dar mais profundidade. Muitas vezes são essas ideias, um pouco limitadoras talvez, que fazem com que os jogadores não tenham outras dinâmicas e não procurem outros espaços. Isso é o mais complicado de se fazer, porque as dinâmicas ofensivas são o mais complexo digamos assim.

“É tão importante o espaço que se preenche como o espaço que se deixa livre” – O que pensa desta ideia?

Creio que sim, uma acaba por ser consequência da outra. Em primeiro lugar temos de estar conscientes que isto está tudo relacionado com os espaços que queremos preencher e com aquilo que é mais importante no momento, mas a partir do momento que basculamos no corredor onde está a bola para tentar proteger esse lado, temos de estar conscientes que do outro lado vão abrir-se espaços que a outra equipa poderá aproveitar. Acho que tem de ser algo consciente acima de tudo, acho que os espaços são todos importantes, mas em determinado momento uns são mais importantes que outros. Se eu quero proteger a minha baliza e a bola está num dos lados, na minha ótica é preferível bascularmos e protegermos esse lado e não tão importante estarmos posicionados de acordo com o nosso adversário. De qualquer forma, devem existir estratégias de ajustamento, isso para mim é o que habitualmente designamos de cultura tática. Saber que aquele espaço é deixado livre, mas saber o que fazer se a bola entrar no corredor contrário, ou se num determinado momento ela for jogada para trás, o que temos de fazer para ajustar a equipa e para nos mantermos equilibrados.



Os momentos de jogo, nas melhores equipas apresentam uma articulação muito forte entre si. Que implicações tem isso para o treino e no modo como se analisa?

Uma grande equipa consegue ter qualidade em todos os momentos e que tomam decisões de acordo com o contexto com que se deparam. Ou seja, as grandes equipas têm a capacidade de se houver possibilidade, sair em contra-ataque ou ataque rápido. De outra forma, se analisarem ou verificarem que a equipa adversária já está equilibrada, mantêm a posse de bola e mantêm-na com qualidade. Se perdem a bola e percebem que podem reagir rápido, que podem roubar a bola e a equipa está preparada para isso, conseguem pressionar alto e encurtar as linhas, impedindo que o adversário jogue com qualidade e têm também a capacidade de defender baixo se assim for necessário e de acordo com outros momentos. Eu acho que a equipa que ganha mais vezes é aquela que consegue fazer isto, que consegue ter não só um grande background de ideias, a nível de identidade, mas também se consegue adaptar aos adversários que vai encontrar. De qualquer forma, colocando isto no treino e em como se analisa, eu gosto de pensar que o futebol é caos. Há coisas que não conseguimos controlar e muitas vezes no treino tentamos simplificar isso, mas acho que cada vez mais e tem havido uma grande evolução nesse ponto, o treino deve ter essas articulações, sem empobrecer o jogo. Ou seja, todos os exercícios que criamos têm de transpor esse caos do jogo, para que as coisas sejam mais fidedignas. Retirando os dias em que os jogadores estão fatigados e que não estão predispostos para tal ação, a maioria das vezes os jogadores gostam é que o exercício role, que haja intensidade no exercício, no jogo e que não hajam muitas quebras. Claro que tudo está articulado com objetivos fisiológicos que pretendemos para aquele dia, mas é importante haver essa articulação e que não hajam muitas quebras. Não é a mesma coisa tu estares a querer ver determinados comportamentos e estar constantemente a parar o exercício para que esses comportamentos apareçam. Tu estás a dar feedbacks, mas estás a travar o jogo. Não é a mesma coisa que os jogadores dentro daquilo



que tu queres, se ajustem e mudem comportamentos para chegar onde querem. Ou seja, é uma perspetiva mais ecológica do treino e de todo o processo.

Como prepara a observação dos próximos adversários? No alto nível, o tempo que medeia dois jogos é cada vez menor. Que implicações tem isso nesse processo?

Vou-te falar acerca de algo que mudou na minha visão ao longo do tempo no futebol, que tem que ver com a nossa identidade e a observação da nossa equipa. Ou seja, acima de tudo parece-me muito mais importante nós termos uma identidade forte e eu ponho-me muito neste dilema. Porque é que sou eu a estar preocupado com o adversário ou a estar a fazer a análise do adversário, que deve ser feita como é óbvio, mas porque é que vou ser eu a dar mais ênfase ao adversário? Quando posso ser eu que tenho uma identidade forte, comportamentos de alguma irreverência e diferentes do habitual, porque não são eles a observar-me e a dar mais importância ao adversário? Isto tem muito a ver com esta situação, pretendemos ser nós a ter uma identidade e as nossas ideias e a fazer com que os outros tenham algum receio e percam algum tempo a observar esses padrões/dinâmicas ou vou ser eu que vou estar mais atento a isso? Daí eu dizer que na minha opinião o mais importante começa com o nosso jogo e com a nossa identidade.

Relativamente à observação dos adversários, gosto de ter algum background já acerca dessa equipa, de saber os jogadores que estarão lesionados, depois em termos de antecedência dessa observação, as coisas variam em função das possibilidades que tens. Nós enquanto departamento e falar mais propriamente do tempo do Mónaco, fazíamos uma antecipação de 3 jogos em relação ao nosso jogo e procurávamos que espelhassem um pouco aquilo que íamos encontrar. Retirando por exemplo o PSG, que tinha a posse de bola em todos os jogos, os padrões acabavam por ser bastante semelhantes, mas se vais jogar com duas equipas de meio da tabela, sabes que uma tem mais poderio que outra e nesse jogo estás a observar e ela até tem algum controlo de jogo, mas tu sabes que contra ti vai assumir jogar mais em contra-ataque ou ataque rápido. Como é



óbvio, deves tentar encontrar jogos que eles demonstrem aquilo que mais vão fazer no teu jogo ou pelo menos falando desses comportamentos primários/principais.

Relativamente à preparação da observação no nosso departamento, para que não houvesse muita dispersão, eu tinha duas pessoas que estavam só a ver jogos. Viajavam para ver jogos ao vivo e que também juntavam momentos de outros jogos em vídeo. Por um exemplo, um colega ficava responsável por fazer a análise de um jogo e outro colega do jogo seguinte. Ou seja, desta forma aquilo que eu sentia, era que se fizéssemos deste modo em que um via um jogo, outro via outro jogo dessa mesma equipa, depois íamos cruzar ideias e haviam diferentes formas de entender e ver, porque sabemos que todos vemos as coisas de forma diferente. Eu via um terceiro jogo dessa equipa e depois juntava tudo e fazia um compacto final que era muito filtrado e mostrado ao treinador principal. Relativamente ao intervalo entre os jogos ser cada vez menor, eu nas minhas apresentações é algo que falo bastante. Hoje em dia a top temos pouco tempo para treinar a nossa ideia de jogo, quanto mais para criar e treinar exercícios com nuances estratégicas para o adversário. Muitas vezes o que acontece, é que nós acabamos por fazer mais recuperação, não é um treino aquisitivo, mas sim um treino de recuperação. Por isso, nesse caso o que funciona muito bem é o recurso ao vídeo e a conversas mais individualizadas, para mostrar algo em relação ao adversário, mas passando acima de tudo uma ideia, que temos o nosso jogo, a nossa identidade e que isso será a nossa base para entrar nesses jogos. Ou seja, os jogadores não se podem sentir desconfortáveis por nós não termos dado um enfoque diferente do adversário. Como é óbvio haverão outros microciclos em que poderás ter esse tempo e consigas até criar um exercício específico para ultrapassar determinada fraqueza, mas uma situação nunca se deverá sobrepor à outra. Poderão ser coisas mais orientadas/direcionadas, mas porque há esse tempo para treinar e quanto mais específicos e minuciosos formos, acho que não se perde nada.



**Qual a importância de atender ao nível e forma de jogar do adversário?
Quais são os principais aspetos que tem em atenção quando analisa uma
equipa adversária?**

Acho que é importante e não têm de ser necessariamente os três últimos jogos do adversário que temos de ver. Têm de ser jogos em que por exemplo, imagina que a equipa jogou para a taça do país em questão e acabou por rodar jogadores e não tem as mesmas dinâmicas porque acaba por mudar alguma coisa. Acho que não faz tanto sentido colocarmos imagens desse jogo ou passarmos uma ideia do que se passou nesse jogo, porque não vai corresponder inteiramente à verdade. Poderá sim ser interessante utilizar esses jogos que fogem do padrão do onze principal, para mostrar talvez jogadas individuais a alguns jogadores, mas de forma mais individualizada. Até para perceber que tipo de mudanças podem acontecer durante o jogo, que jogadores que estão numa segunda linha e que podem agitar o jogo ou que podem dar uma consistência defensiva maior, nesse sentido como é óbvio acaba por ter importância.

Relativamente aos principais aspetos que tenho em atenção quando observo uma equipa adversária. Relativamente à parte defensiva eu gosto de dividir em três partes. A primeira parte, é a pressão organizada, ou seja, como é que eles se organizam enquanto equipa defensivamente e onde é que exercem essa primeira pressão. Se é uma equipa de espera, mas que mantém as linhas juntas e começa a pressionar na zona do meio campo ou se pelo contrário é uma equipa que pressiona mais à frente, mas dá espaços que poderemos aproveitar. Poderá haver até outra situação, que é uma equipa que mesmo recuada continua a dar alguns espaços e não mantém o bloco coeso e uma linha defensiva alta. Mas basicamente e dividindo isto por partes, olhar para a primeira pressão como acontece e de que forma acontece. Quem é que pressiona e onde? É o médio ofensivo que sai na pressão com o avançado ou são os extremos que vêm pressionar com o avançado para condicionar ou os extremos defendem nos corredores? De seguida, como é feita a pressão dos médios? Quando a bola está do lado contrário o extremo fecha ou fica relacionado com o lateral? Alguns desses ajustamentos que são importantes ter em atenção e



depois a articulação da linha defensiva com a pressão nos corredores. Se o lateral quando pressiona tem cobertura nas costas do central ou se é uma cobertura dada pelo médio. Bolas que a gente consiga jogar em profundidade, porque as coisas acabam por ser diferentes, se for o médio tem uma distância maior a percorrer. Depois, em terceiro lugar, a forma como a linha defensiva se comporta com passes atrasados, se é uma linha que fica ou se é uma linha que sobe e é reativa. Se é coordenada e se os centrais são agressivos entrelinhas. Isso é importante para que dessa forma os centrais, se a linha defensiva recuar quando a bola entra entre linhas e esperar pelos médios para pressionar, teremos aí uma hipótese porventura para termos jogadores com capacidade para acelerar o jogo nessa fase e depois solicitar entradas em rutura.

Do ponto de vista ofensivo gosto de olhar para a primeira fase de construção, verificar como saem a jogar e quais são os principais canais e jogadores fulcrais nessa saída a jogar se é que a fazem e olhando sempre como é óbvio, de que forma podemos orientar a nossa estratégia para condicionar esse tipo de jogo. Depois os pontos de ligação, ao contrário daquilo que vamos ouvindo em alguns cursos de treinador e de algumas pessoas que falam em 4 fases, eu gosto de dividir em 3 fases, algo mais objetivo. Primeira fase de construção, segunda de ligação e terceira de criação de situações de finalização. Essa segunda fase será então a fase de ligação, quais são os pontos de ligação e aqui muitas vezes estamos a falar de coisas que se articulam sem darmos conta. Muitas vezes com dois passes podem haver equipas que entram na zona de finalização e a construção quase que se confunde com a ligação. Perceber as dinâmicas que acontecem no meio campo para essa fase de ligação, se é o extremo que vem dentro e em que zonas recebe, se vem receber à frente dos nossos médios ou se tem qualidade para receber atrás deles e à frente da linha defensiva. Se depois disso consegue ter uma boa receção orientada e acelerar o jogo solicitando depois movimentos nas linhas ou em profundidade. Perceber e aqui olhando mais às características individuais os pés mais fortes dos extremos. O extremo vem, recebe a bola por fora e é mais vertical e procura linha de fundo para cruzar, mais em profundidade. Ou se por outro lado é um extremo que por



exemplo, estando do lado direito vem para dentro com o pé esquerdo e tenta a partir daí fazer passes de rutura, fazer remates, fazer tabelas, como o Brahim faz no Porto do lado esquerdo ou como o Bernardo Silva faz agora no City do lado direito. Perceber um pouco essas dinâmicas e perceber como os podemos contrariar.

Na fase de finalização dar uma ideia objetiva de como é que eles chegam mais vezes às zonas de finalização. Se é por dentro através de passes de rutura pela zona central. Se é através de cruzamentos, quantos jogadores metem na área e movimentos preferenciais de determinados jogadores. Onde é que o ponta de lança procura atacar a bola mais vezes, onde faz mais golos, que jogador aparece normalmente de zonas mais recuadas e se porventura os cruzamentos saem mais atrasados. Se há um porventura um padrão nesse tipo de comportamentos porque por vezes não acontece e pode até ser uma situação que é o adversário a adaptar algo que viu da nossa equipa. Porque por vezes vemos um jogo e a equipa fez muitos cruzamentos atrasados e depois se calhar vemos o próximo e a equipa já não faz isso. Por vezes pode ser uma nuance, criada para superar uma fraqueza nossa.

De que modo tenta estruturar a representação dos adversários? Por momentos, fases? Pontos fortes/fracos? Ou de outro modo?

Relativamente à apresentação dos adversários acho que é importante começar por ter um panorama global do que é o adversário. Seja através de coisas mais estatísticas, através de uns gráficos que possam mostrar tendências. Quando falo de estatísticas é não só relativamente aos números de um jogo, mas também da competição onde estão. Passar uma ideia geral de como é aquela equipa. Como está aquela equipa? O que têm vindo a fazer? Depois sim, passar para a análise e observação propriamente dita.

Dentro da análise, gosto de olhar para o jogo e para a equipa como se fosse uma história. Como se estivéssemos a contar uma história daquilo que se passa nos determinados momentos. Gosto de passar uma ideia de como é o adversário em termos ofensivos e então divido a parte ofensiva em três fases. A fase de



construção, a fase de ligação e a fase de finalização ou de criação de situações de finalização.

Na defesa, também tento dividir em três fases. A primeira fase seria a pressão organizada, como é que a equipa se organiza na primeira fase de pressão, seja ela onde for. Como é que se articulam os diferentes setores? Essa é a segunda fase defensiva. A articulação entre os setores e os ajustamentos entrelinhas. Depois uma terceira fase, que é a coordenação da linha defensiva e a articulação intrassectorial dos membros que constituem essa linha defensiva. Quando falo nisto, falo do espaço entrelinhas e da articulação com os médios, da articulação do espaço em profundidade... criar uma história a partir daí, tendo estes pontos em atenção.

Antes dos pontos fortes e fracos, falar ainda da transição ofensiva e defensiva. Na transição defensiva tentar passar uma imagem de que é que a equipa faz no momento em que perde a bola. Se é uma equipa que é coletiva a pressionar o portador da bola, reduz espaços e mantém o bloco fechado. Ou se é uma equipa que retira imediatamente profundidade e a pressão é só de um ou dois jogadores.

No final, gosto de criar um resumo, quase que um filtro para o treinador e para jogadores de forma a que nos orientemos de forma mais específica e objetiva nos pontos fortes e fracos. Aí sim, passo uma ideia mais objetiva do que é equipa, com as principais fraquezas e forças.

Na sua opinião, qual a importância da dimensão estratégica nas equipas de Top?

Na minha opinião a dimensão estratégica é algo que enriquece muito a nossa ideia de jogo, porque a dimensão estratégica vai entrar e ser usada de acordo com cada adversário. Eu tenho para mim, que não só nos jogos desportivos coletivos e no futebol em particular, mas em qualquer desporto é importante que a estratégia exista. Como é óbvio, os adversários têm diferentes características. De uma forma geral, não é a mesma coisa jogar com uma equipa que defenda muito atrás ou uma equipa que pressione alta e tenha a linha defensiva subida.



Não é a mesma coisa. Eu acho que é um enriquecimento muito grande para as equipas que trabalham esse lado mais estratégico e que privilegiam de uma forma intencional determinados movimentos em detrimento de outros. Na minha opinião, a importância é cada vez maior, com todos os estudos que se fazem das equipas e softwares que existem, acho que é de uma importância tremenda. É um acrescento enorme ao nosso modelo de jogo, à nossa ideia/filosofia, sem nunca esquecer que o primado e o mais importante é a nossa equipa. Prefiro sempre olhar para isto como, eles é que têm de olhar para nós, mas nós temos de olhar para eles como um complemento que acrescenta valor.

O que pensa da dimensão estratégica e da sua interação com a dimensão tática? Que cuidados a ter nesta relação?

Portanto, a dimensão tática são as nossas ideias, aquilo que nós queremos para a nossa equipa a nível de dinâmicas ofensivas, defensivas, transições e até bolas paradas. Dimensão estratégica, na minha opinião é algo mais direcionado para aquilo que vamos fazer contra um determinado adversário. Como é óbvio, podemos dividir a dimensão estratégica em duas partes, uma dimensão estratégica mais a longo prazo, que poderá ser uma estratégia, por exemplo de controlo. Queremos que a nossa equipa estrategicamente seja uma equipa mais de controlo, mas em determinados jogos utilizaremos estratégias diferentes de acordo com cada adversário. Agora, o que eu penso relativamente à interação das duas, a dimensão estratégica está inteiramente ligada à dimensão tática. Acho que a dimensão tática é algo mais nosso, algo que tem que ver com os nossos princípios, com aquilo que é a identidade da nossa equipa e que a dimensão estratégica não faz sentido, se não tivermos uma dimensão tática forte. Se nós só orientarmos o nosso jogo para a dimensão estratégica, pensando quase sempre no adversário, parece-me que é algo redutor. Daí eu achar que a dimensão tática serão os nossos alicerces, para que a dimensão estratégica depois flua de uma forma mais natural e que os jogadores se sintam confortáveis com essa dimensão, conheçam bem o nosso modelo de jogo, as nossas ideias e que criem relação entre eles. Para que depois ao alterarmos e



criarmos alguma nuance jogo após jogo, eles consigam alterar, partindo de uma linha orientadora e voltando novamente. Penso que é um pouco esta interação que deve existir.

Os cuidados a ter é um pouco o que eu já falei, não pensar só na parte estratégica se não temos ideias consolidadas, se não temos dinâmicas e uma dimensão tática associada aos nossos momentos. Ou seja, é algo que requiere construção, trabalho, pensar e refletir acerca daquilo que queremos para a nossa equipa e acima de tudo passar isso para exercícios específicos de treino de acordo com aquilo que queremos, isso sim será o mais importante. Sobrepor uma à outra, meter a dimensão estratégica à frente da dimensão tática, poderá ser um perigo porque parece-me que poderá passar ideias erradas aos jogadores, ao staff e ao grupo todo.

Quais as relações/implicações que a dimensão estratégica tem no vosso processo de treino? De uma forma geral de que modo a informação é transmitida e experienciada na semana de treino?

Tem implicações totais, mesmo tendo pouco tempo para preparar um jogo, as nossas preocupações talvez de uma forma crescente, vão sempre incidir no adversário. Vão sempre convergir para as características do adversário e então a preparação não será a mesma de semana para semana. Pronto, a base será sempre a mesma, mas com algumas nuances. Por isso, claro que tem implicações como é óbvio.

Quanto ao modo como a informação é transmitida e experienciada? De várias formas e aqui entra muito a questão de termos ou não tempo e sessões de treino para criar essas nuances, e nuances mais fortes que permitam a criação de exercícios específicos para abordar esse jogo. Se tivermos 4 dias entre um jogo e outro e sabemos que os dois primeiros dias são dedicados à recuperação, só no terceiro e quarto é que terás períodos aquisitivos. Tendo também noção, que não se poderá dar grande intensidade ao treino no último dia. Seria então o terceiro treino, o treino com mais poder aquisitivo. O quarto também aquisitivo, mas com menos volume/intensidade. Mas, existem várias formas de transmitir e



experienciar a informação durante a semana de treino. A primeira e talvez para que os jogadores fiquem com uma perceção do que realmente acontece é através de vídeo e mostrar-lhes que há realmente um padrão em determinada situação. Gosto de trabalhar neste sentido, que é mostrar o vídeo e se possível nesse dia ou no dia seguinte fazer algo no campo que orientasse para o que acabávamos de ver. Ou seja, são duas dimensões. A dimensão vídeo e a dimensão da prática, onde já há a utilização dos músculos e do cérebro em interação e já sentem o que é que pode acontecer e que o que podem utilizar para superar os pontos fortes/fracos do adversário. É nesta interação e nesta sequência que eu acho que o treino e a análise fazem realmente sentido. É com esta sequência e coerência que gosto de trabalhar. Depois lá está, podes criar exercícios se queres dar intensidade, exercícios específicos criando algumas condicionantes, enquanto que se calhar no último dia podes criar exercícios mais táticos, explorando nuances táticas relativamente ao adversário.

Na sua opinião, que ideias/referenciais caracterizam as equipas de top na sua organização defensiva?

Relativamente à organização defensiva e a estas ideias que as equipas de top têm, eu tenho plena convicção de que mais importante que as equipas defenderem em bloco baixo ou bloco alto, mais do que isso, para mim é essencial o ajustamento e articulação que há entre os diferentes “momentos” de organização defensiva e isso para mim é o mais importante. Este ajustamento, está ligado e completamente associado a uma definição minuciosa das tarefas que cada jogador tem de acordo com esse momento. Ou seja, aquilo a que eu chamo a pressão organizada no momento inicial, depois o ajustamento existente entre as linhas quando a bola entra no nosso meio-campo defensivo e depois a articulação da linha defensiva no último momento. São mais fortes aquelas equipas que dentro desta organização defensiva, dentro destes vários momentos conseguem de uma forma ou de outra ajustar-se ao momento do jogo. Ou seja, sabemos que o jogo de futebol é caos e por isso não há momentos iguais... Nós sabemos que num momento por exemplo a bola entra nas costas



do lateral e nós até privilegiamos que seja o central a fazer essa cobertura, mas eu não consigo dizer ao meu jogador que tem de ser sempre o central a fazer essa cobertura. Dependendo do momento, da posição da bola, da posição em que está o médio defensivo, pois poderá até ser esse jogador a fazer a cobertura. Eu acho que o mais importante é naquele momento, a bola entrando lá, se for o médio defensivo a fazer cobertura o nosso central já vai ficar, se for o central a fazer, o nosso médio defensivo vai ocupar a posição de central e já tem de haver outro médio defensivo a fazer a cobertura frontal da nossa linha defensiva. Eu acho que mais do que estar a dar receitas, devemos dar ferramentas aos jogadores e aí o processo de treino é muito importante, tendo em conta que o processo de treino não poderá ser algo mecânico. Temos de ter linhas orientadoras, mas depois fazer entender os jogadores que há momentos de grande aleatoriedade e que são eles que têm de perceber o jogo para a melhor resolução desses momentos.

Esses referenciais têm sempre a mesma “articulação” em todas as situações de jogo?

Pegando naquele exemplo que falei de uma forma mais rígida/orientadora, se a bola entra nas costas do lateral e o central é o jogador que está mais perto, talvez eu queira que seja ele a referência para fazer a cobertura e que o meu médio defensivo faça cobertura em caso do central ser ultrapassado. No entanto, se a equipa adversária está a construir já está no último terço e consegue alcançar a linha de fundo nas costas do lateral... Na minha opinião, neste caso parece-me uma situação mais natural que seja o médio ou o extremo que esteja a ajudar a defender no corredor, que promova a cobertura naquela zona. Para não retirar o central da nossa zona defensiva e da zona mais importante que é a proteção da baliza. Depois acho que tem tudo que ver com a estratégia que temos para cada jogo, com o adversário que vamos defrontar, poderemos alterar e privilegiar mais uma situação que outra. Se sabemos que o adversário chega à linha de fundo e cruza logo, muito provavelmente eu vou preferir que os meus centrais fiquem na zona central, porque é mais fácil que um central de frente ganhe a bola de



cabeça e ataque a bola defensiva aérea, de que um médio defensivo que vem da frente para trás, saque essa bola, que em muitas situações poderia chegar atrasado. Esta articulação, deverá estar sempre ligada com as zonas em que ocorrem as situações. Se for um passe de 30 metros nas costas do lateral, normalmente dará tempo ao central para fazer essa cobertura. Se o passe for feito posteriormente a um envolvimento pelo corredor e os jogadores já estão próximos daquela zona do último terço, o central já estará posicionado em zona frontal à baliza. Numa situação dessas não é lógico que seja o central a fazer a cobertura, porque terá jogadores mais próximos, daí eu conceber que as articulações são sempre diferentes de acordo com cada contexto.

O que pensa da seguinte frase de Jorge Jesus: “Há determinadas zonas em que o elemento adversário deve assumir maior preponderância...”

Penso que esta frase tem que ver com aquilo que falei anteriormente, com a proteção da nossa baliza, de sermos cada vez mais vigilantes e transformar uma defesa zonal e de um maior controlo à distância, diminuindo essa distância entre jogadores e vigilâncias. Ou seja, a vigilância torna-se cada vez mais apertada e há situações em que é necessário dentro de uma perspetiva zonal, termos muito maior controlo do adversário. De forma a que haja uma eliminação de probabilidades de o adversário fazer golo, acho que é um pouco nesse sentido. Agora, na minha opinião e é um assunto que por vezes debato com alguns colegas, se a perspetiva deve ser completamente individual, ou se devemos ter uma base zonal para depois dentro dessa base ter uma perspetiva individual? Eu não concordo de todo com uma perspetiva completamente individual a partir do momento que o adversário está dentro da grande área e em que há o perigo de sofrermos golo.

Por exemplo, a situação de cruzamento defensivo e qual o posicionamento mais correto a adotar. Numa situação normal, o lateral estará a fazer pressão no corredor, como segundo posicionamento, gosto muito de proteger a zona do primeiro poste. Ou seja, acho importantíssimo que o primeiro central esteja a proteger a zona do primeiro poste e cortar então uma bola que seja metida ou



até um movimento de um jogador adversário nessa zona. O segundo central, penso que pode ter uma atitude de corte de linha de passe atrasada, principalmente quando o médio não consegue chegar a tempo. O central poderá porventura estar uns passos mais para dentro ou de acordo com o posicionamento do avançado, mas sem nunca perder a visão da bola. O lateral, um pouco a mesma coisa, saber que tem de estar por dentro a fechar o espaço interior, mas também porventura com uma atitude mais vigilante relativamente ao posicionamento do adversário. Esta situação, relaciona-se também com a posição do guarda-redes, que poderá estar colocado mais numa zona central e com a preocupação de que se a bola for longa, limpar aquela zona do meio até ao segundo poste. Se a bola for para o primeiro poste, temos lá o primeiro central que corta essa linha de passe e a qualquer momento se a bola passar, temos o guarda-redes posicionado numa zona medial em que poderá intercetar a bola.

Na nossa opinião existiu uma evolução na qualidade defensiva das equipas em geral. Concorda? Em que aspetos?

O que eu acho é que as equipas estão cada vez mais organizadas, pelo menos em grande parte dos países é isso que acontece. Há cada vez maior sustentação teórica, que depois é colocada em prática. Há também exemplos de grandes equipas e há a facilidade de chegarem a muita gente, que acabam por ser exemplos para treinadores de todo o mundo e que depois tentam colocar em prática. Ainda assim, eu continuo a achar que em alguns países as coisas não são tão organizadas e não há assim tanta qualidade defensiva, ou não tem havido tanta evolução como a nível europeu. Estou a lembrar-me de um campeonato que vejo mais e consigo perceber que no Brasil, continuam a haver situações de organização defensiva e despreocupações que a nível europeu não acontecem tantas vezes. Acho que no Brasil eles continuam a privilegiar tanto o aspeto ofensivo, que deixam de olhar tanto para o aspeto dos equilíbrios, de organização e da parte mais defensiva.



Que implicações tem isso ao nível da organização ofensiva? Necessidade de novas soluções, mais variabilidade?

O que acontece é que a organização ofensiva estará sempre ligada com a organização defensiva. Relativamente ainda à parte defensiva, eu considero que a evolução na qualidade defensiva, não tem que ser só relacionada com uma defesa muito baixa ou com uma defesa muito alta ou com formas de pressionar. Acho que tem a ver com conceitos, com princípios básicos/gerais e subprincípios mais específicos, que têm vindo a ter cada vez mais preocupações. Relativamente à parte ofensiva e às implicações que isso tem, eu acho que estão completamente ligadas porque face a estas equipas com maior organização defensiva, as equipas têm de ter maior variabilidade, têm que ser mais imprevisíveis e têm cada vez mais de aproveitar as poucas falhas que possam existir em determinados jogos. Ainda assim, na minha opinião as melhores equipas serão aquelas que em termos ofensivos consigam seja de que forma for, seja num jogo mais apoiado ou mais posicional, seja através de contra-ataque ou ataque rápido, consigam superar essa qualidade defensiva e consigam através disso ter um jogo apelativo e no final ganhar mais vezes. Mas como é óbvio e hoje em dia, olhando um pouco para o nosso campeonato português, vemos equipas que são mais submissas, que defendem baixo e que retiram muitos espaços em profundidade, mas que sabem defender, são agressivas e criam muitas dificuldades. Como é óbvio, uma equipa que esteja habituada a essa profundidade, nas costas da linha defensiva, terá que em alguns jogos se reinventar e provocar a tal variabilidade que falas.

Na sua opinião que características têm as equipas de top relativamente à sua organização ofensiva?

Para mim as melhores equipas são aquelas que de acordo com o contexto, de acordo com o momento do jogo, de acordo com o modo como os seus jogadores e os adversários estão posicionados, conseguem colocar em prática qualquer tipo de jogo. Isto é, jogo posicional se veem que a equipa adversária está bem



posicionada e que não há possibilidade de acelerar o jogo, tendo nesse caso que desorganizar o adversário, ou entrando em ataque-rápido ou contra-ataque se houver espaço para isso e se houver possibilidade de criar superioridade numérica e posicional. Mas, como estava a dizer de uma forma mais fria, as equipas de top são aquelas que conseguem ter mais tempo a bola em zonas ofensivas, mais perto da área adversária e com isso criarem mais situações de finalização. Aqui, como é óbvio acrescentando que as que mais marcam são as que têm mais sucesso. As que conseguirem ter estas três situações, manter no meio campo adversário a posse de bola, em zonas onde há mais densidade de jogadores e com isso criar situações de finalização e fazer golos. Essas sim, são as verdadeiras equipas de top.

Depois em termos defensivos, numa análise mais fria, as melhores equipas são aquelas que conseguem manter o adversário mais longe da sua baliza e assim evitar situações de perigo.

Em termos ofensivos, particularizando um pouco algo que considero um indicador de qualidade, eu gosto muito de ver equipas que conseguem ir a um corredor, chamar o adversário, perceber que não há possibilidade ou que será difícil entrar e haverá menos probabilidades de sucesso se jogarem nesse corredor e conseguem em espaços reduzidos fazer circular a bola e quando digo circular não o digo só de forma horizontal. Não, circular pode ser muitas vezes um passe em diagonal até entrar na zona interior. Pode ser uma viragem do centro de jogo para o corredor contrário, tentando depois criar as tais superioridades. Pode ser um passe lateral e depois um passe vertical com uma receção entrelinhas e acelerar. Ou seja, podem ser várias coisas, mas que eu acho que são situações que as equipas de top evidenciam mais. Claro que isto está muito relacionado com a qualidade dos jogadores, é inevitável que quando tens maior qualidade técnica e tens ideias deste tipo eu penso que é a fusão perfeita. Consegues fazer coisas engraçadas, consegues fazer as coisas muito mais naturalmente e criar situações de perigo.

O jogo interior, que está muito relacionado com as dinâmicas de corredores e com as dinâmicas de posições intermédias de extremos e avançados. É cada



vez mais uma situação que cria bastantes indefinições na estrutura defensiva dos adversários. Tenho para mim, que isso é também uma característica de uma equipa de top, mas como é óbvio com números. Eu gosto de traduzir as coisas em números, as coisas têm de ser feitas com intencionalidade e depois têm de surtir em alguma coisa. Não é só vir receber nas costas dos médios por receber, mas depois não consegue orientar e acelerar o jogo e fazer um passe de rutura por exemplo. Mas, acho que é um indicador, até porque desorganiza as estruturas defensivas onde há marcações mais cerradas e nestes casos abrem-se espaços que podem ser mais facilmente aproveitados.

Relativamente à organização defensiva, o que eu acho que as equipas de top têm a mais do que outras, de uma forma mais estatística e mais analítica/individual, é capacidade de ganhar duelos. Se contabilizarmos no final de um jogo quem é que ganhou mais duelos no meio-campo, eu acredito que tenha muita relação com o resultado final ou com a supremacia pelo menos de uma equipa em relação à outra. Dando um exemplo que me estou agora a recordar e referindo aqui esse exemplo, que foi escrito num jornal há uns dias atrás, do jogo Tondela vs Vitória de Setúbal, em que o Tondela perdeu por 2-1. O que o Pepa dizia era *“perdemos quase os duelos todos no meio-campo com o Vitória de Setúbal”* e eu acho que isto em termos defensivos pode também ser um indicador de top. E quando falo nisto, falo também na necessidade de antecipar esses duelos, o que demonstra acima de tudo uma pró-atividade defensiva enorme. Depois, referir também o que eu já falei dos ajustamentos defensivos, eu acho que quanto mais um treinador tiver sistematizadas as suas ideias defensivas e que quanto mais os jogadores entenderem que não tem que ser tudo sempre igual e que aquilo que o treinador tem em mente é apenas uma linha orientadora, mas que no jogo eles é que decidem. Que têm de comunicar em cada momento, quem conseguir fazer melhor isso, acredito que seja uma equipa de top. Penso que é um indicador perfeito daquilo que é uma equipa de top.



Qual a importância dos momentos de “aceleração” em organização ofensiva?

É um pouco aquilo que eu estava a falar antes, eu associo esta aceleração, que eu considero aceleração no espaço. Nós conseguimos criar algum espaço, conquistámo-lo e depois conseguimos acelerar o jogo e então tentamos desequilibrar. Não digo que seja sempre buscar a profundidade, ainda que o objetivo será esse. Mas, ainda que não se conseguindo profundidade, há a possibilidade de se conquistar largura por exemplo, que é uma das outras formas de se chegar ao golo. Como é óbvio, a situação predileta será conquistar essa profundidade para estarmos mais próximos da baliza, até porque a criação de largura acaba por ser uma situação que permite depois ao adversário criar condições para defender melhor.

Qual a importância que atribui à análise da própria equipa e que relação tem esta com o vosso processo de treino?

Como já referi antes, acho que a nossa identidade deverá ser aquilo a termos mais atenção, a análise da própria equipa será então muito importante no nosso processo semanal, no nosso microciclo, mesociclo e macrociclo. A maioria das situações são orientadas para exercícios de consolidação de princípios ou em alguns casos de correção de erros e de potenciação dessas situações para que o erro não volte a surgir. Por isso, a relação é quase máxima porque é tudo feito com essa coerência e intencionalidade daquilo que acontece no jogo anterior.

Quando trabalhei com o Leonardo durante estes anos todos, como é óbvio tínhamos algumas preocupações, e penso até que devíamos ter mais. Preocupações com filmar os treinos, para depois conseguirmos orientar as coisas de uma forma mais específica ainda. No entanto, isso nem sempre acontecia, mas acho que é um complemento interessante. Criar situações de treino, ver como elas correram e até mostrar aos jogadores aquilo que queremos para o próximo jogo e que não fizemos no jogo anterior. Criar toda esta ligação de situações.



Qual a importância que atribui à análise do processo de treino?

Para mim a análise do processo de treino é tão importante quanto a análise do nosso jogo e do nosso adversário, e aqui não estou a falar meramente de filmar os treinos, falo sim de refletir sobre o treino conjuntamente com os outros elementos de equipa técnica. Como é óbvio, o complemento filmagem para observar alguns comportamentos, com a junção de parâmetros mais estatísticos de maior controlo como o GPS por exemplo, acho que podem dar um aporte fantástico e cada vez mais no momento que estamos de grande controlo, é muito importante que isso aconteça. No entanto, sempre com bastante filtragem e com coisas essenciais para aquilo que nós preconizamos no nosso modelo de jogo. Mas, acho que é importantíssimo porque passa muito por aí o nosso trabalho como treinadores. Essa análise e reflexão daquilo que vai acontecendo todos os dias para que se antecipem problemas, se resolvam outros e dessa forma as coisas fluam mais coerentemente e para que dessa forma exista mais sucesso. Acho que é um pouco por aí que esta análise ao processo de treino é importante. Acaba por ser o nosso dia a dia, não podemos só efetuar o treino e depois acabar o treino e sairmos, é importante que haja essa reflexão para que as coisas tenham continuidade e que tudo seja feito de forma coerente e objetiva.

Qual a importância do analista ser alguém com capacidade para indicar ideias/soluções ao treinador principal (para o jogo e para o treino) face às informações retiradas da análise da própria equipa e do adversário?

O analista tem que ser muito mais que um relator de acontecimentos, daí a palavra analista, pois é alguém que analisa e para além do relatório que faz, tem de apontar caminhos. Na minha opinião, só assim é que o processo pode ser coerente, só assim é que o analista tem uma verdadeira função. Senão, se formos a ver qualquer pessoa pode fazer um relatório mais ao menos específico e orientado para aquilo que é o conhecimento do jogo. Qualquer pessoa que não seja formada em futebol pode dar a sua opinião. Mas, eu acho que o mais completo, aquilo que eu concebo como mais importante, é uma pessoa que está dentro do processo de treino e de jogo, dentro das ideias do treinador e consegue



dessa forma ligar tudo. Fazer observação do adversário, da própria equipa e apontar caminhos ou temas que sejam lançados e debatidos entre equipa técnica. Para que a partir daí se desenvolvam novos caminhos e se diversifiquem um pouco as soluções para ultrapassar os adversários, por exemplo.

Só assim faz sentido, no entanto, hoje em dia para entrares no mundo do futebol há ainda muita gente que quer ter alguém que faça os cortes dos vídeos, ter alguém que faça para eles esse trabalho “não tão importante”. Isso acaba por ser um pouco redutor para esta função, que é cada vez mais importante e cada vez mais preponderante para nos superarmos enquanto equipa de top e é assim que deve evoluir no futuro.

Miguel, que evolução sentiu na maneira como perceciona e filtra o jogo ao longo da sua carreira? Mudou de forma significativa a sua forma de interpretação?

A verdade é que ao longo dos últimos 11/12 anos e a partir do momento em que comecei a trabalhar com o Leonardo as coisas mudaram de forma natural. Quando digo as coisas, refiro-me à forma como perceciono e filtro o jogo, que mudaram de forma radical. Inicialmente dava muita importância ao adversário, concentrava-me muito no trabalho do adversário e muita da minha análise era feita nesse sentido, também porque não tinha um conhecimento claro da forma de trabalhar do Leonardo. O modelo que preconizava para a equipa dele e então por isso não poderia estar a sugerir muitas coisas/soluções relativamente àquilo que ele queria para a nossa equipa.

Então, uma das coisas que mudou digamos assim, foi essa concentração nos objetivos do adversário. Ou seja, ao longo do tempo fui alterando isso e direcionando muito mais para aquilo que nós temos de fazer de acordo com as forças e fraquezas do adversário, tornando assim a análise mais coerente, objetiva e mais direcionada. De outra forma, umas das situações que modificou também foram os aspetos que passava para jogadores e para equipa técnica. Ou seja, a filtragem que nós fazíamos antes da mensagem chegar aos jogadores e ao treinador. O que é que é realmente importante, que ideias é que temos de



passar para poder caracterizar bem esta equipa, mas que não seja de forma massiva e a gente perca a essência da equipa. E eu sinto que no início da minha carreira era algo que eu não conseguia fazer tão bem, até um pouco pela falta de experiência, o que eu fazia era mais um elencar de situações, do que o encontrar de um padrão digamos assim. Ou até encontrava vários padrões e referia-os a todos. Com o tempo percebi que é mais importante concentrarmos em duas ou três situações que nos pareçam mais importantes em cada momento e a partir daí construir uma análise mais direcionada e focada para aquilo que possamos treinar e que dessa forma seja muito mais absorvida pelos atletas. E também antes disso, uma forma que seja de mais fácil percepção para o treinador e resto da equipa técnica, assim todos poderão alinhar o seu processo de treino, o seu microciclo semanal por essas ideias. Depois há sempre coisas micro, subsubprincípios que poderemos ter em atenção, mas que talvez não sejam tão importantes passarmos para a equipa toda, porque na minha opinião e pela minha experiência causam dispersão. Nesse sentido, há informação que deve ser passada de forma individual e gradual ao longo da semana, culminando no dia do jogo. Ou seja, pormenores como o extremo que provavelmente poderás apanhar, isto falando por exemplo para o nosso lateral direito ou para os nossos laterais direitos, porque poderá jogar um ou outro, *“muito provavelmente poderá jogar aqui um jogador que poderá fazer muito isto, movimentos interiores”* e então alertar o nosso jogador para esse tipo de situação, *“atenção que se calhar vais ter que fechar mais aqui, vais ter de comunicar mais com o médio interior para não haver tanto arrastamento, manténs-te da tua posição, ele é que vai ficar nessa zona”*. Portanto, coisas mais específicas da posição que muitas vezes não tem interesse que todos os jogadores saibam. Acho que é preciso ter uma ideia geral como é óbvio, mas depois coisas mais específicas ir ao longo da semana dando algumas informações, e por exemplo, no nosso caso chegando ao dia do jogo, hora e meia antes e quando eram jogadores determinantes da equipa adversária, gostava de passar 3 ou 4 momentos, já depois de ter o onze inicial do adversário e assim era muito mais direcionado, porque sabíamos quem ia jogar e em que



função/posição e aí sim, mostrar alguns vídeos para que pudessem focar-se um pouco mais e orientarem as suas tarefas durante o jogo.

Outro dos aspetos que fui modificando ao longo dos tempos, pela evolução da tecnologia e dos dados a que temos acesso, foi a articulação da análise mais qualitativa com a análise quantitativa. Ou seja, eu cada vez mais e à medida que o tempo passou, procurei ajustar a informação qualitativa daquilo que me pareciam ser padrões, com padrões quantitativos ou coisas mais palpáveis, para que haja uma transferência e uma coerência que nos permita quase como justificar uma ideia digamos assim. Quando assim é, eu penso que as coisas entram melhor e justificam qualquer outro tipo de situações. Quando te baseias unicamente no qualitativo, acaba por ser quase uma perceção tua, tu podes mostrar a outra pessoa e ela até vai reparar noutra coisa. Mas, se tu juntares a isso números e confirmares a situação, não há volta a dar digamos assim e consegues passar a tua ideia de uma forma muito mais objetiva. Isto também em termos individuais, quando tu queres tocar num jogador, agitar a mente do jogador, até percebes que está numa fase que pensa que está a render aquilo que o treinador quer, mas não está, e nos treinos até está com uma atitude displicente, agarrar não só em vídeos, mas também em números da performance dele. E aí depois podemos agarrar em vários aspetos, dependendo da posição dele e mostrar-lhe os vídeos e os números, se calhar até comparar com outros colegas de posição e comparar com colegas de outras equipas, por exemplo. E a top isto acontece muito, os jogadores são cada vez mais inteligentes, questionam-te mais, se estão de fora, se não jogam também querem perceber porquê, se jogam e tu chamas à atenção eles querem também perceber porquê. Por isso é bom que tenhas dados a que te agarres e que os agarrem a eles, para perceberem onde estão errados. Acho que é um upgrade muito grande e que hoje em dia com tanta informação que temos..., mas atenção que também pode ser prejudicial, por isso é tão importante a tal filtragem que deve haver. O essencial é existir uma grande coordenação com a ideia do treinador com que tu trabalhas. Quais são os parâmetros que necessitamos de avaliar em processo de treino e no jogo, para depois analisarmos esses dados e mostrarmos esses



Faculdade Desporto da Universidade do Porto
Abel Pimenta

dados digamos assim. Para que as coisas aconteçam de forma mais fluída e de forma mais natural se atinja o sucesso.



Anexo 3 - Entrevista a Pedro Daniel Sousa (treinador adjunto na equipa técnica do treinador André Villas-Boas)

Qual a importância dos espaços no modo como interpreta o jogo de futebol e mais particularmente na forma como analisa os adversários?

Futebol é gestão de espaços, logo à partida tu perceberes como geres os teus espaços e como adversário gere os seus espaços é determinante. Em relação à análise dos adversários, a mim interessa-me perceber por exemplo, como é que eles gerem/defendem os espaços entrelinhas, porque é um espaço que eu acho determinante para criar determinado tipo de jogo. Por isso, é muito importante perceber a forma como eles gerem, pressionam e fecham aquele espaço. É importante também perceber como é que eles fecham o espaço nas costas dos laterais, se fecham, se não fecham, se o lateral salta fora da posição e abre espaços, se os médios seguem em marcação ou se ficam mais posicionais. Tudo isto é gestão dos espaços e isso é determinante.

Na sua opinião existem espaços mais valiosos no jogo de futebol?

Eu quando fiz o meu trabalho de final de curso, falei de quatro aspetos que são comuns nas equipas de top. Um deles é o controlo do meio-campo e desde esses anos todos, sempre que revejo o trabalho e essas conclusões, tenho cada vez mais a certeza que o controlo do meio-campo, daquele espaço entre a linha do meio-campo quase até ao último terço do campo adversário, para mim esse espaço é determinante na forma como eu vejo o jogo. Eu vejo muitas equipas e isto foi uma discussão que tive com o Van Gall, estávamos a analisar o Portugal vs Espanha do Mundial e ele estava-me a dizer que gostou de Espanha, porque estava no registo de passe e eu estava-lhe a dizer que esse registo de passe era interessante, mas que eu não gostei propriamente, porque eles não estavam a controlar o meio-campo.

Para mim o controlo do meio-campo não tem a ver com o posicionares muitos jogadores lá dentro, tem a ver com a forma como tu geres esse espaço. Como é



que tu pões lá os jogadores, em que momentos e depois o que fazes quando a bola lá chega.

Por exemplo, o que aconteceu com a Espanha, era veres o Iniesta a vir curto buscar a bola à posição do lateral porque não havia muito espaço, Portugal estava compacto. O Iniesta começa a vir mais curto, mas perde-se uma referência de passe no meio e a bola tem tendência a andar por fora. Isso para mim não é aquele tipo de jogo que te vai dar a produção ofensiva, que uma equipa como a Espanha precisa.

É esta ideia que eu tenho do jogo ofensivo, tu necessitas de controlar esse espaço, e defensivamente também. Vi um outro jogo, um *City vs Stoke*, o *City* no seu registo de posse de bola, o *Stoke* num 1x4x3x3 muito compacto com o três do meio-campo completamente em linha em frente à defesa, quase três médios defensivos. Mas teve coisas muito interessantes defensivamente o *Stoke*, porque controlou o espaço defensivo do meio-campo deles. O *City* acabou por marcar apenas por num erro do lateral, porque o jogo em si não foi tão dominante e ofensivo por parte do *City*, porque eles não conseguiram controlar esse espaço. Aliás, o *Stoke* tem duas oportunidades, que se tem um ponta de lança de qualidade superior, o *City* tinha sofrido golo. Durante o jogo foi esse registo, sofreram e tiveram que se expor um pouco mais, mas mesmo assim aquele espaço do meio-campo estava controlado. Para mim esse espaço é determinante, como tu o usas e como tu usas depois o espaço exterior para usar esse espaço interior, porque às vezes quando não há o espaço interior, tens que abrir para criar espaços por dentro.

Reconhece alguma relação entre determinados espaços com certo tipo de desequilíbrios?

Jogar é gerir espaços e obviamente que há espaços que são mais difíceis de defender, pela exigência que têm em termos defensivos. Por exemplo, se uma equipa defende relativamente alta...qual é o espaço mais.... Primeiro temos de pensar numa coisa, temos de pensar o jogo em função da baliza e do golo. Então



eu procuro a forma mais fácil de lá chegar, que por vezes não é mais a direta, mas por vezes é e às vezes esquecemo-nos um bocadinho disso.

Por exemplo, um dos pontos mais frágeis é as costas da defesa. Se a linha defensiva está subida, é um dos espaços à partida vulneráveis que tu tens de explorar e que por vezes se perde com a ideia do futebol de toque. Por exemplo, com uma bola nas costas da defesa, e o Barcelona com o Valverde tem coisas interessantes e com o Luís Enrique já tinha isso.

Por exemplo, isso era uma das minha batalhas, nós tínhamos na China um jogador que é dos jogadores mais rápidos que eu vi até hoje e muitas vezes não tirava proveito dessa vantagem. Porquê? Há quase uma síndrome do jogo da posse, de tocar e tocar, e tu como equipa superior quase que tens obrigação de tocar bola. Mas, por lado vêes o *Liverpool* que tem uma objetividade incrível e por vezes uma bola nas costas até para obrigar... se tu és defesa central e estás confortável porque só estão a tocar, mas de repente metem-te uma bolas nas costas, que até pode não criar nada, mas o gajo correu atrás da bola, na segunda já não sabem se ele vai meter a bola ou não... Depois o que acontece, o alas fazem movimentos, não metem uma bola, não metem duas, três, já não vão à quarta e depois querem é receber no pé e começam a ir curto e então fica confortável a linha.

A forma como tens de desequilibrar é variáveis curto/longo para ameaçar de outra forma.

Pronto, para mim é um espaço importante que é de certa forma débil, porque é um espaço difícil de se defender. Estamos a falar de um espaço de 30 ou 40 metros se a linha estiver subida para as defesas centrais e que têm a questão dos apoios, têm de ter ali algumas preocupações.

Depois há o espaço entre central e lateral, por causa da comunicação que pode haver ou não entre central e lateral e nas costas do lateral, para além dos espaços entrelinhas que falei anteriormente.

Por exemplo, quando eu analisava o adversário e falava dos espaços entrelinhas, interessava-me saber por exemplo se o central deles vem pressionar entrelinhas. Se pressionar entrelinhas, vai abrir um espaço nas costas e então



temos de arranjar uma forma de explorar esse espaço nas costas do central. Mesmo para o lateral, se o nosso ala recebe um bocado mais curto junto à linha e o lateral salta vai criar espaço nas costas, esse espaço nas costas se é um médio ou um ponta de lança que faz um movimento, provavelmente se recebe sozinho muito bem, se não recebe sozinho vai arrastar um central. O central normalmente em largura não vai ser tão forte, como por exemplo um lateral em 1x1. Se o nosso jogador for forte no 1x1, há logo a possibilidade de criar um desequilíbrio, tiraste um jogador da área que é forte no jogo aéreo muito provavelmente. Ou seja, qualquer bola na área, um cruzamento, já só vai estar um outro central que é mais forte no jogo aéreo. É óbvio que vais querer meter um 6 ou um médio, mas esse por vezes não chega a tempo porque está confortável, fica um metro à frente, mas um metro à frente não é a mesma coisa, ele tem de assumir a função de central. Tudo isto pode criar desequilíbrios, o espaço central-lateral, costas do lateral, entrelinhas e as costas da defesa.

Na sua monografia evidencia várias vezes a seguinte frase: “É tão importante o espaço que se preenche como o espaço que se deixa livre”. Passados vários anos e um conjunto de experiências a top, o que pensa agora desta ideia?

A ideia mantém-se, há algumas ideias que vou revendo e cada vez mais tenho convicção delas. Algumas foram ajustadas, mas esta é uma daquelas que tenho convicção, porque tem a ver com uma coisa muito importante, que é a mobilidade. Daí que diga que o espaço que se preenche é tão importante como o espaço que se deixa livre, porque isto implica toda uma dinâmica de movimentos e tu logo à partida podes ver a qualidade de uma equipa e aqui quando eu falo em qualidade de uma equipa, tem a ver com a ideia que tenho de futebol, que procura o golo com muita frequência, que pensa o jogo em função do golo como te disse anteriormente.

A mobilidade nesse aspeto é determinante, porque o Nápoles do Sarri, eles não paravam... Ou seja, é tão importante eu estar aqui, como não estar e então o espaço fica livre porque vem outro e isto é gestão do espaço também, porque tu



se ficas parado dás-te à marcação. É muito mais fácil para ao adversário ter essa referência defensiva, se tu estiveres naquele espaço parado, do que se estiveres em movimento. Acho que esta ideia tem muito a ver com a mobilidade da equipa, dos jogadores, para receber no pé, para criar espaço, para receber no espaço... E isto não é só uma questão mais individual da mobilidade dos jogadores, mas também a questão do controlo do meio-campo, que não é feito pela aglomeração de jogadores. Por vezes podes até ter menos jogadores, o espaço pode estar relativamente livre, o que conta saber é em que momento queres que alguém lá esteja. Por vezes é tão importante deixá-lo livre porque não queres ninguém marcado naquele espaço, por exemplo no espaço entrelinhas. Porque tu sabes que se puseres lá algum jogador vais dar referência, agora há um timing para ele aparecer, portanto tudo isto tem a ver com o modo como tu vês o jogo e onde tu queres entrar. Para mim, o controlo do meio-campo tem a ver com isso, com esse estar ou não estar e em que momento.

Os momentos de jogo, nas melhores equipas apresentam uma articulação muito forte entre si. Que implicações tem isso para o treino e no modo como se analisa?

Eu gosto muito de um treinador, que conheço pessoalmente e já tive a felicidade de falar com ele, que é o Lillo que agora está no Japão. Não sei se serão exatamente estas palavras, mas ele diz que um dos grandes problemas da análise do jogo é analisar os momentos como se fossem algo estaque. Isso é muito perigoso até mesmo na forma como depois pensar e fazer o treino. É de tal forma fluído o jogo, que esta questão dos momentos de jogo só te pode servir para sistematizares as tuas ideias. O treino em si, a operacionalização não pode ser feita de forma estanque, por momentos. Ainda que tu possas fazer e tentar explicar a um jogador, a coisa está de tal forma relacionada que é quase impossível fazeres uma coisa separada. O que o Lillo diz não é nada de novo, mas isto é como tudo, há coisas que eu ao longo destes anos fui sentindo que alguém já tinha dito, aquelas referências que vou tendo e me interessa ouvir, e que eu ouvi e percebi, mas só senti com a experiência. Então, há determinados



momentos que com a experiência fui constatando que realmente não faz sentido nenhum estar a separar. Contra mim falo, que na altura da monografia fiz algumas categorizações que podem ser perigosas se forem interpretadas de outra forma, porque aquilo tem sentido para mim da forma como eu penso.

Como prepara a observação dos próximos adversários? No alto nível, o tempo que medeia dois jogos é cada vez menor. Que implicações tem isso nesse processo?

O Kasparov diz uma coisa que é antes de conheceres o adversário, tens que ver muito mais de ti. Ou seja, isto acontece no futebol, tu antes de analisar o adversário tens que te analisar a ti próprio muito bem, a tua equipa. Isso passa por uma análise profunda daquilo que é a tua equipa e então quando acontece esta densidade competitiva, a análise da própria equipa, a afinação de determinadas coisas, não quer dizer que o adversário não seja importante, é importante.

Eu costumo dizer uma coisa até, mas em termos globais e não só em relação a esta questão da densidade competitiva. Costumo dizer que o trabalho de análise de jogo do adversário corresponde a 3%, estou a lançar um número para o ar, mas que seja 3% do rendimento final. Esses 3% é óbvio que têm de ser espetacularmente bem feitos, agora tem de ser relativizada a sua importância. Não vamos estar a dar uma importância excessiva quando há coisas que são mais importantes. O que é mais importante? É a equipa, a identidade da equipa, o que é a equipa em si. É óbvio que quando tens esta densidade competitiva se calhar tens uma tendência a valorizar, como não tens tempo para treinar só para recuperar, a análise do adversário pode assumir um bocadinho de espaço maior que normalmente não teria. Não é bem espaço maior, mas como não há mais nada em termos de treino, acabas por usar aquilo quase como o treino.

Qual a importância de atender ao nível e forma de jogar do adversário? Quais são os principais aspetos que tem em atenção quando analisa uma equipa adversária?



A mim interessa-me saber o que é eles querem fazer com bola e o que fazem sem bola. Quando eles estão a atacar interessa-me perceber o que eles fazem e o que nos pode desequilibrar face àquilo que nós somos. Por exemplo, se nós jogamos em 1x4x3x3 e os alas vêm para dentro como é que nós temos de defender o espaço ao lado do pivô? Porque muitas vezes nesse espaço ele pode estar sozinho e então como é que vamos defender um ala que vem para dentro? É obvio que isso são coisas que não podem alterar a ideia geral do nosso jogar. Por isso, para mim a forma como eles defendem um determinado espaço, a forma como eles defendem o espaço entrelinhas, a forma como eles reagem a bolas em profundidade, a forma como eles posicionam a linha. Ou seja, se têm preferência por usar sempre a linha subida, se há um padrão nesses comportamentos, nós temos de encontrar uma solução dentro do que são as nossas ideias para explorar esses espaços.

Da mesma forma o espaço entrelinhas, se é o central, como é que eles vão defender, se é com os dois médios e os têm paralelos, se jogam só com um. É óbvio que tu em termos ofensivos do que é o adversário, dependendo do nível da equipa também não podes sobrevalorizar o que é o adversário. Mais uma vez a questão de partir aos bocadinhos os jogos, tu se partes aos bocadinhos os jogos e mostras muitos bocadinhos bons do adversário do ponto de vista ofensivo, tu podes depois pensar, esta equipa joga muito, porque estás a descontextualizar aquilo que são 90 minutos em pedacinhos de jogo. Por exemplo, mostras uma dinâmica qualquer que eles têm no corredor esquerdo em que eles são fortes e mostras 5 imagens de jogos diferentes...isto até pode provocar algum receio a nível de comportamentos e isto são coisas que tens de gerir com algum cuidado.

De que modo tenta estruturar a representação dos adversários? Por momentos, fases? Pontos fortes/fracos? Ou de outro modo?

Basicamente eu tento perceber como eles querem chegar ao golo, como é que eles querem ganhar, o que é que eles querem fazer do jogo de uma forma geral.



Se for uma equipa pequena que vai jogar contra uma equipa grande, em que pensam que um ponto é suficiente, estruturam-se para isso e então tu tens de pensar em termos ofensivos como é que vamos encarar o adversário para chegar ao golo, tendo em conta que ele se vai posicionar de determinada forma. Ou seja, tudo para mim tem a ver com o golo, com a forma como tu lá queres chegar e como queres proteger a tua baliza. É óbvio que tu para proteger a tua baliza, vais ter de perceber muito bem quais são os pontos fortes ofensivos do adversário na tentativa de chegar ao golo. Por outro lado, tentar perceber quais são os pontos fracos na forma como ele se organiza, para chegarmos à baliza deles. Agora eu para mim sistematizo as coisas de alguma forma, não é só eles mandam a bola para a frente e segunda bola e golo. Não, é óbvio que isto tem a ver com um estado de organização. Por exemplo, se nós queremos pressionar alto e eles saem em curto, isto implica uma forma de nós nos posicionarmos quando eles estão a sair curto. Ok, como é que nós nos vamos posicionar? Interessa-nos por exemplo perceber, qual é o melhor central? Há um central que sai melhor? O que é que nós queremos com isso, queremos ganhar bola? Ou queremos que eles saiam para entrarem numa posição um bocadinho mais frágil e apertar para sair, como é o caso do Liverpool. Passa muito por aí. Por exemplo, bloco médio o que é que nos interessa, onde é que estão os pontos fracos? Nós baixamos e eles conseguem sair ou então têm a bola controlada e nós não conseguimos ganhar e baixamos. Eu penso nisto, mas sei que está tudo completamente ligado, não se pode é transmitir a ideia de estar dividido quando não o está. Agora isso para ti tem de estar sistematizado, porque senão perdeste no meio de tantas ideias e mesmo em termos ofensivos. Para mim eu tenho a parte das saídas curtas, depois tens a variação com longo, tens a forma como te organizas quando o adversário baixou as linhas. Como é que tu queres entrar, se queres entrar mais pelos corredores, óbvio que isto depende sempre dos jogadores que tens, mas se queres entrar mais pelos corredores porque reconheces que eles fecham bem o meio-campo, então ok vais tentar forçar um pouco a entrada pelos corredores ou então vais forçar a entrada mas depois vens para dentro porque vais querer entrar por aí para controlar esse espaço



interior. Depois claro, como é que defendem no último terço, como é que se posicionam nesse espaço.

Na sua opinião, qual a importância da dimensão estratégica nas equipas de Top? O que pensa da dimensão estratégica e da sua interação com a dimensão tática? Que cuidados a ter nesta relação?

Se leres a bibliografia de tudo o que é relacionado com “Artes de Guerra” e xadrez, tu vês que o conceito de tática normalmente é oposto àquele que nós usamos. Aquilo a que eles chamam de tática nós no futebol chamamos de estratégia e aquilo que se chama de estratégia nós chamamos de tática. Basicamente, tática é a tua visão, a visão que tu queres, aquilo que tu olhas para a frente e pensas quero chegar aqui e a estratégia é as variações que tu podes fazer a isso, mas sem perderes as referências finais. Agora é importante que uma coisa nunca se sobressaia, porque a estratégia pode estar ao nível do detalhe e o detalhe nunca se pode sobrepor aqueles que são os pilares fundamentais da tua ideia, da tua tática chamemo-lo assim. A tática define o teu objetivo e o teu objetivo é o teu caminho, que depois vai ter essas derivações. Isto é um pouco como o professor Frade quando fala dos carros de fórmula 1, qualquer detalhe num carro de fórmula 1 faz a diferença e que seja só 5% da representação de uma performance, esses 5% têm que estar ao nível top e eles podem ser a diferença entre a vitória ou a derrota, daí a parte estratégica ter uma importância grande. É preciso é termos muito cuidado em tudo, não se pode sobrevalorizar coisas quando não se tem que as sobrevalorizar.

Quais as relações/implicações que a dimensão estratégica tem no vosso processo de treino? De uma forma geral de que modo a informação é transmitida e experienciada na semana de treino?

Eu acredito até pela experiência de ver outros treinadores a treinar, ainda que com diferenças metodológicas, depois os processos não fogem muito uns dos outros em termos de forma global. Agora é óbvio que o conteúdo e a forma como



é transmitida a informação é que é completamente distinta em função das personalidades das equipas.

É tudo feito com um padrão semelhante, e o que é a parte estratégica até é começada a ser transmitida logo no início da semana. Conheço pessoas que até fazem logo os vídeos do adversário. Nós não, começávamos com um vídeo da nossa equipa e não sempre, porque por vezes em termos motivacionais não era uma boa altura para mostrar. Mas pronto, começávamos com uma forma mais de vídeo nosso e depois dando feedbacks mais globais durante a semana do que poderá ser o adversário e à medida que vai chegando o final da semana e se vai aproximando o jogo vamos direcionando um pouco mais específico para o adversário. Com a criação de alguns exercícios, ou algumas variações de exercícios que têm o adversário em mente, e depois com o feedback individual mais comigo, para dar algumas coisas mais individuais aos jogadores, sobretudo aos que têm mais interesse. Por exemplo, os centrais verem como jogam os pontas de lança e pronto, passa muito por aí.

Na sua opinião, que ideias/referenciais caracterizam as equipas de top na sua organização defensiva?

Para mim eu não tenho dúvidas que a pressão que uma equipa faz, a forma intencional como pressiona e temos o exemplo do Liverpool, que tem uma forma inteligente de usar a pressão. A forma como tu consegues pressionar a bola, condicionando o espaço para o adversário jogar para mim é determinante. Depois tens pessoas como o Bielsa que tem muito ideias de marcação individual que por vezes parecem-me um bocado excessivas, porque perde-se um bocado o sentido coletivo. Porque saíres da posição quase que em marcação individual, se alguém não fechar o espaço ou condicionas e consegues matá-los, mas não acontece isso sempre e por isso é que tem de haver sempre uma intenção coletiva de pressão e não tanto no meu entender individual. Mas sim, em termos defensivos a pressão, a forma como pressionas é determinante.



Esses referenciais têm sempre a mesma “articulação” em todas as situações de jogo?

Na forma como tu vais pressionar uma saída curta, tens determinados referenciais enquanto intenção coletiva, diferentes do que se fores recuperar uma bola alta. Mas, se estiveres num bloco médio as referências de pressão são completamente diferentes. Há uma coisa que me esquecia de dizer até em relação aos referenciais das equipas top, que tem a ver com a marcação. Eu acho que a marcação também é muito importante e não me refiro no sentido de andar atrás a perseguir. O Van Gall disse-me uma coisa muito boa, que é marcação individual zonal. Tu sabes que o adversário tem um 10 que é muito bom e criativo ou um jogador que realmente desequilibra por dentro e então tu sabes que não lhe podes dar espaço. Sabes que vais ter de o pressionar e marcar se calhar quase para não receber a bola. Uma pressão ao portador da bola e depois ao outro jogador, para tentar condiciona-lo o máximo possível para que não receba a bola. Então, o que vai acontecer é que se souberes que realmente há um jogador determinante no processo ofensivo de uma equipa pela influência que tem. Eu não digo que tens de fazer uma marcação individual, mas tens de dizer à tua linha defensiva e média, aos jogadores que participem nesse processo que este jogador sempre que estiver na vossa zona, têm que o marcar. Têm que o marcar porque ele não pode receber a bola.

Isto é uma forma interessante de interpretar a marcação, porque não é uma marcação individual no sentido de acompanhar para todo o lado, mas é uma pressão individual zonal como o Van Gall referiu. Acaba por ser uma marcação individual, mas tem a ver com toda uma estratégia. Para mim há dois aspetos, podes levar para o lado micro, que é a pressão individual e marcação, que tudo tem de ser enquadrada numa intenção coletiva. A marcação e a pressão têm de ter uma intenção coletiva. Se vais na pressão de acompanhar de uma forma cega, não estás a fazer uma gestão correta dos espaços. Se vais numa pressão individual, se vais homem a homem a todo o campo não vais conseguir gerir bem os espaços, porque necessariamente se vão abrir espaços e basta um falhar que se desmonta tudo.



O que pensa da seguinte frase de Jorge Jesus: “Há determinadas zonas em que o elemento adversário deve assumir maior preponderância...”

A primeira pergunta se me recordo falava da importância do espaço, mas não é gerir um espaço vazio, é um espaço onde há adversários, companheiros de equipa, existe toda uma dinâmica.

Não sei se posso ser concreto ao ponto de dizer em que espaços ou zonas o elemento adversário deve assumir maior preponderância, porque tudo é gestão de espaço. Não vejo isso dessa forma, porque há situações, por exemplo, defesa de cruzamentos, na proteção da zona frontal, tu se calhar aí pedes aos teus defesas ou aos jogadores que estiverem dentro da área para fazer uma marcação ao homem. Faz sentido no meu ponto de vista algumas dessas preocupações com o adversário. Também te tinha falado de uma ideia que o Van Gall me transmitiu e que achei muito interessante, que era tu realmente identificares no adversário um jogador que faz a diferença na dinâmica da equipa deles e então sabes que a partir do momento que identificas o jogador e os espaços onde cria mais perigo, tu dizes aos jogadores que controlam esses espaços que quando esse jogador lá entrar, têm de apertar e de limitar o espaço a esse jogador.

Na nossa opinião existiu uma evolução na qualidade defensiva das equipas em geral. Concorda? Em que aspetos? Que implicações tem isso ao nível da organização ofensiva? Necessidade de novas soluções, mais variabilidade?



Concordo, eu não sei se já tinha referenciado esta ideia que eu tenho, o jogo evolui, e quando digo evoluir não significa que fique melhor ou pior, digo de aparecerem coisas diferentes em termos de comportamentos.

Quando as equipas conseguem encontrar o “antídoto” para as melhores equipas ofensivas, por exemplo, tens o Barcelona do Guardiola e a determinada altura começa a haver uma certa capacidade de outras equipas fazerem frente ao Barcelona. Mas não é pela capacidade de terem a bola, é pela capacidade de estarem organizadas defensivamente e de conseguirem limitar os espaços àqueles jogadores e nesses momentos é que acho que há procura de novas soluções. Seja colocar o Messi a ponta de lança, seja começar a jogar com os alas trocados, alas a vir para dentro, ou alas puros a jogar na linha como no Bayern de Munique ou laterais que vão para a posição de médio.

Tudo isso são variações, ou seja, são pequenas nuances em função da organização defensiva dos adversários, que conseguem encontrar antídotos para determinado jogo, e depois há uma necessidade de reinventar, reformular, acho que é por aí que tem evoluído a organização ofensiva.

Há equipas mais compactas e muita maior disponibilidade dos jogadores para defender, para estar muito tempo sem bola, para pressionar... Por exemplo há pouco estávamos a ver o 10 do Espanyol que não é bem um 10 puro, o criativo que até fica um bocadinho dispensado das tarefas defensivas, mas não, neste caso é um jogador que tem de trabalhar defensivamente, senão não vai ter espaço.

Na sua opinião que características têm as equipas de top relativamente à sua organização ofensiva?

Primeiro eu acho que é a objetividade que têm no jogo ofensivo, ou seja, tudo o que fazem é em função de procurar o golo ou de criar situações de finalização. Depois questões como o jogo posicional, que assume preponderância quando se tenta jogar de determinada forma.



Para mim, eu continuo a achar e eu evidenciei isso na minha monografia, o controlo do meio campo e a capacidade de jogar por dentro é determinante numa equipa de top. Não é que todas as equipas de top neste momento o façam, mas para mim isso é uma característica fundamental para uma equipa de top. Aliás para qualquer equipa, mas para uma equipa de top ainda mais, porque tem muitas implicações naquilo que consegues criar e fazer.

Qual a importância dos momentos de “aceleração” em organização ofensiva?

Os momentos de aceleração é a capacidade de tu teres clareza naquilo que queres e se tu queres ir para o golo e há um espaço, tu tens de acelerar. Às vezes há a vertigem pelo rápido, pela aceleração, mas quando tu estás em organização ofensiva nem sempre há tantos espaços, só que há momentos em que tens de acelerar porque os espaços estão lá. Por exemplo, tu vês muitas vezes que os médios têm oportunidade para acelerar quando estão por dentro. Quando é que eles têm oportunidade para acelerar quando estão por dentro? Quando conseguem estar orientados para a baliza e identificar os espaços, que até já podem ter sido identificados antes. Nesse momento eles fazem passe para acelerar o jogo, agora o que acontece muitas vezes é que os espaços estão lá, os médios até têm espaço para receber e rodar mas não identificam esses momentos, esse timing de fazer esses passes... Acho que isso é uma coisa que tem necessariamente que ser melhor quando se quer um jogo de qualidade. Agora, definitivamente que há momentos para acelerar e criar desequilíbrios, independentemente até do bloco adversário. Se está em bloco baixo há momentos para acelerar, se é um bloco médio há momentos para acelerar diferentes, é preciso é saber identificar os timings porque como é óbvio quando o adversário está em bloco baixo, os timings são diferentes, os espaços não são os mesmos. Quando o adversário está em bloco alto para acelerar basta lançar uma bola nas costas da defesa, o que é preciso é identificar esses momentos.



Qual a importância que atribui à análise da própria equipa e que relação tem esta com o vosso processo de treino?

Para mim a análise da própria equipa é mais importante que qualquer outro tipo de análise que possas fazer, porque é aquilo que permite aferir. O jogo é o momento de avaliação daquilo que tu fazes durante a semana de treinos, por isso, tu depois para aferir aquilo que fizeste no jogo, tens que analisar.

E não basta uma primeira análise feita durante o jogo, mas sim uma análise à posteriori onde definitivamente vês coisas que não viste durante o jogo.

A relação com o processo de treino é determinante, se é através dessa análise que tu vais aferir o estado da equipa, é também daí que vais aferir os conteúdos para treinar durante a semana de treinos, por isso no meu ponto de vista é determinante.

A análise da própria equipa é importante que seja feita por toda a gente do staff, porque todos os adjuntos têm competências diferentes. Por isso, é importante que eles analisem o jogo a partir das competências que têm, porque te dá perspetivas diferentes. Todas essas perspetivas juntas, dá-te uma análise muito mais rica do que se for só aquela do treinador ou do observador.

Qual a importância que atribui à análise do processo de treino?

Era algo que nós fazíamos algumas vezes, sobretudo quando precisávamos. Nós filmávamos sempre, não víamos sempre, mas regularmente víamos os treinos.

Na preparação para alguns jogos, em que tínhamos alguns exercícios aos quais íamos buscar determinadas imagens, para dizer que face a isto do adversário nós queremos estes comportamentos, que até já tinham sido trabalhados durante a semana em função daquilo que também se queria nesse fim de semana e então, na análise implica retirar alguma imagem dos treinos para mostrar aos jogadores. É óbvio também que também te permite aferir, mas é preciso também ter algum cuidado porque depois ficas com uma grande quantidade de informação. Ter em atenção alguns exercícios que são mais ricos em termos de conteúdo. Se corrigires alguma coisa ao jogador durante o



exercício, se calhar se conseguires retirar algumas imagens para lhe mostrar ajuda na força do feedback que passas ao jogador.

Qual a importância do analista ser alguém com capacidade para indicar ideias/soluções ao treinador principal (para o jogo e para o treino) face às informações retiradas da análise da própria equipa e do adversário?

O analista tem as diferentes perspetivas como observador de adversários ou observador da própria equipa, faço um bocadinho essa distinção, mas eu acho que é determinante a opinião de ambos porque fazem um estudo muito aprofundado do jogo.

O que é muito importante é que o observador tenha uma ligação ao processo de treino. Uma das necessidades que tive quando procurei ir mais para o terreno era exatamente isso. Ok, eu estava a analisar o jogo e sentia já cheguei a um patamar, não de excelência não é esse o ponto, mas cheguei a um patamar onde já não estava a evoluir tanto em termos do próprio conhecimento do jogo, estagnou. Então tive necessidade do campo e partir desse momento tu até reformulas muitas coisas.

Eu acho que a opinião do analista é fundamental pelo conhecimento que tem do jogo, das equipas, seja do adversário ou da própria equipa, agora se o analista conseguir fazer a ligação ao treino, esse conhecimento fica ainda mais rico e valioso do meu ponto de vista. Porque no fundo um analista deve ser visto como um adjunto e não como um analista. Se agora há aquela questão da não existência dos preparadores físicos que faz sentido numa forma de pensar o processo de treino, também faz sentido não pensar o analista como uma função separada.

Daniel, que evolução sentiu na maneira como perceciona e filtra o jogo ao longo da sua carreira? Mudou de forma significativa a sua forma de interpretação?

Mudou sobretudo a partir do momento em que vou para o terreno porque há coisas que quando estás a analisar o jogo te fazem sentido, e depois na prática



na fazem tanto sentido ou até reformulas. A partir daí eu tive a oportunidade de reformular várias ideias que tinha, algumas de as consolidar e outras de ganharem ainda mais força. Ou seja, há um momento determinante que é a passagem para o terreno e que faz muita diferença, depois a partir daí foi toda a consolidação e reformulação.